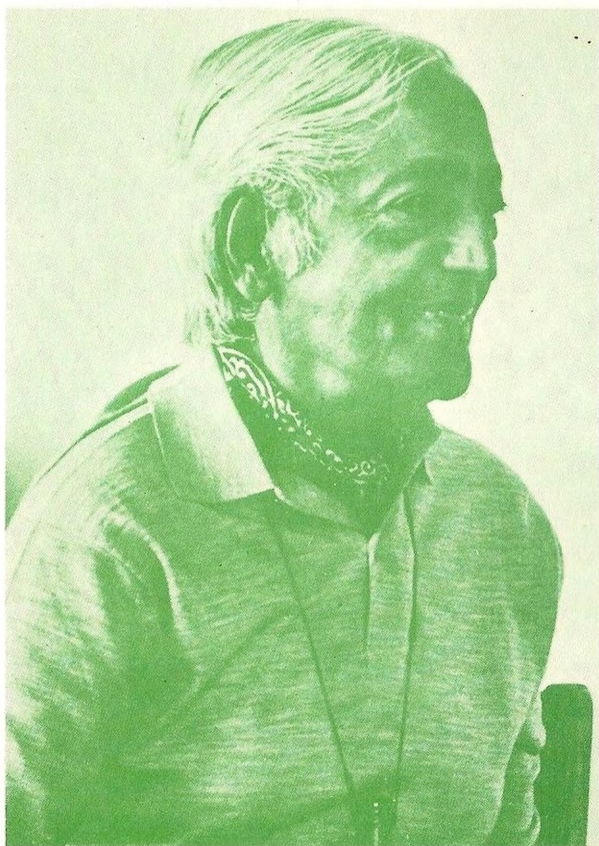
O NOVO ENTE HUMANO

KRISHNAMURTI

ICK

O NOVO ENTE HUMANO

KRISHNAMURTI

Perante numerosos auditórios pronunciou Krishnamurti, em 1970 e 1971, uma série de palestras em Nova Deli, Madrasta, Bangalore e Bombaim, Índia. A I.C.K. apresenta aqui a versão brasileira desse importante trabalho, executada pelo seu tradutor oficial, Hugo Veloso.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro

O novo ente humano

KRISHNAMURTI

O NOVO ENTE HUMANO

Prossegue Krishnamurti em suas palestras públicas realizadas anualmente em várias partes do mundo, seja em Saanen (Suíça), seja em Brockwood Park (Inglaterra), seja ainda em cidades da Índia ou em Ojai, Califórnia, Estados Unidos da América.

Aqui se reúnem, em tradução de Hugo Veloso, as quinze conferências proferidas por esse pensador em Nova Deli, Madrasta, Bangalore e Bombaim nos anos de 1970 e 1971, nas quais volta a ressaltar a necessidade de nos conhecermos profundamente, visto que só o "autoconhecimento" nos faculta sabedoria.

O firme propósito de Krishnamurti é contribuir para a libertação interior do homem, pois, faltando-lhe essa liberdade, não poderá compreender-se, amar e ser feliz. Ao contrário, permanecerá imaturo e desnorteado, insatisfeito e contraditório, sem saber o que deseja nem o que quer, buscando de todos os modos, fora de si, um impossível preenchimento.

Nos dias de hoje, raríssimos são os que percebem em si a dependência psicológica, a prisão de seus condicionamentos, causadores de intranqüilidade, amargura, tédio, inveja, temores e frustrações, isto é, de sentimentos que os fazem ter da vida uma pálida visão.

Aponta-nos esta obra as principais causas da crise humana contemporânea e, embora não apresente os meios diretos de solucioná-la, tem inegavelmente a virtude de esclarecer-nos mentalmente e de nos desbravar o caminho para que nós mesmos o palmilhemos na acertada direção. Ela é para nós um toque eficaz, sus-

(*Continua na outra dobra*)

cetível de propiciar-nos completa e espiritual renovação, já que nos enseja um benéfico reencontro com nós próprios. E, sem dúvida, mediante constante advertência no pensar e agir de cada momento, passamos a descobrir-nos como realmente somos — e não como desejaríamos ser — para daí começarmos o trabalho individual da necessária transformação.

A verdade, consoante o autor, impende procurá-la de maneira negativa, e não positiva: melhor, negar o falso para desvendar o verdadeiro. Percebendo o que "não é", chegaremos ao que "é", o real. Por outro lado, convém não ignorar, o processo do "pensamento" resulta do passado, das pretéritas experiências, retidas e acumuladas à guisa de memórias, como fardo deformador da presente realidade. No entanto, queremos entender a vida, os seus freqüentes desafios, com esse peso do passado. Cumpre, assim, apagarmo-lo de nossas lembranças, esquecendo-o de vez, porque só com a mente desimpedida, livre, superaremos as vicissitudes da existência e não nos envolveremos na confusão do mundo.

É simples e simultaneamente complexo o ensino de Krishnamurti. Exprime, a rigor, lições de uma psicologia efetiva, válida em qualquer circunstância, tanto nos abre os olhos para os numerosos enigmas da limitada psique, do nosso ego, gerador de medo, ânsias, conflitos.

Iniciemos a leitura destas páginas de coração aberto e atentos a seu objetivo básico — o de provocar-nos a libertação total. Trata-se de algo intrinsecamente relevante, pois, libertando-nos, saberemos como evitar ou resolver os pequenos e grandes problemas do viver. Conseqüentemente, haverá paz e plenitude em nosso interior e, então, talvez alcancemos o bem supremo — a felicidade.

OUTRAS OBRAS DE JIDDU KRISHNAMURTI PUBLICADAS PELA I.C.K.

A Questão do Impossível
A Outra Margem do Caminho
A Luz que não se Apaga
Como Viver neste Mundo
Encontro com o Eterno
O Descobrimento do Amor
Experimente um Novo Caminho
Da Solidão à Plenitude Humana
O Despertar da Sensibilidade
Transformação Fundamental
Que Estamos Buscando?
Da Insatisfação à Felicidade
Verdade Libertadora
Viver sem Temor
O Homem e seus Desejos em Conflito
A Busca (versos livres)
A Canção da Vida (versos livres)

A Editora Cultrix vem cooperando com a I.C.K. na divulgação da mensagem de Krishnamurti em nosso idioma e, assim, por ela já foram editados os seguintes livros desse pensador:

O Passo Decisivo
A Suprema Realização
A Importância da Transformação
O Mistério da Compreensão
A Cultura e o Problema Humano
A Educação e o Significado da Vida
A Primeira e Última Liberdade
Comentários sobre o Viver
Diálogos sobre a Vida
Reflexões sobre a Vida
Uma Nova Maneira de Agir

J. KRISHNAMURTI

O NOVO ENTE HUMANO

Tradução
de
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Pres. Vargas, 418, sala 1109
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro
Tel. 223-8856

ÍNDICE

Palestras em

NOVA DELI

TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA

(Nova Deli — I)

UMA das coisas mais difíceis é aprender a "estar em comunicação". Isso significa compartilhar um problema de interesse geral, sobre ele pensar juntos. Eis o que implica a palavra "comunicação" — tomar para exame um problema e, em comum, considerá-lo atentamente. Vamos, pois, conjuntamente, examinar um problema, o que significa que tomareis parte no exame, em vez de vos limitardes a aceitar, a rejeitar, a concordar ou discordar; por conseguinte, cabe-vos tanta responsabilidade quanto ao orador.

O problema que vamos considerar é a questão da transformação. Percorrendo-se o mundo, pode-se observar, em toda parte, uma coisa de interesse comum: a necessidade de uma tremenda revolução, não revolução física — lançar bombas, derramar sangue, revoltar-se — porque toda revolução física acaba sempre em ditadura burocrática ou na tirania de uns poucos. Eis um fato histórico, que nem é necessário considerar; o que devemos considerar, juntos, é a questão da revolução interior. Fazem-se mister transformações amplas e profundas, não só na estrutura externa da sociedade, mas também em nosso interior, porque a sociedade em que estamos vivendo, a cultura em que fomos criados, faz parte de nós mesmos. A estrutura social, a cultura é coisa criada por nós.

Somos, pois, a cultura, e a cultura *é* nós; somos o mundo, e o mundo *é* nós. Se nascestes numa determinada cultura, sois representante dessa cultura, sois uma parte dela e, para poderdes transformar-lhe a estrutura, tendes de transformar a vós mesmo. Uma mente confusa, com tendências ideológicas ou profundas convicções, nenhuma possibilidade tem de alterar ou produzir

qualquer mudança na estrutura social. Isso deve parecer-vos suficientemente claro, ou seja que vós sois o mundo, não abstratamente, não como idéia, porém, na realidade. Se alterardes a estrutura social em vosso estado de confusão, com vossas crenças irredutíveis, vossos insignificantes ideais e convicções, só produzireis mais caos e mais aflições.

Nosso problema, pois, é este: se a mente humana poderá passar por uma transformação radical, transformação que não exija nenhum procedimento analítico, nem exija tempo, porém seja instantânea. Tem a mente humana possibilidade de realizar a revolução interior, psicológica? Eis o problema que vamos examinar, participando, todos juntos, nesse exame.

Participar implica que não existe mestre nem discípulo. Nós * não somos vossa autoridade, não vamos mostrar-vos o que deveis fazer, mas o que nos interessa é, tão-só, o exame e a compreensão desse imenso e complexo problema. É de todo necessária uma transformação social, porque a sociedade se acha horrivelmente corrompida. Vê-se tanta injustiça, guerra, brutalidade e violência de toda espécie. E, como os entes humanos que vivem numa determinada cultura, numa determinada sociedade, dela fazem parte, para operar-se aquela radical transformação impõe-se uma revolução interna, na psique.

Cientes disso, ou seja da necessidade de uma revolução radical, psicológica, profunda e, portanto, capaz de influir na sociedade em que vivemos — consideremos juntos esta questão. A revolução deve começar na mente humana, e não na estrutura que a mente humana criou, seja a sociedade comunista, seja a chamada sociedade democrática, a capitalista, a "maoísta". **

Assim, em primeiro lugar perguntamos se a mente humana, que é resultado do tempo, da chamada evolução, que passou por milhares de experiências, se essa mente que tendes — a qual inclui o cérebro, o coração, todo o ser, toda a estrutura do ente humano — pode transformar-se radicalmente, sem para isso depender do ambiente. Vede quanto isto é importante. Se, para transformar-vos, dependeis do ambiente, criado por vós, se dependeis de uma certa estrutura social, estais então enganando a vós mesmo, vivendo numa ilusão, já que criastes tal sociedade.

(*) Primeira pessoa do plural pela primeira do singular ("nós" por "eu").

(**) I.e., a sociedade criada por Mao-Tse-Tung, líder da China comunista. (N. do T.)

Dessarte, como é possível a transformação, se a mente humana se acha tão condicionada? Observando vossa própria mente, podeis ver quanto ela está condicionada, como hinduísta, budista, cristã, comunista, maoísta ou o que mais seja.

Como pode essa mente, o resultado de condicionamento — e condicionamento é o passado — operar em si própria uma total transformação? É disso que vamos tratar nestas palestras. É possível a transformação por meio do processo analítico? Compreendeis? Pode a mente condicionada transformar-se pelo processo analítico, isto é, por meio da análise descobrir uma maneira de operar aquela revolução na psique?

Agora, senhores, ouvindo estas palestras, não estais adquirindo conhecimentos, mas, sim, escutando e observando claramente o que se está dizendo. Há, pois, dois movimentos no aprender. Um deles é o movimento acumulativo. Estudando uma língua, adquiris conhecimentos — que representam o passado — e consoante esses conhecimentos, agis; isto é, agis de acordo com o que aprendestes, e o que aprendestes é o passado. Essa é uma das maneiras de aprender — adquirir conhecimentos e em conformidade com eles agir. Mas, há uma outra espécie de aprender que não é acumulação, porém movimento — ir caminhando e aprendendo.

Perguntamos se a mente pode transformar-se por meio da análise. A análise implica um observador (o analista) e a coisa analisada. Observai em vós mesmo o que estou dizendo, não o escuteis indiferente ou superficialmente. Dizemos que, quando há análise, há o "observador" (o analista) e a coisa que se vai analisar. Nisso há divisão e, sempre que há divisão, há necessariamente conflito, tanto físico como psicológico. Se há divisão, se um é hinduísta e outro muçulmano, há inevitavelmente conflito. E, havendo separação entre o analista e a coisa analisada, não pode deixar de haver conflito: o analista, analisando a coisa que observou em si próprio, tenta corrigi-la, dominá-la, reprimi-la.

Nossa educação social e religiosa, nosso condicionamento, acostumou-nos a analisar passo por passo, a proceder gradualmente. Assim fomos criados, e posso garantir-vos que dessa maneira nunca se produzirá transformação alguma. Análise é adiamento da ação. Pode, pois a análise, esse exame dualista, * produzir uma transformação fundamental? E, quem é o analista?

(*) "Dualista", porque implica "analista" e "coisa analisada". (N. do T.)

Difere ele da coisa analisada? Nossa vida, toda ela, é ação num estado de fragmentação. Somos entes humanos fragmentados, tanto exterior como interiormente. Vede o que está acontecendo na Índia — o Sul contra o Norte, o Este contra o Oeste, brâmanes e antibrâmanes — sabeis de tudo o que se passa neste país. É uma fragmentação contínua, não só politicamente, mas também na religião — católicos contra protestantes, hinduístas contra muçulmanos — e na vida pública e particular. Na vida particular sois uma coisa e, em público, sois outra coisa. Viveis num estado de fragmentação. Observai isto. Eu não vos estou ensinando nada. Podeis ver que isso está sucedendo no mundo inteiro e também dentro em vós, essa fragmentação — observador e coisa observada, analista e coisa analisada.

Mas, o analista é diferente da coisa que ele analisa? O analista examina sua cólera, seu ciúme, sua ambição, sua avidez, sua brutalidade, com o fim de dominá-la, reprimi-la ou a ela resistir. Examina, a fim de produzir um certo resultado, positivo ou negativo. Quem é o examinador e que é a coisa examinada? Seguis o que estou dizendo? Quem é o examinador, quem é o analista? Não é um fragmento dentre muitos fragmentos? Ele poderá chamar a si próprio "superfragmento", denominar-se "mente", "inteligência", mas é sempre um fragmento. Poderá chamar-se *Atman* ou por outro nome — mas não deixa de ser um fragmento. Está bem claro isso? Vós não tendes de concordar ou de discordar, mas, sim, de observar o que se passa em vossa vida, porque é vossa vida, vosso viver que tendes de transformar, e não vossas idéias, vossas conclusões, vossas convicções.

Ora, o observador, o analista, é diferente da coisa analisada? Ou, não são ambos a mesma coisa? Notai, por favor, que muito importa compreender isso, bem clara e profundamente, porque, se ambos são a mesma coisa, cessa o conflito. Entendeis?

Do nascer ao morrer nos vemos em conflito. Vivemos a lutar, e jamais conseguimos resolver esse problema. Mas eu vos digo que, enquanto existir a separação entre o analista e a coisa analisada, haverá inevitavelmente conflito, porque o analista é o passado. O analista adquiriu conhecimentos através de numerosas experiências e influências; ele é o passado, é o censor, que julga, que diz o que é certo, o que é errado, o que deve ser, o que não deve ser.

Provavelmente não estais habituados a esta espécie de exame. Por infelicidade, há gurus demais neste país. Eles vos

disseram o que fazer, o que pensar, que exercícios praticar. São os ditadores e, assim, cessastes de pensar com lucidez. Os gurus destroem, não criam. Se pudésseis ver isso claramente, abandonaríeis toda e qualquer autoridade espiritual e não seguiríeis mais ninguém, inclusive este orador. Poderíeis, então, observar-vos realmente, examinar, descobrir, com vosso coração e vossa mente, porque vós é que tendes de mudar, e não o guru. O homem que afirma ser um guru renunciou à compreensão, afastou-se da verdade.

Como dissemos, o passado, que é o censor, o analista, examina. O passado, pois, cria a divisão. E, também, a análise exige tempo; levais dias, meses, anos, a analisar, a examinar e, por conseguinte, não há ação completa. Compreendei, por favor, que a ação do analista — já que sua mente é retrospectiva e só é capaz de seguir, de funcionar em conformidade com o passado — é sempre incompleta e, conseqüentemente, geradora de confusão e aflição. Deste modo, podeis ver por vós mesmo não ser a análise o caminho certo, porque é retrospectiva, visa a descobrir a causa — e isso leva tempo, muitos dias, muitos meses, e antes de saberdes onde vos encontrais já estais morto.

Percebendo, pois, que a análise não é a maneira de alcançar a liberdade, de a mente tornar-se de todo livre de seu condicionamento, abandonareis completamente o processo analítico. Se vedes o perigo da análise, assim como vedes o perigo de uma serpente, não tocareis mais nela. Vossa mente estará livre da idéia da análise e, portanto, será capaz de olhar noutra direção, porque a antiga direção, a antiga tradição, os métodos e sistemas que seguis, os que os gurus e os livros oferecem, são, tal como a análise, um processo gradual. Ao perceberdes a verdade relativa à análise, dela vos libertareis completamente e vossa mente se tornará, por conseguinte, muito mais penetrante e clara.

A verdade não está longe de nós. Ela se acha à nossa frente, e só temos de saber olhá-la. A mente cheia de preconceitos, conclusões, crenças, não tem nenhuma possibilidade de vê-la; e um dos nossos piores preconceitos é o processo analítico. Percebendo isso, o abandonareis. E, uma vez abandonado, ele não tornará a enredar-vos; nunca mais pensareis com propósitos de ascenção, de repressão, de resistência, porque tudo isso está implicado na análise.

Mas, se a análise não é a maneira de produzir uma revolução radical, psicológica, existe então outra maneira, outro método

ou sistema pelo qual o condicionamento possa ser totalmente rejeitado e a mente libertada? A mente nunca será livre enquanto houver qualquer espécie de esforço; e nós vivemos a fazer esforços, para ser isto, ser aquilo, ter sucesso, "vir a ser". Esforço implica sempre repressão, ou ajustamento, ou resistência. Estais-me acompanhando?

Quer dizer, nós somos escravos do verbo "ser". Não sei se já notastes isso em vós mesmo: pensais que *sereis* alguma coisa, sereis bem-sucedido, *sereis* livre. O verbo "ser" condiciona a mente. Isto é, o verbo "ser" implica o passado, o presente e o futuro — "eu fui", "eu sou", "eu serei". Observai isso em vós mesmo; esse é um dos nossos piores condicionamentos. Ora, pode a mente libertar-se desse movimento? Psicologicamente, existe um amanhã? Sabeis que, pelo relógio, há amanhã, mas existe um amanhã interiormente, psicologicamente, como coisa real e não como pensamento? Só há amanhã, psicologicamente, só há "eu serei", em virtude do condicionamento da mente, aprisionada que está na armadilha do "vir a ser".

Uma das coisas mais deploráveis que se observam neste país é o termos cessado de pensar, de raciocinar. Temos sido nutridos por outros, tornamo-nos entes humanos de segunda mão, e eis porque se tornou tão difícil falar livremente a qualquer pessoa. O que estamos dizendo requer um pensar claro, de parte a parte, porquanto estamos considerando um problema tremendo, que temos de resolver, ou seja que, enquanto houver esse movimento de vir a ser — "serei bom, serei nobre, serei não violento, serei bem sucedido" — enquanto houver esse condicionamento, haverá, necessariamente, conflito. Isso é um fato, não achais? No "vir a ser" há conflito, não? E o conflito deforma a mente. Qualquer espécie de conflito produz a deformação da mente; e pode ela funcionar sã e equilibradamente, com grande amplitude, beleza, inteligência, sem esforço algum? Compreendeis esta pergunta?

Vede, senhor, vossa mente atual — se posso dizê-lo sem nenhum propósito de crítica ou de menosprezo — vossa mente, se a observardes com atenção, está sempre pensando em função do passado ou do futuro — o que ela *será*. Assim como, trabalhando num escritório, pensais em ser gerente, em subir, subir, até vos tornardes diretor, assim também pensais que, interiormente, no fim de certo tempo vos tornareis perfeito, não violento, no fim de certo tempo vivereis em perfeita paz. Tal é vosso hábito, vossa tradição, a base em que fostes educado. E

agora, que vos estamos convidando a olhar as coisas de maneira totalmente diferente, isso vos parecerá dificílimo.

Dizeis a vós próprio: Como poderei viver neste mundo insano sem esforço? Como poderei viver comigo mesmo, dentro em mim, sem o mínimo esforço? Não é isso que perguntais? Não é assim a vossa vida — uma batalha constante, não só porque exteriormente necessitais de segurança, etc., mas também porque, interiormente, aspirais a vir a ser ou ser alguma coisa, transformar-vos, triunfar? E, quando há esforço, em qualquer forma que seja, há inevitavelmente deformação.

Vamos, pois, averiguar se a mente tem possibilidade de viver sem esforço algum e, contudo, funcionar, não vegetar. Compreendestes minha pergunta? Até hoje, só tendes conhecido o esforço, a resistência, a repressão, ou o seguir alguém. E, agora, perguntamos se a mente que aceitou esse sistema, essa tradição, essa maneira de viver, pode cessar todo esforço. Peço-vos compreender que estamos examinando juntos; não estais aprendendo nada de mim. Estais aprendendo pela observação e, por conseguinte, o que aprendeis é vosso, e não meu. Está claro isto?

Há esforço sempre que há dualidade. Dualidade significa contradição ("eu sou" — "eu deveria ser"), desejos contraditórios, propósitos contraditórios, idéias contraditórias. Os entes humanos são, em maioria, violentos. Mas criaram a idéia de não serem violentos, de modo que há uma contradição — o fato e o ideal. O fato é que os entes humanos são violentos, e o que não é fato é a idéia da não violência. Se não tivésseis nenhum ideal, daríeis atenção ao fato, não é verdade? Podeis afastar de todo o ideal e enfrentar "o que é"? Podeis tornar-vos cônscios de vossas convicções, vossas fórmulas, vossos ideais e esperanças? Porque essas coisas vos impedem de ver "o que é" — a violência. Não sabemos o que fazer com a violência e, por conseguinte, temos ideais. Agora, enquanto falamos, afastastes os vossos ideais? Não, não os afastastes; continuais com vossas convicções, e isso significa que viveis de idéias, de palavras. Quando um homem diz: "Estou convencido de 'tal coisa' ", ele, em verdade, não está enfrentando os fatos, não está observando "o que é"; e o homem que deseja transformar-se radicalmente deve observar "o que é". Eis uma das razões por que careceis de energia, de ardor: estais vivendo em alguma vaga abstração.

Ora, pode a mente libertar-se do futuro — o que "sereis"? O futuro é o verbo "ser". Assim, afastado o futuro, o que vos

interessa é "o que é". E surge então o problema: Como observar "o que é"? Vossa mente está, então, clara para olhar. — Mas, se tendes os olhos voltados para alguma parte do futuro, vossa mente não está lúcida. Os idealistas, pois, são os maiores hipócritas do mundo. Se desejo transformar-me, cabe-me enfrentar "o que é", não me interessar pelo que "deveria ser"; não devo achar-me tolhido por conclusões, convicções, fórmulas, sistemas; preciso conhecer "o que é" e saber o que fazer a seu respeito.

Temos, pois, a questão de como observar "o que é". Como sabeis, "o que deveria ser" cria a autoridade. A mente que se libertou do que "deveria ser" não depende de nenhuma autoridade; está, portanto, livre de qualquer suposição que possa gerar a autoridade, livre para observar realmente "o que é". Ora, como observa ela? Qual a relação entre o observador e a coisa observada? Vede que a mente se acha agora livre de todos os ideais, de todas as conclusões, de toda e qualquer autoridade. Só existe a autoridade quando há "vir a ser", quando o guru ou o livro vos diz: "Alcançarás o que desejas se seguires *este* sistema; faze *isto* e obterás *aquilo*" — sempre o futuro, sempre a fuga ao presente, em contraste com a mente livre da autoridade, de qualquer espécie de conceito. Como pode a mente observar "o que é"? "O que é" é isto: os entes humanos são violentos. Podem-se explicar, expor ou descobrir as causas por que os entes humanos se tornaram violentos. Isso é bastante simples e fácil de observar. Podemos ver a violência no animal e, como descendemos do animal, somos agressivos, somos violentos — em parte, também, dada a cultura em que vivemos, pela qual somos responsáveis. O fato, afinal, é que somos violentos.

Pois bem; como é que a mente observa este fato que é a violência? Como a observais vós? Sentis ciúme, cólera, sois invejoso, brutal — como observais esse fato? Vós o fazeis como observador distinto da coisa observada? Isso é divisão. Um observador está observando a violência? É assim que observais, ou vossa observação é um "processo" integral, unitário, isto é, um processo em que não existe separação entre o observador e a coisa observada? Qual é o caso? Observais o fato de que sois violento, ou ávido, medroso, invejoso, etc., separando-vos desse fato, como observador, e dizendo: "Sou diferente da coisa observada"? Ou percebeis que a cólera, o ciúme ou a violência é também uma parte do observador e, por conseguinte, o observador é a coisa observada? Se vedes que não há separação entre o observador e a coisa observada, que a cólera e o ciúme

fazem parte do observador, que o observador é o ciúme, se percebeis esse fato, cessa o conflito.

Existe conflito enquanto há divisão — quando vós sois hinduísta e um outro é muçulmano. Se sois cristão, um é católico, outro é protestante; se sois hindu nacionalista, um outro qualquer pertence a diferente nação. Havendo qualquer espécie de divisão entre vós e outro ente humano, há inevitavelmente conflito. Internamente, existe também divisão: "eu' e minha atividade, "eu" observador, "eu" que "serei". Na divisão, pois, há conflito. A mente em conflito nunca é livre, será sempre uma mente deformada.

Ao dizerdes "compreendo" (não intelectualmente, que não tem valor algum, porém realmente), estais então completamente com a coisa que compreendeis: isso faz parte da meditação. É meditação descobrir uma maneira de viver completamente isenta de conflito, de fuga, de esforço para transportar-se a experiências fantásticas, místicas; descobrir, na vida real de cada dia, a maneira de viver em que vossa mente nunca seja atingida pelo conflito. Isso só acontecerá quando compreenderdes, quando virdes, com o coração, com a mente, com a razão, com tudo o que tendes, que, enquanto há divisão interiormente, na psique (divisão inevitável quando estamos tentando ser alguma coisa — mais nobres, melhores), há necessariamente conflito, o qual vos impede de olhar "o que é".

A bondade jamais pode tornar-se outra coisa. O bom não pode tornar-se melhor. Compreendeis? A bondade existe no agora, floresce no agora, e não no futuro.

Pode, pois, a mente condicionada pelo passado, pela cultura, transformar-se radicalmente, ao perceber a falsidade das ideologias, a falsidade do seguir, do obedecer? Vós obedeceis com o fim de alcançar alguma coisa, não é verdade? Vede a necessidade de vos libertardes totalmente da autoridade. Para compreenderdes a fundo a questão da autoridade, cumpre-vos compreender não só a autoridade da Lei, mas também a autoridade interior, suscitada pela obediência. A palavra "obedecer" deriva do latim, e significa "ouvir". * Ora, quando, vezes sobre vezes, ouvis dizer que necessitais de um guru, pois de outro modo não se pode compreender a vida ou alcançar a iluminação, vos sentis impelido a seguir alguém. Ouvindo tal coisa, repetida sem

(*) *"Obaudire" (ob + audire).* (N. do T.)

cessar, começais, inevitavelmente, a obedecer. Obediência, pois, significa seguir alguém, ou seja uma autoridade; e a mente que, como a vossa, vive na sujeição à autoridade não poderá jamais viver livre e, por conseguinte, sem esforço.

PERGUNTA: Estais empregando as palavras "vós" e "vossa mente"; são sinônimas?

KRISHNAMURTI: É essa a questão? Vós e vossa mente não sois uma só coisa? Achais que sois separado de vossa mente, que sois a "superalma", o *Atman,* e a mente o vosso instrumento? Ora, se sois o *Atman,* esse é um dos vossos condicionamentos, porque no Novo Mundo não se crê tal coisa; lá as pessoas foram educadas para não crerem em nada disso, e, aqui, fostes educado para crer no *Atman.* Só isso, e nada mais. Educaram-vos para crerdes em Deus, e há milhões de pessoas que foram condicionadas para não crerem em Deus. Tanto uns como outros estão condicionados — vós que credes em Deus e os que não crêem em Deus. Estais condicionado e, nesse estado, jamais sabereis o que é a verdade. Tendes de abandonar vossa crença, para poderdes descobrir a verdade. A questão, pois, é esta: Vós sois a vossa mente? Não sois aquilo que pensais ser — *sikh,* * budista, católico, comunista? Se pensais que alcançareis o céu, isso representa vossa idéia do que sois. Assim, porque separais "vós" daquilo que sois?

INTERROGANTE: Dizeis que, quando a mente pára, nada mais resta.

KRISHNAMURTI: Segundo supondes, disse o orador que, "quando a mente pára, nada mais resta". Ele disse isso? Acho que não.

INTERROGANTE: Credes que, além do homem, existe alguma coisa?

KRISHNAMURTI: O orador esteve dizendo: "Não creais, investigai, examinai, descobri por vós mesmos" — e, ao cabo de uma hora e um quarto, lhe perguntais: "Vós credes?". — Vós necessitais de crenças e pensais que, tendo-as, está resolvido o problema. Credes que, além, existe alguma coisa. Nada sabeis a tal respeito, mas credes. Presumis ser real, aceitais como real

(*) "Sikh": aderente do *sikhismo* (seita hinduísta fundada pelo guru Nanak, por volta de 1500 D.C.).

uma coisa a cujo respeito não sabeis absolutamente nada. Como pode uma pessoa confusa, sofredora, amargurada, irritada, descobrir se existe alguma coisa "além"? Mas, vós credes facilmente, porque a crença é um dos vossos meios de fuga e por causa dela podeis brigar uns com os outros interminavelmente.

INTERROGANTE: Podeis fazer-nos participar nisso que chamais "a realidade"?

KRISHNAMURTI: No que eu chamo "realidade"? Senhor, a realidade não é uma opinião. Não é através de opiniões que se alcança a realidade, nem a realidade é alcançável por meio de crenças. A mente deve estar completamente vazia, para descobrir o que é a realidade, e nela não podeis participar se vossa mente não é igualmente ardorosa, apaixonada, livre para olhar. Como podeis participar numa coisa a cujo respeito nada sabeis? Mas, o que todos nós conhecemos em comum é a confusão, o sofrimento, a insignificância de nossa vida. Em vez de tratardes de compreender isso, de libertar-vos disso, desejais saber o que é a verdade. A verdade está onde vos achais — quando a mente está livre de conflito. Ela está à vossa frente, para a verdes.

INTERROGANTE: Vejo que a mente está fragmentada. Bem claramente vejo a divisão — "observador" e "coisa observada" — e o conflito dela resultante. Não sei como unir essas duas coisas.

KRISHNAMURTI: Investiguemos juntos esta questão. Como observais uma árvore? Através de uma imagem, ou seja de vosso conhecimento de determinada árvore — "mangueira", etc.?

Olhais a árvore com a imagem que dela tendes, isto é, o conhecimento que dela tendes? Compreendeis esta pergunta?

Olhais vosso próximo, vossa mulher ou marido, com o conhecimento, a imagem que deles tendes? É assim que olhais, não é verdade? Olhamos um comunista com a idéia, a imagem que temos do "comunista"; ou olhamos um protestante com olhos de católico; ou, sendo hinduístas, olhamos o muçulmano com olhos de hinduísta. Quer dizer, olhamos através de imagens. A imagem divide. Se há vinte anos convivo com minha esposa ou um amigo, tenho, naturalmente, a respeito dessa pessoa, uma imagem formada. Provocações, amizade, companheirismo, sexo, prazer — tudo isso concorreu para a formação dessa imagem, através da qual olho a pessoa. A imagem, pois, divide. Consideremos agora o

observador e a coisa observada. O observador é a imagem, o conhecimento trazido do passado; com essa imagem é que ele olha a coisa observada. Por conseguinte, há separação. Ora, pode a mente libertar-se dessa imagem — de *todas* as imagens?

Pode a mente que se habituou a formar imagens libertar-se dessa atividade? Compreendeis esta pergunta? Isto é, pode o mecanismo que forma a imagem parar? Ora, que mecanismo é esse? Vede, por favor, que estamos examinando juntos; eu não vos estou instruindo; estamo-nos consultando mutuamente. Que é essa imagem, como se produz ela, e que é que a sustenta? Ora, o mecanismo formador da imagem é a desatenção. Compreendeis, senhor?

Vós me insultais ou lisonjeais. Quando me insultais, reajo, e essa reação constitui a imagem. A reação se verifica por não haver atenção. Entendeis? Se não presto "atenção completa" ao vosso insulto, essa falta de atenção gera a imagem. Se me chamais "idiota", eu reajo porque não estou plenamente atento ao que estais dizendo; por conseguinte, forma-se a imagem. Mas, quando estou completamente atento ao que dizeis, nenhuma imagem se forma. Se me lisonjeais, ouço-vos de maneira completa, com "atenção completa"; isso significa prestar atenção sem nenhuma escolha, estar cônscio sem nenhuma escolha; não há então formação de imagens.

Afinal, formar imagens é uma maneira de evitarmos sermos ofendidos. Não trataremos disso agora, porque nos leva a outra questão. Assim, quando alguém vos lisonjear ou insultar, prestai, nesse momento, "atenção completa"; vereis então que nenhuma imagem ficará e, por conseguinte, não haverá separação entre o observador e a coisa observada.

INTERROGANTE: Quando há cólera, não há "observador" nem "coisa observada"; só há a reação de cólera. Mas, quando emprego a palavra "cólera", essa própria definição verbal do sentimento produz o "observador" diferente da "coisa observada".

KRISHNAMURTI: Exatamente. Estais vendo isso? Ou estais ficando cansado? Quando sentis cólera, nesse segundo não há observador nem coisa observada. Mas, se dizeis: 'Não devo encolerizar-me" ou "Não há razão para encolerizar-me", há então observador e coisa observada — divisão. No momento da cólera, não há essa divisão.

Num momento de crise, não há observador nem coisa observada, porque a situação é premente. Mas, como não podemos permanecer nesse estado de aguda intensidade, apelamos para a divisão — observador e coisa observada.

Surge daí uma outra questão: Pode a mente viver sem desafio de espécie alguma? Em geral, nós necessitamos de desafios para não adormecermos. Um desafio é algo que nos impele, que de nós exige alguma ação. Cumpre, pois, investigar se um homem pode viver sem nenhuma espécie de desafio, com a mente totalmente desperta.

INTERROGANTE: Quando estamos atentos, formam-se imagens. É só na desatenção que não há imagens.

KRISHNAMURTI: Considerai isto, senhor: Vós me insultais. Eu reajo. Dizeis que sou "idiota", e eu respondo que sois "outro idiota". Que sucede aí? Com vosso insulto, produzistes na minha mente uma marca, uma "memória". Na próxima ocasião em que me encontro convosco, não sois meu amigo. O insulto deixou sua marca. Se me lisonjeais, a lisonja também deixa marca e, ao encontrar-me convosco, sois meu amigo. Isto é, qualquer impressão que se produz na mente forma uma imagem; e nós estamos dizendo que, quando a mente está povoada de imagens, ela não é livre e, por conseguinte, tendes de viver em conflito.

Nova Deli, 10 de dezembro de 1970.

AGIR SEM CONTRADIÇÃO

(Nova Deli — II)

Em regra, não fazemos perguntas fundamentais e, quando as fazemos, esperamos que outros nos dêem as respostas. Esta tarde, se possível, examinaremos vários problemas que considero fundamentais. Um deles é a fragmentação da vida em atividades várias, opostas umas às outras, contraditórias, e causadoras de enorme confusão. Precisamos saber se existe uma ação que possa englobar todas essas atividades divergentes, contraditórias, fragmentárias, pois, observando nossa própria vida, podemos ver quanto estamos fragmentados — politicamente, religiosamente, artisticamente, cientificamente, comercialmente, etc. — todos esses fragmentos em oposição uns aos outros, em contradição uns com os outros. Existe uma ação capaz de atender totalmente às exigências da vida, sem ser contraditória em si mesma? Não sei se alguma vez, sequer, fizestes tal pergunta.

De modo geral, cada um de nós vive encerrado em sua própria e insignificante atividade e tentando tirar dela o melhor partido possível. Se sois político — e espero não o sejais — dependeis de votos e de tantas outras futilidades existentes no mundo com o nome de política; se sois um indivíduo religioso, tendes crenças várias ou seguis algum método de meditação em contradição com as realidades de vossa vida diária; se sois artista, viveis em vosso mundo próprio, absorto em vossas fantasias, vossa concepção do belo, vossa visão das coisas, etc.; se sois cientista, viveis em vosso laboratório, e fora dele sois um homem como os outros — artificial, competidor, etc.

Assim, diante desses fatos bem conhecidos da maioria de nós, perguntamos: Qual a ação capaz de atender a todas as

exigências e de permanecer não contraditória, integral? Se fizerdes a vós mesmos esta pergunta, tal como a estamos fazendo agora, qual será a vossa resposta? Pois, como dissemos na reunião anterior, estamos aqui compartilhando o problema de nossa vida, não intelectual ou verbalmente, porém *realmente*. E tal é o significado da comunicação: considerar juntos nosso problema comum, que é este: Existe uma ação, uma maneira de viver, em cada dia, que responda à pergunta se vossa vida — quer como artista, quer como cientista, negociante, etc. — pode ser vivida integralmente, sem nenhuma fragmentação e, portanto, sem nenhuma ação contraditória?

Se está clara a pergunta, como iremos descobrir essa ação? Por que método, por que sistema? Se queremos encontrar um método, uma maneira de viver segundo um certo sistema ou padrão, então, esse próprio sistema, esse próprio padrão é contraditório. Peço-vos compreender claramente este ponto. Se sigo um determinado sistema, a fim de produzir uma ação integral, completa, plena, rica, bela, esse sistema ou método se torna mecânico. Por conseguinte, minhas ações serão mecânicas e sempre incompletas. Cabe-me, pois, abandonar toda idéia de sistema, de atividade repetida, mecânica. E cabe-me, igualmente, investigar se o pensamento pode ajudar-nos a criar essa espécie de ação. Compreendeis minha pergunta? Vós viveis fragmentariamente: no escritório sois diferente do que sois em casa; tendes pensamentos "particulares" e pensamentos "públicos". Assim, percebendo a enorme separação e contradição existente entre os fragmentos, perguntamos se o pensamento pode uni-los, efetuar a integração de todos esses elementos. É ele capaz de tanto?

Conseqüentemente, cumpre-nos investigar a natureza e estrutura do pensamento. Pode o pensamento, a atividade pensante, o processo intelectual de raciocinar, produzir uma vida harmoniosa? Para averiguarmos isso, cumpre-nos investigar, examinar atentamente a natureza e estrutura do pensamento; isso significa que iremos examinar juntos o vosso pensar, não a descrição ou a explicação dada pelo orador, porquanto a descrição nunca é a coisa descrita e tampouco a explicação é a coisa explicada. Portanto, não nos deixemos enredar na explicação ou na descrição, mas investiguemos juntos, verifiquemos juntos como o pensamento funciona e se ele é realmente capaz de produzir uma maneira de vida totalmente harmônica, não contraditória, completa em todas as ações. Isso é muito importante, porque,

se desejamos um mundo totalmente transformado, um mundo sem corrupção, uma maneira de vida em si mesma significativa, temos de indagar se o pensamento é capaz de criar tal maneira de vida. E indagar, também, o que é o sofrimento, se ele pode findar, e o que é a dor, o medo, o amor, a morte.

Cabe-nos descobrir por nós mesmos o significado de tudo isso — não em conformidade com algum livro ou com o que disse outra pessoa, pois isso não tem valor algum. O conhecimento, com efeito, tem muita importância e significação. Se desejais ir à Lua, necessitais de extraordinários conhecimentos tecnológicos; para fazerdes qualquer coisa de maneira eficiente e clara, necessitais de abundantes conhecimentos. Mas, esse próprio saber se torna um sério empecilho quando queremos descobrir uma maneira de viver totalmente harmoniosa, porque o saber pertence ao passado. O saber é o passado, e se vivemos de acordo com o passado, então, é óbvio, surge uma contradição: o passado em conflito com o presente. O saber, tal como a tradição, poderia ser útil num certo nível, mas a tradição, se dela nos servimos para atender às exigências do presente, cria confusão e contradição.

Cumpre, pois, investigar a sério a natureza do pensamento.

Que é pensar? Fazei a vós mesmos esta pergunta: Que é pensar? Temos de compreender o significado profundo do pensamento, porque nós vivemos pelo pensamento. Se fazemos qualquer coisa, ou a fazemos refletidamente, ou a fazemos mecanicamente, em conformidade com o padrão de ontem, a tradição. Temos, portanto, de ver claramente qual é a função do pensamento. Se vos observais mui atentamente, não descobris que o pensamento é reação da memória, sendo essa memória experiência, conhecimento? Se não tivésseis nenhum conhecimento, nenhuma experiência, nenhuma memória, não haveria pensar. Estaríeis vivendo num estado de amnésia. O pensamento, como vimos, é reação da memória, e a memória está condicionada pela cultura em que viveis, pela educação que recebestes e a propaganda religiosa que vos foi instilada; o pensamento é reação da memória, isto é, do saber e da experiência nela acumulados. Necessitamos do conhecimento, da memória, para acharmos o caminho de casa, para falarmos uns com os outros, mas o pensamento, sendo reação da memória, nunca é livre, é sempre velho.

E o pensamento — essa reação do "velho", da memória — é capaz de descobrir uma maneira de viver totalmente harmônica e clara? Todavia, queremos descobri-la por meio do pen-

samento; digo: "pensarei nisso a fundo e descobrirei a maneira de viver harmonicamente". E, já que o pensamento é reação do passado, de nosso condicionamento, não tem nenhuma possibilidade de descobrir a maneira harmoniosa de viver. Estais entendendo? O pensamento não pode descobri-la e, entretanto, usamos o pensamento para descobri-la. Bem sabemos que o pensamento é necessário, para podermos voltar a casa, para ganharmos a vida, para fazermos qualquer coisa; num certo nível, ele é absolutamente necessário, mas, quando se trata de descobrir uma maneira de viver diferente da atual — que é de desarmonia — o pensamento se torna um empecilho.

Ao percebesdes esta verdade, que o pensamento, por mais racional e lógico, por mais são e claro que seja, é incapaz de descobrir aquela maneira de vida, qual o estado de vossa mente? Estais-me acompanhando? Estais trabalhando com o orador, ou estais meramente ouvindo palavras e idéias? Compreendeis esta pergunta? Espero estejais trabalhando com igual ardor e empenho, porque, do contrário, nada descobrireis. E nós, que vivemos neste mundo insano, temos de descobrir uma nova maneira de viver. Ora, se o pensamento é incapaz de descobri-la, e compreendemos isso como um fato verdadeiro e não como uma explicação verbal, qual é então o estado da mente, da vossa mente? Qual o estado da mente quando percebe um fato verdadeiro? * Não me respondais, por favor. Nunca vos deixais entranhar de uma verdade; não "ficais com ela", mas estais sempre prontos a saltar com palavras e explicações, sabendo muito bem que a explicação não é a coisa real.

Perguntamos, pois: Qual o estado da mente que percebe a necessidade do pensamento e percebe também que o pensamento, por mais que se esforce, não pode de modo nenhum produzir aquela beleza de uma vida totalmente harmônica? Esta é uma das coisas mais difíceis de transmitir, um dos assuntos mais difíceis de tratar, porque até agora só temos vivido de experiências alheias, sem percepção direta; temos medo da percepção direta. E, diante deste desafio, vossa tendência é fugir, refugiar-vos em palavras e explicações; mas cumpre pôr de lado todas as espécies de explicação. Assim, qual o estado da mente, isto é, qual a natureza da mente que percebe a verdade? Por ora, deixemos de lado este ponto, porque não há tempo para entrarmos em

---

(*) A mente está vazia e em silêncio, conforme Krishnamurti explica mais adiante. (N. do T.)

pormenores e há ainda muitos assuntos a tratar. A ele voltaremos.

Todos nós sabemos o que é sofrimento, o que é dor física e moral. Se sois hinduísta, o explicais pela lei do *karma;* se sois cristão, tendes numerosas formas de racionalização. Segui, não este orador, mas a vós mesmo, observando vosso próprio sofrimento. Perguntamos se o sofrimento pode findar, isto é, se pode ter fim a dor, a tristeza da solidão, do isolamento, a tristeza de não alcançar este ou aquele alvo, a tristeza de perdermos alguém que pensamos amar; e, também, se pode terminar o sofrimento não pessoal, as dores do mundo através de tantos milênios — este mundo em que o homem continua a destruir sua própria espécie, em que o homem é tão cruel para com o homem. Ao vermos um homem atravessar o parque, só, andrajoso, sujo, infeliz (ele jamais conhecerá a alegria de viver), sentimos uma grande tristeza, não por nós mesmos, mas por existirem no mundo entes humanos tão desditosos, pois compreendemos que foi a sociedade que criou tais condições.

Ante o nosso próprio sofrimento, tratamos de fugir, e as palavras, as teorias, as explicações e crenças nos oferecem os desejados meios de fuga. Se morre meu filho, tenho uma dúzia de explicações. Fujo, por medo à solidão. E que acontece? Torno a adormecer. Mas, o sofrimento é uma espécie de desafio. Se "ficardes" com ele, completamente, sem fugir, sem "verbalizar", sem nenhum movimento de pensamento, descobrireis toda a sua estrutura.

E cumpre-vos, também, descobrir, por vós mesmo, se o medo pode terminar — não apenas o medo físico, mas também os temores internos, psicológicos.

Que é o medo? É ele produto do pensamento? Obviamente, o medo resulta do pensamento. Pensais numa certa coisa que, ontem ou no ano passado, vos causou dor, física ou de outra espécie, e sentis medo; é desse modo que o pensamento nutre o medo e lhe dá continuidade. O pensamento projeta, também, o medo no futuro: posso perder meu emprego, minha posição, meu prestígio, minha reputação. Compreendeis? O pensar tanto no passado como no futuro gera medo. Por conseguinte, perguntamos: Pode o pensamento cessar?

E note-se, ainda, que o pensamento sustenta o prazer. O pensar no prazer que ontem experimentei, contemplando o pôr do Sol — tão maravilhoso, tão belo, tão estimulante, etc. — sustenta aquele prazer.

Temos, pois, o sofrimento, o medo, o prazer e a alegria. A alegria difere do prazer? Não sei se alguma vez a conhecestes. A alegria "acontece", vem subitamente. Mas, não se sabe como, o pensamento dela se apodera e a reduz a prazer; e, assim, dizeis: "Quero experimentar de novo aquela alegria." O pensamento, pois, sustenta e nutre o prazer, o medo, e dá continuidade ao sofrimento.

E, por fim, há o medo da morte, o medo fundamental do homem. Dele trataremos mais tarde.

Agora, ao perceberdes que o pensamento perpetua o prazer e o medo, e que evitar o medo, mediante diferentes formas de fuga, deforma a mente e, por conseguinte, a torna incapaz de compreender de todo o medo — qual o estado de vossa mente ao perceberdes esta verdade? E qual o estado da mente que sabe quando o pensamento é necessário, quando deve ser empregado, logicamente, objetivamente, equilibradamente, e sabe também que o pensamento, que é reação do conhecimento, ou seja do passado, se torna um obstáculo a uma maneira de viver isenta de contradição? Qual o estado de vossa mente quando dizeis: "Compreendo"? *Ela está completamente vazia e em silêncio.* Não é exato isso? Só se pode ver uma coisa bem claramente quando não há escolha. Havendo escolha, há confusão. Só a mente confusa escolhe, discrimina entre o essencial e o não essencial; mas o homem que vê com clareza não faz escolha.

Há, pois, uma ação que vem quando a mente está vazia de todo movimento de pensamento, exceto aquele movimento que é necessário quando o pensamento deve funcionar. A mente é então capaz de dar atenção aos fatos da vida diária. Mas, é ela capaz de funcionar dessa maneira se sois muçulmano, budista, hinduísta, e estais condicionado por esse *fundo?* Não é, evidentemente. Por conseguinte, se perceberdes esse fato, deixareis de ser muçulmano, *sikh,* cristão, e vos tornareis outra coisa bem diferente — não algum dia, no futuro, mas agora, neste mesmo momento. De outro modo, jamais vereis a verdade. Sobre ela podereis falar interminavelmente, ler todos os livros do mundo, mas jamais alcançareis sua beleza e vitalidade. Assim, a mente que investiga, que faz perguntas fundamentais, indaga também se a sociedade pode ser transformada radicalmente, fundamentalmente — não sua estrutura econômica, sim, a estrutura psicológica. Porque, se a psique não for transformada, continuareis a fazer, exteriormente, as mesmas coisas — modificadas, talvez, mas sempre segundo o velho padrão.

Cabe-vos, pois, fazer esta pergunta fundamental; a ela ninguém pode responder senão vós mesmo. Não há confiar em ninguém. Deveis, portanto, observar e, observando, aprender. Assim, pode a mente manter-se completamente desperta, observando, a fim de ver a verdade relativa a qualquer coisa e, vendo-a, atuar — assim como atuais em presença de um perigo? Ao verdes um perigo, atuais instantaneamente. Do mesmo modo, ao verdes, por inteiro, a verdade relativa a qualquer coisa, há ação imediata.

INTERROGANTE: Que acontece à mente após a desintegração do corpo?

KRISHNAMURTI: Porque dissociais o corpo da mente? Existe tal coisa — uma mente separada do corpo? Psicossomaticamente, existe tal divisão? Ora, senhor, vós fostes educado, neste país, nesta cultura, como hinduísta, muçulmano, *sikh* ou sabe Deus o que mais. Vosso condicionamento é o resultado da sociedade em que viveis, sociedade que criastes e que, portanto, não difere de vós. Vós criastes esta sociedade, vossos pais a criaram, todas as precedentes gerações criaram a cultura em que viveis e de que fazeis parte. Ora, podeis separar-vos dessa cultura? Só podeis separar-vos, libertar-vos dessa cultura, quando não fazeis parte dela. Não é simples isto? Identicamente, porque separais a mente do corpo? Não vamos responder a esta pergunta, porém vamos examiná-la. Porque separais o corpo e a mente? Porque vos ensinaram que existe o *Atman*, o "eu superior", a "alma". Sabeis alguma coisa a respeito dessa entidade ou repetis o que outros disseram? Como sabeis ser verdadeiro o que outros disseram? Não importa quem o tenha dito, como sabeis que é verdadeiro, porque o aceitais como tal?

Assim, para descobrirdes se a mente é algo totalmente diferente do organismo, vossa mente deve estar lúcida, não ter deformação alguma, estar livre de confusão, de ajustamento. Tendes esta espécie de mente — uma mente que não se ajusta? Isto é, quando comparais, quando vos comparais com alguém, estais a ajustar-vos. Descobrir se se pode viver sem ajustamento é descobrir se se pode viver sem comparação, isto é, sem vos compardes com o que ontem fostes ou com o que sereis amanhã, ou vos compardes com o homem rico, com o santo, o herói, o ideal. Comparar-vos significa "medir-vos por meio de outrem ou de uma idéia". Descobri o que significa viver sem comparação.

Sois então livre, vossa mente está então inteiramente livre de seu condicionamento.

INTERROGANTE: A questão fundamental da filosofia é se a mente e o corpo são ou não são separados.

KRISHNAMURTI: Eu não tenho filosofia.

INTERROGANTE: Desejo vossa opinião.

KRISHNAMURTI: Não tenho opinião.

INTERROGANTE: Desejo esclarecer-me.

KRISHNAMURTI: Sereis esclarecido, senhor, se escutardes. Vede, para descobrir-se a verdade, nesta matéria, não devemos seguir ninguém. Filosofia significa amor à Verdade, e não amor a teorias, a especulações, a crenças. Significa amor à Verdade, e a Verdade não é vossa nem minha; por conseguinte, não podeis seguir ninguém. Tratai de descobrir este fato básico de que a Verdade não pode ser encontrada por meio de outrem e que deveis ter olhos para vê-la; ela pode encontrar-se numa folha morta, mas tendes de *vê-la*. Exprimir uma opinião a respeito dela é ridículo. Só os tolos opinam.

Nós não estamos interessados em opiniões e, sim, apenas nisto: Possui a mente uma propriedade ou função intrínseca independente do organismo físico? Compreendeis esta pergunta? É a pergunta que me fizestes — se a mente é independente do corpo, se ela se encontra fora das insignificantes limitações nacionalistas, religiosas, etc. Para descobrirdes isso, deveis estar sobremodo alertado, vigilante; deveis tornar-vos vigilante e sensível. Se sois bem sensível, vale dizer, inteligente, descobrireis, se penetrardes bem fundo, que existe algo inatingível pelo pensamento ou pelo passado.

O pensamento, como dissemos, é matéria, reação da memória; a memória está contida nas células cerebrais e, portanto, é matéria. Só se as células cerebrais se tornarem totalmente quietas, tereis possibilidade de descobrir aquela coisa; mas, dizer que ela existe ou não existe não tem sentido nenhum.

Dedicai-vos, pois, a descobri-la, do mesmo modo como trabalhais para viver. Mas, em vez de vos dedicardes a descobri-la — para o que necessitais de energia e paixão em sumo grau — ides beber em fontes estranhas — que estão secas. Tendes de ser a luz de vós mesmo.

INTERROGANTE: Credes na evolução?

KRISHNAMURTI: Isso é bem simples, senhor, e vou responder--vos. Há evolução do carro de bois ao avião a jato. Ir à Lua é evolução.

Biologicamente, é provável que os entes humanos tenham alcançado o apogeu; mas existe evolução interior? Entendeis esta pergunta? Pode o "eu" evolver, tornar-se um ente maravilhoso?

Ora, antes de perguntardes "pode o *eu* evolver?", tendes de saber o que é o "eu". Dizer "o *eu* evolve' não tem sentido. Que é o "eu"? O "eu" são vossos móveis, vossa casa, vossos livros, vossa memória, lembranças de prazer e de dor — o 'eu" é um feixe de "memórias". É mais alguma coisa? Dizeis que o "eu" é espiritual, que nele existe uma essência espiritual. Como o sabeis? Não é isso uma invenção do pensamento? Cumpre--vos, pois, descobrir porque o pensamento inventa tais coisas. Não aceiteis nada, nem mesmo o vosso "eu", porque, para descobrir a Verdade, a mente deve estar livre do "eu" ou "eu superior". "Eu superior" e "eu" é a mesma coisa — uma pura invenção dualista.

INTERROGANTE: Como pode a mente inferior descobrir a mente superior?

KRISHNAMURTI: Como pode a mente inferior descobrir a mente superior... Parece que, ao cabo de uma hora e quinze minutos, estamos ainda falando sobre fragmentação. Dissemos que o "eu superior" e o "eu inferior" fazem parte dessa divisão e, no fim de todo este tempo, ainda vos levantais para perguntar o que é "mente superior"!

INTERROGANTE: Quero referir-me ao elemento causal...

KRISHNAMURTI: Vede o que diz este senhor. Estivestes traduzindo nossas palavras em vossa terminologia sânscrita e, por conseguinte, estais confuso. Mas vós deveis dizer: "Não sei e desejo investigar." Não desejais descobrir uma maneira de viver realmente bela, isenta de dor e de medo, uma maneira de viver totalmente harmônica — não desejais descobri-la? Se o desejais, tendes então de abandonar vossas frases, tudo o que foi dito por outros, e tratar de descobri-la. Isso significa que necessitais de uma energia extraordinária; mas estais desperdiçando vossa

energia repetindo palavras sem nenhuma significação, a não ser para aqueles que as inventaram.

INTERROGANTE: Qual a relação entre o "eu" ou "ego" e a mente que vê a Verdade?

KRISHNAMURTI: Qual a relação entre o "eu" ou "ego" e a mente que, estando vazia, completa, vê a Verdade? Qual a relação entre essas duas coisas? Que é o "eu", o "vós"? Quando dizeis "Eu — sou político, sou santo, sou isto ou aquilo" — que significa isso? Vós vos identificais com vossa família, vossos móveis, vossos livros, vosso dinheiro, vossa posição, vosso prestígio, vossas lembranças; o "eu" não se constitui de tudo isso? O "eu" é também chamado "eu superior", "Atman". Mas, a identificação com o "eu superior" faz ainda parte do pensar, do pensamento: "deve haver uma coisa permanente, porque a vida deve ser permanente". Existe alguma coisa permanente?

Perguntais qual a relação entre o "eu" e aquele maravilhoso estado de percepção do verdadeiro. Nenhuma! Não há relação alguma entre as duas coisas. Uma é o resultado de conflito, aflição, agonia, dor, e a outra é vazia — não contém nenhuma dessas coisas.

Nova Deli, 13 de dezembro de 1970.

CONSIDERAR O TODO DA VIDA

(Nova Deli — III)

Antes de entrarmos no complexo problema da morte, convém considerarmos o que é o tempo e, também, o que é o espaço, porque ambos estão mutuamente relacionados. Nenhum problema, por mais complexo que seja, existe isoladamente. Cada problema se relaciona com outros e, portanto, não podemos separar um problema, desprezando os demais. Se compreendemos completamente um problema, se o examinamos até o fim, com raciocínio, lógica, equilíbrio, objetividade, estamos habilitados a resolver todos os outros problemas.

Considerando-se o que está sucedendo neste país e no mundo inteiro — confusão, deterioração, corrupção, divisão, enorme sofrimento — torna-se evidente a necessidade de nos transformarmos, de criarmos um mundo diferente, uma estrutura social inteiramente nova, não apenas aqui, na Índia, mas no mundo, porque nós fazemos parte do mundo. E, diante de tanto caos, confusão e sofrimento, não me parece certo tomar-se para exame a situação política ou econômica de uma dada cultura, ou separá-la da ciência, mas, sim, considerar o movimento total da vida, seja no campo científico, seja no campo econômico ou no chamado campo religioso. A vida deve ser considerada como um todo, e nosso problema é este: não fragmentá-la, não dividi-la, porém considerar o seu movimento como um todo, uma unidade. E esse movimento da vida inclui o tempo, o espaço, o amor e a morte.

Tendemos a separar a morte da vida, e a vida do amor e a considerar essas questões separadamente da questão do tempo. Assim, para compreendermos o que é a morte, devemos compreender também a questão do tempo e do amor. É o que

vamos fazer nesta tarde. Iremos trabalhar juntos, i.e., examinar e compreender em comum, conversar, compartilhar; e isso significa que deveis achar-vos no mesmo grau de intensidade e ardor, investigando independentemente do orador.

Em primeiro lugar, consideremos o tempo. Há o tempo medido pelo relógio, mas existe outra espécie de tempo? O tempo implica "movimento para a frente", gradual "vir a ser", mudança de "o que é" para o que "deveria ser". A noção tradicional é que toda mudança exige tempo: sou *isto* e devo mudar para *aquilo;* isso implica tempo, gradualidade. E existe uma coisa tal como "vir a ser" psicológico, evolução psicológica? O tempo implica o "processo" do pensamento. O pensamento é tempo e, como dissemos na reunião anterior, o pensamento gera e nutre o medo. Para compreender essa coisa maravilhosa chamada "morte", o fim, que tanto medo nos inspira, impende compreender, por nós mesmos, o que é o tempo, compreender porque o pensamento inventou um tempo separado do tempo cronológico. Existe um "vir a ser" psicológico, interno, existe transformação, mudança psicológica? Se fazeis parte do tempo e sois uma continuidade, um "processo", tendes então de aceitar o tempo como o meio de alcançar qualquer objetivo. Mas, que é mudança psicológica? Não nos referimos à evolução biológica; como assinalamos, do carro de bois ao avião a jato houve um espantoso processo evolutivo, uma enorme acumulação de conhecimentos; e o acumular conhecimentos exige tempo. Porém, afora isso, a transformação é um processo gradual, uma continuidade, ou é uma revolução fora do tempo? Se admitimos "processo", gradualidade, temos de admitir o tempo, porque nele se baseiam todas as nossas tradições, práticas, métodos, como meios de vir a ser ou não vir a ser. Toda essa estrutura supõe o tempo, a promessa de que, no fim do caminho, teremos o esclarecimento, a compreensão. Pode haver compreensão por meio do tempo, ou compreensão é percepção imediata e, por conseguinte, imediata transformação?

É possível quebrar a cadeia da continuidade, interromper o movimento de "o que é" para "o que deveria ser"? Ou, por outra, é possível uma total mutação de "o que é", não subordinada ao tempo? Para averiguar isso, tem-se de abandonar totalmente a noção tradicional de que a mutação só pode operar-se gradualmente, por meio de contínua atividade e esforço — porque tudo isso implica conflito. Compreendei, por favor, este simples fato: onde há conflito, há divisão, divisão entre o pen-

sador e o pensamento, entre o observador e a coisa observada. Nessa divisão é inevitável o conflito, porque ela envolve outros fatores, outras pressões, outros sucessos que convertem a causa em efeito, efeito que, por sua vez, se torna causa. Estais-me seguindo? Em tudo isso está implicado o tempo.

Vosso guru — se o tendes — vos diz o que deveis fazer e que precisais de tempo para o fazerdes; e vós aceitais o que ele diz, porque sois ávido, porque desejais uma coisa e esperais alcançá-la por meio do tempo. Aceitais o que o guru ensina e ficais preso no campo do tempo, escravizado ao tempo. Estamos agora investigando este fato, ou seja que onde há tempo psicológico há um movimento de "o que é" para "o que deveria ser", movimento que implica conflito; e onde há conflito a mente se deforma, inevitavelmente, e uma mente deformada jamais descobrirá o que é verdadeiro. Eis um fato simples. Se desejo ver bem claramente, necessito de olhos límpidos, não embaciados, sem nenhuma deformação. Há deformação quando há esforço, e todo esforço implica o tempo. Isto não é Lógica, embora possa parecê-lo; é racional, são, mas não é Lógica: é, sim, percepção direta do falso. Porque, afinal de contas, a função do cérebro é perceber, ver claramente o que é falso. E, quando vedes que é totalmente falsa a noção tradicional da mudança como um processo, um vir a ser gradual, há então claridade na vossa mente.

Pois bem; pode a mente ver diretamente a falsidade dessa idéia de gradualidade, vê-la tão claramente como vemos este microfone, e nunca mais nela tocar? — vê-la como se vê a periculosidade de uma serpente, de um animal feroz? Esse *ver* significa ação instantânea.

A percepção, pois, requer uma mente não escravizada ao tempo. Compreendei isso, por favor. Se o compreenderdes, toda a vossa estrutura de pensamento se transformará. A percepção e a compreensão não exigem tempo nenhum. O que se requer é que vejais claramente, e para verdes com clareza necessitais de espaço, não só exterior, mas também espaço interior, isto é, espaço na mente. Se a mente está repleta de conhecimentos (não me refiro ao conhecimento técnico, que é necessário), cheia das lembranças de ontem, da dor de ontem (pois conhecimento é o passado), não há nela espaço nenhum: há conflito.

Um dos fatores da violência existente no mundo é o excesso de população. Nas ruas apinhadas de uma cidade populosa não há espaço — e o homem necessita de espaço exterior. Os cientistas têm feito experiências — disse-me um amigo — com ratos

e camundongos. Quando um grande número deles é colocado num espaço exíguo, esses animais brigam entre si, as mães destroem os filhotes, há uma desorientação geral. A mesma coisa está acontecendo no mundo, em todas as cidades grandes superpovoadas; e um dos fatores de nossa violência e desorientação é a falta de espaço exterior. O outro fator é que, quando a mente e o cérebro estão também repletos de "memórias" e experiências, ou seja de conhecimentos, não resta espaço nenhum.

Por conseguinte, para que possa terminar o conflito, necessita-se de espaço interior, e nós perguntamos: Porque não existe esse espaço? Porque nunca está a mente vazia e, portanto, cheia de espaço e da beleza nele existente? Quando olhais do alto de um monte, vedes o horizonte inteiro, o amplo céu, a beleza e a paz existentes nesse espaço. Porque não há na mente nenhum espaço? Nós estamos fazendo esta pergunta, não estamos pedindo que a façais. — O isolamento cria seu espaço próprio. Isolamento é uma forma de resistência, e onde há resistência, o espaço é limitado. Resisto a uma idéia nova, a uma nova maneira de viver, e dentro dessa resistência, dentro dessa muralha, o espaço é limitadíssimo. Já notastes isto? Essa resistência faz parte da vontade.

A carência de espaço, pois, resulta desse processo isolante do pensamento, como "eu". Percebeis isto? Esta é a causa da dualidade, "eu" e "não eu" — o que existe fora da muralha de resistência e o que nela está encerrado — o "eu".

A vontade se manifesta também como arrogância, prepotência, ambição, desejo de poder, posição, prestígio, desejo que não apenas o político tem, mas também vós tendes; do contrário, não elegeríeis o político. Vede bem isto — não intelectual, nem verbal ou logicamente — vede que, enquanto a mente estiver agindo dentro de uma área limitada, fechada, haverá necessariamente conflito.

Mas, pode haver uma ação não ditada pela vontade? Tradicionalmente, sois educados na base da ação instigada pela vontade — "devo", "não devo". O "devo" e o "não devo", o "faça" e o "não faça" são formas de resistência; a ação, portanto, é oriunda da vontade e, como tal, limitada. Observai bem isto. Tendes, por exemplo, o hábito de fumar — se o tendes. Se a ele resistis, dizendo "não quero fumar", há conflito. Ora, podeis abandonar esse hábito sem nenhuma resistência? Só o podereis, se compreenderdes por inteiro a natureza e o mecanismo do

hábito, assunto de que não trataremos agora, pois não é este o ponto que no momento nos interessa.

Pois bem; num espaço em que não existe absolutamente o tempo — tempo no sentido psicológico — não há nenhuma espécie de conflito, e a ação nunca é resistência, oriunda da vontade. Ora, nós temos de descobrir uma nova maneira de viver, uma nova maneira de agir, pois o método tradicional — a ação continuamente repetida — não pode levar-nos a uma ação nova. Assim, para descobrirmos uma diferente maneira de agir, necessitamos de uma mente em que haja espaço absolutamente livre.

Agora, compreendido isso, averiguemos o que é a morte. Ou convém primeiramente falar sobre o amor? Porque, se não sabemos o que é o amor, não saberemos o que é a morte. Que é o amor, senhor? O amor é prazer, o amor é desejo, o amor está relacionado com o sexo? Que é isso que chamamos "amor"? É uma face do ódio? Há nele ciúme, ansiedade? Pode um homem ambicioso de poder e posição conhecer, alguma vez, o amor? Quando dizeis: "Amo minha família, meu marido, minha esposa, meu filho, minha filha" — que significa isso? A menos que descubrais por vós mesmo o verdadeiro significado dessa palavra, como podereis descobrir o profundo significado da morte? O amor está em alguma relação com o tempo, pode ele ser cultivado, exercitado? Credes que ele exige "prática", um certo exercício que vosso guru vos ensina para, no fim, terdes amor? O amor é resultado do pensamento, do tempo, uma coisa que se desenvolve gradualmente?

E porque atribuem os entes humanos, por todo este mundo, tamanho significado ao sexo — que eles chamam "amor"? Já indagastes por que razão o sexo se tornou, em vossa própria vida, um absorvente e importantíssimo problema? Respondei, senhores, a isso.

Para descobrirdes a resposta, tendes de indagar porque vossa vida, vosso cotidiano viver, com todos os seus conflitos, sofrimentos, agonias, brutalidades, se tornou mecânico. Não é inteiramente mecânico o vosso viver — freqüentar diariamente o escritório, observar a tradição, estabelecer certos padrões de atividade e segui-los por todo o resto da vida, crer ou não crer em Deus, num "eu superior" ou "inferior", etc.? Seria deveras maravilhoso se pudésseis dizer para vós mesmo: "Nunca repetirei o que não sei" — isto é, o que vós mesmo não tiverdes compreendido completamente; nunca repetir o que outrem disse ou

o que diz o Gita, o Alcorão, a Bíblia; ou vosso livro sagrado predileto. Porque esse repetir se torna hábito, rotina. Vede o que sucederá se disserdes a vós mesmo: "Nunca repetirei uma palavra que eu próprio não tenha compreendido; jamais repetirei o que ouvir da boca de outrem."

Assim, se vos observardes, podeis ver que vossa vida se tornou inteiramente mecânica. Estais vendo isso? Não há nada de que vos envergonhardes. O fato — agradável ou desagradável — é este que o sexo é a única possibilidade que tendes de ser livre, e também ele se torna rapidamente um hábito. E tudo o mais que chamais amor — amor a Deus, amor a vosso guru, a vosso ídolo, a vosso herói — é amor? Esta verdade, esta beleza só será descoberta quando efetivamente abandonardes tudo quanto é mecânico.

Há ainda tempo para considerarmos a questão da morte? Estamos falando há cinqüenta minutos. Podemos examiná-la agora? Que é a morte, que tanto terror nos inspira? Que é ela? Em palavras simples, ela significa "chegar ao fim". Vivo há quarenta, cinqüenta, oitenta anos, acumulei muitas coisas, muito dinheiro, pratiquei ações belas e feias, adquiri muita experiência, cultivei a virtude, identifiquei-me com minha família. E, na hora de partir, choro, porque não sei o que vai ser de mim.

E desejais saber se a morte é o fim ou se existe alguma coisa "além"; isto é, desejais saber se esse movimento da vida — que de modo nenhum é viver — se essa batalha incessante que chamais vida, luta, prosseguirá no além. Ou dizeis para vós mesmo: "Há em mim algo permanente (Atman, ego superior ou o nome que preferirdes). Há alguma coisa permanente." Prestai atenção a isso; porque faz parte de vossa tradição, não só aqui, mas no mundo inteiro, crer que dentro em vós existe uma coisa permanente, a qual tomará forma na próxima vida. Mas, existe de fato essa coisa permanente, ou foi o pensamento quem a fabricou, o pensamento que diz: "Estou assustado, ansiado, amo, tenho medo, posso perder meu emprego, desejo uma casa maior, mais móveis, mais aplausos, quero poder, posição prestígio"? Tudo isso é criado pelo pensamento, produto das atividades diárias, imagem formada pelo pensamento.

Mas, existe alguma coisa permanente? No mesmo instante em que pensais existir uma coisa permanente — "Atman", ou como quer que a chameis — ela já é produto do pensamento. E o pensamento não é permanente. O pensamento é velho, nunca é livre, nunca é novo, porquanto o pensamento é reação

da memória. É só isso que tendes — memória, palavras, reconhecimento, associação, identificação; é só isso que sois. Enfrentai este fato, olhai-o: vós sois os vossos móveis, vossa conta bancária, vossas lembranças, vossos prazeres, as ofensas que sofrestes, vossas ânsias. Sois essas coisas, e não sabeis dissolvê-las, não sabeis libertar-vos dela. Por isso, começais a pensar que, além ou acima delas, deve existir algo permanente. Eis como o pensamento cria o permanente, o *Atman.* O pensamento cria o permanente, o *Atman,* pois pensar uma coisa é criá-la. Tal é a função do pensamento.

Se existe uma realidade atemporal, o pensamento não pode atingi-la, o tempo não pode alcançá-la. Uma de vossas tradições, uma de vossas crenças é a crença na reencarnação — que envolve *karma,* vida passada, vida futura, e isso significa que deveis comportar-vos bem agora. Tendes de ser virtuoso agora e não amanhã, tendes de ser íntegro agora e não na próxima vida. Quer dizer, tendes de prestar toda a atenção ao que estais fazendo agora. Porque, se credes na reencarnação e não prestais atenção ao que fazeis, pagareis por isso. Mas, tal crença é uma simples idéia que vos dá consolação. Vosso incessante ansiar sobre o que acontecerá na próxima vida, sobre se existe alguma coisa permanente, sobre se "continuareis" na próxima encarnação, mostra que não sois religioso e estais apenas "verbalizando" para terdes consolação, pois não sabeis enfrentar a morte. Quantas ilusões e hipocrisias há em vossa vida por causa do medo! Temeis essa coisa chamada morte, o fim das coisas que chamais vida — vossas ansiedades, vossos temores, vossos móveis e todas as insignificâncias que tendes acumulado como hinduísta, *sikh,* muçulmano ou cristão. Isto é, tendes reunido palavras e mais palavras, e nelas buscais abrigo e consolação. Não sabeis enfrentar essa coisa extraordinária que é a morte. Temeis o fim das coisas conhecidas, e não o desconhecido. Não se pode temer o desconhecido, porquanto não sabemos o que ele é.

O que realmente temeis é o fim do conhecido. Considerai isto, por favor. Trata-se de vossa vida, e não da minha — de vossos costumes, vossos hábitos, tradições, vossas "memórias" acumuladas, vosso chamado amor à família. Em verdade, não amais vossa família, não amais vossos filhos. Se os amásseis, com o coração, com o cérebro, lhes daríeis uma educação diferente, não lhes ofereceríeis o que estais oferecendo.

Que estais oferecendo à nova geração, que tendes vós para oferecer-lhe? Já alguma vez considerastes o que vós, os da velha

geração, tendes para oferecer aos mais jovens? Vossas crenças? Eles estão vendo como sois hipócritas. Vossa rotina de todos os dias? Negócios, política, exército, vossa moralidade social absolutamente imoral? Qualquer jovem ou estudante inteligente recusará tudo isso.

Como dissemos, o que realmente temeis é o fim das coisas que conheceis — lembranças, palavras... palavras como "Deus", "Atman", realidade, coisas a cujo respeito nada sabeis, porque apenas repetis o que uma certa pessoa escreveu num livro, livro que considerais sagrado porque toda gente diz ser sagrado. Mas, se disserdes: "Nunca pronunciarei uma palavra que eu não compreenda, nunca repetirei nada que eu próprio não tenha *vivido*" — isso significará o fim de tudo o que conheceis. A morte é isto — o fim. No findar, surge algo novo. Quando existe uma continuidade no tempo, como "eu" — meus hábitos, minhas agonias, meus desesperos (a isso chamo viver e deejo que esse viver perdure) — há medo à morte. Mas, se vossa mente estiver desperta, porá fim a toda ansiedade — não importa "como", porque não há "como". Sabereis, então, o que significa "morrer todos os dias". Cada dia será um dia novo, com uma mente nova.

O amor, como dissemos, não está em nenhuma relação com o tempo. Não se pode cultivar o amor. O prazer pode ser cultivado, e é isso o que estais fazendo; e o que temeis é o findar do prazer. Por conseguinte, o mais alto grau de prazer que conheceis, afora o prazer sexual, é o imaginar uma certa coisa, um Deus, para lhe renderdes devoção. Entendeis? Assim, para descobrirdes a beleza do amor e da morte, deveis morrer todos os dias para todas as lembranças que tendes. Experimentai isso, experimentai morrer para a lembrança de vosso prazer. Tomai um dos vossos prazeres e o abandonai instantaneamente. É isso que a morte fará. Não se discute com a morte, não se pode dizer-lhe: "Deixai-me umas poucas lembranças." Deveis morrer todos os dias, para conhecerdes a beleza desse findar. Surge, então, uma coisa totalmente nova e diferente. Mas, não descobrireis essa coisa se não souberdes o que significa viver sem esforço.

Nova Deli, 17 de dezembro de 1970.

LIBERDADE MENTAL

(Nova Deli – IV)

VAMOS hoje palestrar acerca da religião e da mente religiosa, e também sobre a realidade, a meditação, e a mente capaz de perceber o verdadeiro. A dificuldade que iremos encontrar será que cada um tratará de traduzir o que se vai dizer em conformidade com seu peculiar condicionamento, sua particular cultura. Se queremos descobrir alguma coisa, temos de abandonar completamente tudo o que o homem criou intelectual ou emocionalmente, ficar totalmente livres dessas coisas. Temos de rejeitar tudo o que o homem inventou, no seu desejo de encontrar a realidade, e esta será outra dificuldade.

Antes de mais nada, que é religião? Qual o estado da mente que faz esta pergunta? A religião sempre representou um relevante papel em nossas vidas. Ela constitui provavelmente a base de nossa vida e, se não investigamos a fundo a estrutura e natureza da mente religiosa e, externamente, tratamos de promover uma revolução social, isso será de insignificante valia. Para se compreender a natureza da mente religiosa, cumpre investigar primeiramente o problema da busca e o significado da busca. Porque buscamos e que é que queremos achar?

No buscar, há a entidade que busca, e a coisa buscada, portanto, dualidade. E que poderá achar o "eu" que busca? O que ele achar estará de acordo com seu condicionamento. Se um indivíduo é cristão, achará o que sua cultura e a respectiva propaganda lhe ensinou; se é hinduísta, achará o que a cultura hinduísta lhe ensinou, e assim por diante. Dessarte, em conformidade com vossa cultura, vosso condicionamento, vossos conhecimentos, ides descobrir o que chamais Verdade, Felicidade, etc. Por conseguinte, o passado vai buscar, no futuro, uma certa

coisa já determinada. Não haverá, pois, descobrimento da verdade e, sim, um descobrimento feito consoante o passado, ou seja de acordo com o conhecimento, a experiência, a memória.

Portanto, a mente que deseja perceber o verdadeiro deve estar livre do passado, de seu condicionamento. Isto é, se sois hinduísta, deveis achar-vos inteiramente livre de todo condicionamento conceptual, de toda tradição. Do contrário, descobrireis o que a tradição dita, o que a tradição vos manda achar. Assim, para perceber o verdadeiro, a mente deve estar livre de todo o seu condicionamento, de sua particular cultura, livre de toda e qualquer crença. Porque toda crença se baseia no desejo de consolação, de segurança, ou no medo. Vós não credes que o Sol se erguerá amanhã; sabeis que ele se erguerá. Só a mente que, vendo-se incerta e confusa, busca segurança e consolação, crê. Deveis, pois, estar totalmente livre de crenças, vale dizer, livre de conclusões e ideais.

Enquanto escutais, observai o fato de que a mente escurecida pela crença — que se baseia no desejo de consolo, de segurança, desejo gerado pelo medo — não pode de modo nenhum ver o verdadeiro, ainda que o deseje sequiosamente. Percebeis isso como um fato real? Se percebeis, deixais de crer e vossa mente fica livre para observar. Estais, enquanto escutais, observando vossas próprias crenças, vossas próprias conclusões? Para poderdes perceber com clareza, vossa mente deve achar-se totalmente livre de crença, totalmente livre de vosso Deus ou de meu Deus.

Enquanto ouvis esta palestra, estais livre de vossa crença? Ou levais uma tão pesada carga de condicionamento que, privado de vossas crenças, vos vereis desorientado, assustado, e a elas mais apegado? A mente que se acha nesse estado é, sem dúvida, uma mente irreligiosa. A mente que busca jamais descobrirá a verdade; e vosso condicionamento vos impele a buscar. Pode, pois, a mente perceber esta verdade que toda busca implica conflito dualista e que a mente em que há conflito está deformada e, portanto, incapacitada para ver com clareza?

E, por certo, a mente que observa rituais não é também uma mente religiosa; está em busca de estímulos, de sensações e excitações várias. Deste modo, pode a mente que quer investigar séria e apaixonadamente lançar para o lado todos os rituais, todas as crenças, toda busca, pois, como já explicamos, essas coisas impedem a percepção?

Estais agora livre de todas essas divisões? Deixastes de ser hinduísta, ou o sois ainda? Receio que ainda o sejais, e por uma razão muito simples: porque não sois *sérios.* Aceitais a vida tal como é e não vedes o perigo desse viver, a aflição, a agonia que ele traz; por conseguinte, atuais mecanicamente. Vós tendes de ser sério, porque a vida o exige; a vida é batalha, agonia, confusão, e, para haver um mundo diferente, devemos ser muito *sérios;* do contrário, se estamos buscando alguma coisa, cairemos nas redes dos chamados gurus. Eles nos oferecem sistemas, métodos, para alcançarmos a iluminação, para alcançarmos uma certa coisa a que chamam Deus, etc.

Ora, quando temos um sistema, um método, isso não implica um alvo fixo? Praticar certos atos para alcançar uma certa coisa implica que essa coisa já é conhecida e está fixada num ponto. Há, pois, como sabemos, numerosos sistemas de alcançar a iluminação, a verdade — como se a verdade fosse um estado fixo. "Uma vez alcançada, estarão terminadas vossas tribulações; portanto, segui *este* sistema!" Estais-me acompanhando?

Em primeiro lugar, pode um sistema conduzir-vos à realidade? Pensai nisso, primeiro logicamente. Sistema implica método, prática, gradualidade. Gradualmente, chegareis "lá". Gradualidade implica tempo. Gradualidade implica cultivo mecânico de um hábito e, por conseguinte, constante conflito entre "o que é" e "o que deveria ser". Gradualidade implica deformação da mente, incompreensão da estrutura e natureza da mente, do pensamento. Isto é, pensamos que, gradualmente, com o tempo, alcançaremos uma certa coisa já existente, fixada em alguma parte.

Ora, a verdade é uma coisa permanente, fixada num ponto; ou é ela uma coisa viva e, portanto, não há caminho a ela conducente e o que se requer não é a observância mecânica de um sistema, mas, sim, constante observação e percepção de tudo o que se está passando interiormente? Como sabeis, há muitos caminhos para a estação, e a estação é uma coisa fixa e permanente — a menos que seja destruída por um terremoto ou uma bomba. Ela lá está e pode ser alcançada por diferentes caminhos; mas, como somos muito crédulos e ávidos, desejamos aquilo que chamamos "a verdade", sem investigarmos profundamente se a Verdade pode ser uma coisa estática.

A mente religiosa é livre de toda e qualquer espécie de rotina, de sistema, de pensamento organizado.

Um dia, um homem andava pela rua e, em vez de olhar para o belo céu, ia olhando para o chão. De repente, viu, à distância, um objeto muito brilhante. Apressou-se em apanhá-lo e, mirando-o, quedou-se num estado de beatitude, pois era uma coisa extremamente bela. Assim, guardou-a no bolso. Atrás dele caminhavam dois outros homens. Disse um deles: "Que terá ele achado? Notou você a expressão do seu rosto, o êxtase em que ficou, olhando aquele objeto?" O outro — que por acaso era o diabo — respondeu: "O que ele achou foi a Verdade." E o primeiro: "Um mau negócio para você, ter ele achado a Verdade." "Absolutamente", retrucou o outro, "eu vou ajudá-lo a organizá-la".

É isso o que estamos fazendo; temos os sistemas, os métodos, as práticas, ensinados pelos gurus. Por conseqüência, a mente interessada em investigar a natureza da verdade deve estar livre de todo esforço organizado, toda prática organizada, toda busca organizada.

E, agora, que é a beleza? Cabe à mente religiosa descobrir o que é a beleza, porque, sem ela, não há amor. Ao perceberdes o que é a beleza, sabereis o que é amor. Esse estado de beleza e de amor é próprio da mente religiosa. Fora dele, não há mente religiosa. Que é, pois, a beleza? Como sabeis, a maioria das religiões negam a beleza. Os monges, os *sannyasis,* têm medo da beleza, porque, para eles, a beleza está associada ao desejo sensual; por conseguinte, na busca da realidade, temos de negar todo estado de desejo, todo estado de percepção do belo. Conseqüentemente, fazemos votos de toda espécie; mas, que acontece quando fazemos um voto? Ficamos num perpétuo estado de conflito interior. A mente, por conseguinte, se deforma e acaba num estado neurótico, incapacitada de perceber o verdadeiro. Que é, pois, a beleza? Muito importa fazer esta pergunta e examiná-la com todo o ardor, em vez de se ficar aí sentado, à espera de uma resposta. Que é a beleza? Ela se encontra na arquitetura, nas linhas de um edifício, num museu, num livro, num poema, em qualquer coisa modelada pela mão ou pela mente? A beleza requer expressão, precisa ser posta em palavras, numa pedra, num edifício? Ou é a Beleza uma coisa inteiramente diversa? Para descobrir-se o que é a Beleza e, por conseguinte, o que é o Amor, torna-se necessária a compreensão do "eu", o conhecimento de nós mesmos, não em conformidade com algum padrão ou sistema, porém observando-nos como realmente somos. Entendeis? Vou explicá-lo.

Pensamos existir um "eu" permanente que temos de compreender. Mas isso é uma suposição. O que temos de compreender é uma coisa viva, em constante mutação, em incessante movimento. Examinar uma coisa viva é bem diferente de examinar um "eu" permanente. Torna-se, pois, necessária a compreensão de nós mesmos, não de acordo com algum sistema ou de acordo com qualquer filósofo ou analista, porém pela auto-observação, porque se existe aquele "eu" permanente há divisão, por estar ele separado do que realmente somos. Onde há divisão, há necessariamente conflito; e onde há conflito não há beleza e, por conseguinte, não há amor.

Assim, investigando o que é a mente religiosa, temos de estar vigilantes, para conhecermos aquele estado extraordinário que é a beleza, e só podemos conhecê-lo quando há abandono total do "eu" e, por conseguinte, ardor, paixão; de outro modo, não pode haver amor. O amor não é prazer, desejo, concupiscência, pois não está associado ao sexo. A mente religiosa é aquela que conhece o movimento da virtude e da disciplina. Vejamos o que significa "disciplina".

A raiz da palavra disciplina significa "aprender". Prestai bem atenção a isto, a fim de verdes a verdade respectiva; vendo-a, tereis uma extraordinária percepção da Realidade e não estareis como que hipnotizados por este orador. A palavra "disciplina" significa essencialmente "aprender", e não "ajustar-se", "imitar", "obedecer". Significa "aprender". Mas não tendes possibilidade de aprender, se quereis acumular o que aprendeis.

A acumulação de conhecimentos é necessária, para se saber o caminho de casa ou fazer qualquer coisa eficientemente. É necessária a aquisição de conhecimentos. Isto é, para aprenderdes uma língua, uma técnica, tendes de adquirir conhecimentos; essa aquisição é necessária se desejais ser engenheiro, cientista, etc. Aprender francês ou italiano é acumular palavras e conhecimentos, e o que se adquire é o passado — saber. O saber é sempre do passado; e esse saber atua quando necessário.

Ora bem; existe outra espécie de aprender, completamente diferente, um aprender que não é adquirir? No aprender pela observação não há aquisição. Para aprender o que é a ordem, não deve haver acumulação de conhecimentos sobre o que a ordem deve ser em si ou segundo vossos desejos ou o ensino de vosso profeta ou santo preferido: cumpre aprender o que a ordem é realmente. Ora, como podeis aprendê-lo? Prestai atenção a isto: vós viveis em desordem, e só conheceis essa

desordem. Viveis num estado de contradição, de confusão, numa batalha constante. Isso é desordem. Ora, observando a desordem, aprendendo o que ela é, vem a ordem, a disciplina. Compreendeis? Tendes de observar a desordem, em vez de tentardes extrair a ordem da desordem; tendes, simplesmente, de observar a desordem, negando toda ação positiva. Que é desordem? Observai-a, observai-a em vós mesmo; vede vossa própria desordem, quanto sois contraditório, corrigindo ora isto, ora aquilo, ajustando, medindo, comparando e, por conseguinte, nunca livre. Interiormente, estais confuso a todos os respeitos, em completa desordem.

E que faz uma pessoa ao perceber a própria confusão? Ao nos vermos confusos, desejamos agir, fazer alguma coisa, mas não sabemos o que fazer. Em vez de olharmos, observarmos, estudarmos a confusão, queremos fazer alguma coisa e, assim, ficamos cada vez mais confusos. Mas, cumpre-vos observar a confusão, e não fugir dela.

Porque existe confusão? Isto é, a pessoa que não sabe o que deve fazer, que caminho tomar, se tornar-se comunista, socialista, "ativista" *, contemplativo, ou retirar-se de todo deste mundo insano, está confusa. Porque existe confusão? Existe confusão porque há ajustamento. Ajustamento implica medição, medição de si próprio — medição do que sou com o que eu deveria ser. Prestai atenção a isto, por favor. Ao perceberdes, ao verdes realmente que isto é verdade, termina a confusão. Há confusão porque, por efeito da educação, de circunstâncias de toda ordem, de pressões, tensões e compulsões em todas as formas, estais sempre medindo — medindo o que sois com o que devíeis ser, o ideal. E esta é uma das razões da confusão: comparação, ajustamento, obediência.

Ora, porque vos ajustais, porque medis, porque obedeceis? Vós vos ajustais porque desde a infância tendes sido ensinado a comparar-vos com outros. Observai, senhor, observai em vós mesmo esse comparar — que significa que o que sois não é importante, e o importante é o que "deveríeis ser". Há, pois, contradição: negação do que *é* e aceitação do que *deveria ser:* o herói, a imagem que projetastes. Mas, se vos abstendes inteiramente de comparar, sabeis o que sois, e o que sois é então

---

(*) Partidário do ativismo *(activism):* doutrina segundo a qual a vida é ação e luta (Dic. "Funk & Wagnals"). (N. do T.)

completamente diferente daquilo que, pela comparação, pensáveis ser. Compreendeis? Isto é, comparo-me convosco: sois muito hábil, inteligente, brilhante e, comparando-me convosco, digo "sou estúpido". Mas, se não há comparação nenhuma, sou estúpido? Sou o que sou, e a isso não chamo "ser estúpido". Posso então agir, mudar, ultrapassar o que *é;* mas, se me comparo com outrem, não posso ultrapassar o que *é.*

E, por que razão obedecemos? Não sei se já considerastes este problema, se alguma vez investigastes porque obedeceis a outrem. A raiz da palavra "obedecer" significa "ouvir". Quando repetidamente ouvis dizer que sois hinduísta, muçulmano, budista, cristão, comunista, sabeis o efeito que isso produz? Condiciona-vos a mente, não? Vós o repetis e, instintivamente, seguis, obedeceis. Dizem-vos neste país (e isso infelizmente se está espalhando por outros países) que necessitais de um guru. E vede como isso prejudica a vós mesmo, à vossa mente. A mente que obedece, que se ajusta, que compara, não é, de modo nenhum, uma mente religiosa.

Vede, senhor, que temos de compreender o que é virtude, pois virtude é ordem — não a virtude "praticada", exercitada. Não se pode "praticar" humildade. Ao compreender-se a vaidade, a humildade surge naturalmente. E cumpre, também, considerar a questão da meditação. Que é a meditação da mente religiosa? Dissemos que a pessoa religiosa é livre de toda crença, abandonou todos os sistemas, toda autoridade, toda prática. Sua mente é livre; essa liberdade faz parte da meditação.

INTERROGANTE: Não se pode estabelecer um meio de nos compreendermos uns aos outros, uma compreensão "comum"?

KRISHNAMURTI: Sabeis o que significa a palavra "compreensão" — não segundo o dicionário — o que significa "compreender"? Quando compreendeis uma coisa? A compreensão é um processo intelectual, emocional? Só compreendemos quando nossa mente está atenta e completamente em silêncio. Se tagarelo enquanto falais, como posso compreender o que dizeis? Se estou comparando o que dizeis com o que li ou sei ou experimentei, como pode haver comunicação entre nós? Tenho de ouvir-vos com atenção, zelo, afeição. E, desse zelo, dessa afeição, desse silêncio vem a compreensão, tanto verbal como não verbal. Eis a base *comum.* E, quanto à questão da meditação, ela não pode ser examinada no espaço de uns poucos minutos, pois é uma questão sobremodo complicada; temos de aprender a meditar, e não ser

ensinados pelo orador "como meditar". No momento em que introduzis o "como", estais no caminho errado. Permiti-me sugerir-vos, respeitosamente: nunca peçais a ninguém o "como". Não faltará quem, pressurosamente, vos ofereça um método, mas, se vedes a nocividade do "como", essa própria percepção é suficiente.

Nova Deli, 20 de dezembro de 1970.

O PRIMEIRO E O ÚLTIMO PASSO

(Nova Deli — V)

SEM dúvida, precisamos mudar totalmente a maneira como estamos vivendo. Faz-se mister, em nossa vida, uma revolução radical, e não meramente uma revolução superficial, econômica ou social, uma subversão da ordem estabelecida, para substituí-la por uma nova ordem. Cumpre-nos descobrir como poderá a mente humana, que tão condicionada está, transformar-se radicalmente, viver, atuar e funcionar numa dimensão bem diferente. É possível uma mutação das próprias células cerebrais? Este é um dos problemas, a meu ver o problema principal, porquanto estamos "respondendo" a todos os desafios com nosso velho cérebro, nosso cérebro tradicional, governado pelo hábito, mecanizado, que há milênios vem sendo condicionado. A vida é um desafio constante, e a esse desafio estamos respondendo com o velho cérebro. Nossa reação é mecânica, egoísta, egocêntrica e, indagando se as células cerebrais são suscetíveis de uma radical transformação, uma radical mutação, cabe-nos investigar como poderá a mente tornar-se capaz de perceber sem esforço, sem repressão, imitação ou ajustamento.

Como dissemos, estamos compartilhando este problema. Não está aqui nenhuma autoridade a dizer-vos o que deveis fazer, a indicar-vos algum sistema de meditação. Quando se segue um sistema de meditação, já não há meditação, mas, tão-só, uma repetição mecânica, coisa de todo em todo fútil e sem valor algum. Quase toda gente, principalmente na Ásia, inclusive este país, tem um conceito sobre o que seja meditação. Ensinou-se-lhes "como meditar", o que é necessário fazer, etc., etc. Mas, este que vos fala não leu livros sobre esta matéria e nunca seguiu sistema algum; tudo ele teve de descobrir por si próprio, var-

rendo tudo o que lhe fora ensinado. Nunca repetirá o que ele próprio não tenha percebido, o que ele próprio não tenha *vivido;* jamais, em sua vida, citará coisa alguma dita por outro, a respeito da meditação ou de coisas espirituais, jamais repetirá o que ouviu ou aprendeu da boca de outrem. E, se puderdes fazer a mesma coisa, isto é, não repetir o que vós mesmo não tiverdes percebido, não afirmar ou formular o que outros tenham dito sobre estes problemas, estaremos então em comunicação, examinando-os conjuntamente. Para descobrir o que é a verdade, deve a mente estar de todo isenta de imitação, de ajustamento, de medo, porque só então é ela capaz de ver, de perceber "o que é".

Assim, para compreendermos o que é meditação, temos de averiguar o que ela não é . Porque, pela rejeição do que "não é", do falso, podeis descobrir por vós mesmo o verdadeiro. Mas, se meramente aceitais o que outros disseram — não importa quem seja, nem mesmo este orador — estais então meramente a ajustar-vos, na esperança de que, mediante ajustamento, mediante certas práticas, tereis experiências fantásticas, visões, fabulosas faculdades, etc. Mas, se tendes verdadeiro empenho, neste caso poderemos fazer conjuntamente este exame, a investigação de um estado em que a mente seja absolutamente livre, não mecânica, nem "repetitiva", — um estado mental de completa quietude.

Para se descobrir o que não é meditação, torna-se necessário primeiramente compreender o "eu", o "ego"; o "eu", com suas memórias, ânsias, temores, suas ambições e alegrias, seus prazeres sexuais: o "eu", que se separa do "vós", e o "vós", com seu próprio "eu", que se separa de outro "eu". É necessário termos de nós uma compreensão própria e individual, e não de acordo com outra pessoa, qualquer filósofo ou psicólogo. Mas, não é possível a autocompreensão quando há condenação ou justificação em qualquer forma que seja. Para compreenderdes a vós mesmo, vos verdes tal como sois e não como gostaríeis de ser, necessitais de percepção.

É indispensável a compreensão própria, porque, sem ela, não temos base para qualquer investigação. Autoconhecimento não significa compreensão de um "eu" permanente, de uma coisa chamada "alma", "atman", "eu superior". "Compreensão de vós mesmo" significa compreensão de vossa vida diária, de vossa maneira de falar, de vossos 'motivos", ambições, temores, ânsias, desejos de poder e posição, de vossos conflitos. Essas coisas constituem o "vós", que tendes de compreender, porque, com essa compreensão, vem a ação virtuosa. Sem essa

ação virtuosa, sem essa base verdadeira, a meditação se torna auto-hipnose. A autocompreensão é absolutamente necessária, não porque o orador o diz, mas porque é uma necessidade lógica e evidente, pois, se dentro em vós existe qualquer forma de contradição, de medo, qualquer espécie de ambição, de competição, de inveja, como poderá vossa mente descobrir ou alcançar algo que não seja uma parte dela própria? A razão e a lógica, pois, nos dizem que, antes de tudo, temos de compreender a nós mesmos, e não fugir de nós mesmos. Vós deveis conhecer-vos; e aqui se apresenta um dos nossos problemas, ou seja que quando queremos conhecer-nos, quando queremos observar nossos pensamentos sem controlá-los nem reprimi-los, surge esta questão: Quem é o observador?

Se queremos descobrir o que é meditação e como viver sem sofrimento nem conflito, viver uma vida de plenitude e riqueza, uma vida em si própria significativa, temos de compreender esta questão: Quem é o observador que está aprendendo? Neste momento estou a observar-me, observando o que digo, a maneira como o digo, os gestos que faço; observando nossa brutalidade, nossa violência, nossa acerbidade — toda a batalha da existência; estou observando. Ora, o observador é diferente daquilo que ele está observando? Isto é, o observador que diz "estou examinando a mim mesmo" é uma entidade diferente, externa, ocupada em observar o que está acontecendo? Entendeis esta pergunta? O observador difere da coisa observada, ou são ambos a mesma coisa? O observador, o censor, a pessoa que diz "estou-me observando", essa entidade é diferente daquilo que ela observa, ou o observador é a coisa observada?

Observando bem, podeis ver que o observador é a coisa observada, que não há duas entidades separadas; por conseguinte, não há contradição; não há repressão nem controle de espécie alguma. Observador e coisa observada são uma só entidade. Isto, repito, é racional e lógico. Não precisais aceitá-lo de ninguém, já que vós mesmo podeis vê-lo. Não há, por conseguinte, nenhum "eu superior" ocupado em observar um "eu inferior". Nessa observação, que é aprender, podeis ver que o observador é a coisa observada. O homem encolerizado é a própria cólera, e a entidade que afirma a existência de uma alma, um atman, um "eu superior", faz parte do pensamento. O importante, pois, é aprendermos sobre nós mesmos, sem o censor. Quando vós, como censor, dizeis: "Faça isto, faça aquilo, isto é errado, aquilo não é errado" — isso significa que estais observando e

vosso velho condicionamento, vossa tradição, vossa memória, estão interferindo na observação. Percebeis este fato simples? Deveis, pois, compreender-vos, senão não tereis base nenhuma para o claro percebimento.

E surge, aqui, a questão da disciplina. Com base no que foi dito por certas pessoas, afirma-se que tendes de disciplinar--vos, de controlar-vos, de refrear-vos. É para isso que somos exercitados desde a infância; os livros que lemos, etc., ensinam--nos que temos de controlar, disciplinar, moldar a nós mesmos, em conformidade com um padrão. Mas, "disciplina" significa "aprender", e não, ajustar-se ou obedecer. O próprio ato de aprender é disciplina. Observando-me sem o observador, essa mesma observação traz sua ordem própria. A ordem é necessária, mas a traduzem como "disciplina". A ordem é necessária, mas não pode ser produzida por nenhuma espécie de compulsão ou pela observância de qualquer padrão. Só surgirá a ordem quando tiverdes observado o que é a desordem. Isto é, vós estais vivendo num estado de desordem, vossa vida está em desordem, vossa vida é contradição e confusão; por conseguinte, aprendendo, ou melhor, observando-vos, podeis produzir a ordem.

Cabe-vos, pois, descobrir por vós mesmo como observar sem o observador, ou seja a entidade que condena, que julga, avalia, nega; o observador é o censor, o passado. Portanto, deveis observar-vos sem o passado. Ao olhardes uma rosa, deveis observá-la sem a imagem que dela tendes ou a palavra que, para vós, representa "a rosa". A palavra vos impede de olhar a rosa. Podeis observar sem a palavra?

E, agora, que é meditação? Qual a natureza da mente quando no estado de meditação? Nós vamos examinar isto em comum, o que não significa que vamos meditar juntos, o que seria absurdo. Primeiramente, cumpre-nos compreender a pergunta "Que é Meditação?". Ficai apenas escutando, sem julgar, concordar ou discordar, sem desejar compreender o que se está dizendo, porém, apenas, aplicando inteiramente a atenção ao que se diz. Assim fazendo, achar-vos-eis no próprio estado de meditação. Compreendeis? Examinemos este ponto. Ficai apenas escutando. O orador não irá hipnotizar-vos, não irá dizer-vos o que deveis fazer; irá, sim, apontar-vos certos fatos, não segundo sua opinião ou julgamento, porém fatos que podereis descobrir junto com ele, não numa data futura, mas agora, fazendo uso de vossa razão, vossa lógica, vossa clareza de pensamento.

Esta é uma das coisas mais difíceis de expressar em palavras, porque se trata de compreender a natureza e estrutura do pensamento. Isso faz parte da meditação. Precisais compreender o pensamento, porque, do contrário, ficareis em perene conflito com o pensamento. Não sei mesmo por onde começar, porquanto é uma questão sobremodo complexa a que vamos examinar. Escutai, pois, o que o orador vai dizer, quer o compreendais, quer não.

O primeiro passo é o último passo. O primeiro passo é o claro percebimento, e o ato de claro percebimento é o último ato. Ao verdes um perigo, uma serpente, esse próprio percebimento é ação completa. Entendeis? Pois bem; dissemos que o primeiro passo é o último passo. O primeiro passo é perceberdes o que estais pensando, perceberdes vossa ambição, vossa ansiedade, vossa solidão, vosso desespero, vosso sofrimento, tudo isso perceberdes sem condenação, justificação, sem desejardes que seja diferente; perceber simplesmente cada fato, tal como é. Percebendo-o tal como é, verifica-se uma ação totalmente diferente, e esta é a ação decisiva. Isto é, ao perceberdes uma coisa como falsa ou verdadeira, esse percebimento é a ação decisiva, ou seja o passo final. Continuai a escutar. Percebo ser absolutamente falso seguir alguém, seguir o ensino de alguém — de Krishna, de Buda, de Cristo, de quem quer que seja — porque a razão, a lógica, tudo indica que é absolutamente falso seguir alguém. Ora, esta percepção é o passo final e, uma vez ocorrida, deixai-a de lado, esquecei-a, porque no próximo minuto tereis de tornar a perceber, e esta nova percepção será também o passo final. Se não soltardes o que aprendestes, o que percebestes, haverá continuidade do movimento do pensamento; e o movimento e continuidade do pensamento é tempo. E se a mente fica presa no movimento do tempo, isso é escravidão.

Este, portanto, é um dos problemas principais: se a mente pode libertar-se do passado, dos passados pesares, dos passados prazeres, de todas as "memórias", incidentes, experiências, de tudo o que ela criou no passado, e que constitui o "eu". O "eu" é o passado. Ora, se percebemos uma coisa claramente e não podemos deixá-la de lado, damos continuidade a essa coisa; tal é a maneira de perpetuar o pensamento.

Ontem "vivestes" um incidente feliz. Não o esquecestes, não o soltastes, continuais a levá-lo convosco, a pensar nele. O próprio ato de pensar numa coisa passada dá continuidade ao passado. Assim, o passado nunca tem fim. Estais compreen-

dendo? Mas, se ontem vivestes aquele extraordinário e feliz incidente e o destes por completamente terminado, não o estais levando convosco e dando continuidade ao passado mediante o pensamento. Conseqüentemente, como dissemos, cada passo é o último passo.

Cumpre-nos, pois, examinar a questão de se o pensamento, que dá continuidade à memória, vale dizer, ao passado, pode terminar. Esse cessar do pensamento faz parte da meditação, é a total mutação das próprias células cerebrais; porque, se há continuidade do movimento do pensamento, essa continuidade é a repetição do velho, porquanto o pensamento é memória, é reação da memória, é experiência, é conhecimento.

Nossa questão, pois, é esta: o pensamento está sempre a perpetuar-se pela experiência, pela constante repetição de certas lembranças. O conhecimento está sempre no passado e, quando atuais de acordo com o conhecimento, estais dando continuidade ao pensamento; entretanto, temos necessidade do conhecimento, para atuarmos tecnologicamente. Vede o problema. Se não fizésseis uso do pensamento, não poderíeis voltar a casa, não poderíeis funcionar num escritório. Necessitais do conhecimento, mas, também, deveis perceber o perigo de permanecer a mente enredada no perpétuo movimento do pensamento e, portanto, incapacitada de ver qualquer coisa nova. O pensamento é sempre velho, sempre condicionado, nunca livre, porque atua em conformidade com o passado. A questão, pois, é descobrir como pode o pensamento cessar, o qual, num certo nível, é absolutamente necessário e deve funcionar com lógica e sanidade; como pode cessar o pensamento, para que qualquer homem seja capaz de ver algo totalmente novo e de viver de maneira inteiramente nova.

O modo tradicional de proceder, a respeito desta questão, consiste em controlar o pensamento, "segurá-lo", aprender a concentrar-se. E isso, mais uma vez, é absurdo, porque, *quem* é o "controlador"? O controlador não faz parte do pensamento, não faz parte do conhecimento, que nos manda controlar o pensamento? Quer dizer, ensinaram-vos que deveis controlar o pensamento. Mas, pode-se observar o pensamento sem tentar controlá-lo, sem lhe dar continuidade; observá-lo de forma que ele cesse? Compreendestes esta pergunta? Porque, se o pensamento continuar, a mente nunca se quietará, e só a mente de todo quieta é capaz de percepção. Isto é lógico, pois se minha mente está tagarelando, comparando, julgando, dizendo "certo", "errado", não vos estou prestando atenção. Para compreender o que estais

dizendo, preciso aplicar toda a minha atenção. A atenção plena é silêncio.

Pode-se ver bem claramente que o silêncio é absolutamente necessário e, não apenas no nível superficial, mas também no nível mais profundo, na raiz mesma de nosso ser, deve haver silêncio. Como acontecerá isso? Não poderá de modo nenhum acontecer se existe qualquer espécie de controle, porque então há conflito, há a entidade que diz "preciso controlar" e a coisa a controlar. Quer dizer, há divisão e, nesta divisão, conflito. Por conseguinte, é possível ficar a mente totalmente vazia e quieta, não continuamente, porém em cada segundo? Esta é a primeira percepção: que a mente deve estar completamente quieta; e esta percepção é o primeiro e último passo, e deve terminar, não ser levada para diante. Dessarte, a mente deve estar cônscia, sem escolha, de cada percepção e pôr-lhe fim instantaneamente: ver, e logo acabar de ver. Estais seguindo isto?

Dessa maneira, a mente não fica vivendo com o pensamento — a reação do passado — e atribuindo a esse pensamento uma continuidade que se estende para o futuro, que pode ser o próximo minuto, o próximo segundo. O pensamento é reação da memória, que constitui a própria estrutura das células cerebrais. Se observardes a vós mesmo, vereis que nas próprias células cerebrais se encontra o material da memória, memória que reage como pensamento. Para operar uma mutação total da própria natureza das células cerebrais, é preciso que cada percepção termine; isso significa compreender, ver, agir, e deixar para trás essa percepção, de modo que a mente esteja sempre percebendo e morrendo; percebendo a falsidade ou a verdade que a percepção revela, pondo-lhe fim e continuando para a frente, sem levá-la na memória.

Esta questão exige intensa percepção, vitalidade, energia. Examina-la passo a passo, como o fizemos, sem perder nenhuma particularidade, requer uma energia tremenda. Vejamos, agora, como se torna existente essa energia. Compreendeis? Nós precisamos de energia. O virdes aqui e ficardes uma hora inteira a escutar exige energia. Para se fazer qualquer coisa, a energia é necessária, e essa energia pode ser dissipada, desperdiçada de diferentes maneiras. Perguntamos, pois: pode essa energia de que necessitamos, normalmente, em cada dia, para exercermos nossa profissão, discutirmos, provocarmo-nos mutuamente, brigarmos, funcionarmos sexualmente — pode essa energia ser intensificada e mantida completa, sem sofrer nenhuma deformação?

Como temos dito, nossa energia se dissipa em conflitos, conflito entre duas nações, conflito entre duas opiniões, conflito entre o marido e a mulher e os filhos, conflito entre o desejo de conhecer Deus e a repressão de todos os instintos naturais. Como manter completa, inalterável, nossa energia? Vejamo-lo, investigando o que é distração, dissipação de energia. Dissemos que o conflito, em qualquer forma, é dissipação de energia — conflito entre o observador e a coisa observada, conflito entre o ideal e o fato, "o que é" e "o que deveria ser". Conservar o que *foi* e tentar transportá-lo para o presente ou para o futuro é uma forma de conflito. É, portanto, perversão da energia, pois qualquer espécie de conflito dissipa energia. E as pessoas religiosas, em todo o mundo, os monges, os *sannyasis,* os iogues, etc., dizem: "Tendes de controlar-vos, fazer voto de celibato, de pobreza." Que implica isso? Conflito, cada vez mais conflito, repressão, ajustamento. E pensais que, pelo ajustamento, pela repressão, pela luta em todas as formas, com vós mesmo ou com outro (política, religiosa ou teoricamente), tereis uma extraordinária experiência, desta ou daquela espécie.

Assim, ao perceberdes a verdade de que toda forma de conflito é deformação, esse próprio percebimento porá fim ao conflito, no momento mesmo da percepção; em seguida, esquecei-a e começai de novo. Não digais: "Percebi e conservarei esta percepção." Dessa maneira, dá-se continuidade ao pensamento, que é memória, à lembrança daquilo que percebestes há um ou dois minutos — e mais força às células cerebrais, para continuarem a funcionar com essa memória do passado; por conseqüência, não há nenhuma mudança radical da estrutura da memória, da estrutura das células cerebrais.

Há ainda por considerar a questão da busca de experiência. Dizem-nos que devemos "experimentar" algo de fantástico, de transcendental. Ora, em primeiro lugar, porque desejais experimentar alguma coisa fora do ordinário? Porque desejais uma experiência transcendental? Pela simples razão que estais cansado de vossas cotidianas experiências: experiência sexual ou não sexual, a diária experiência da cólera, etc. Farto de todas essas experiências, dizeis: "Deve haver alguma outra espécie de experiência." Ora, a própria palavra "experiência significa "atravessar do começo ao *fim*" * um certo estado, quer dizer, acabá-lo, não

---

(*) Latim *experiri (ex-per-iri):* passar por (atravessar) *completamente (ex)* — (Cf. Dic. "Webster": *experience.* (N. do T.)

levá-lo para diante. Certo? E, *quem* é que está buscando experiência, quem é a entidade que diz: "Estou farto de todas estas coisas superficiais e desejo algo melhor?" Essa entidade faz parte do desejo de "melhor" e projeta a coisa que deseja. Vós, como hinduísta, muçulmano, cristão ou sabe Deus que mais, vós, como entidade condicionada, desejais "experimentar" Cristo ou Buda ou Krishna, etc.; e o "experimentareis", porque a coisa que ides experimentar é projetada de vosso passado, porque estais condicionado como hinduísta, etc. Assim, vosso *nirvana,* vosso céu, vossa "experiência", vosso futuro em conformidade com vosso passado, é insignificante e sem beleza.

E a mente que busca experiências, que deseja o "melhor", não compreendeu bem "o que é", ou seja o "eu" que anseia por essas experiências. A mente que busca experiências está acorrentada ao tempo; está acorrentada ao sofrimento; porque o pensamento é tempo, porque o pensamento é sofrimento. Ora, pode a mente manter-se totalmente desperta, sem necessidade de nenhum desafio, de nenhuma experiência, pois, em geral, precisamos ser "desafiados" para não adormecermos? Se todos os dias não fordes desafiado, refutado, criticado, naturalmente caireis no sono. Pode, pois, a mente manter-se tão desperta que não necessite de experiência alguma? Entendeis? Isso só se torna possível quando se compreende a inteira estrutura e natureza do pensamento. Sobre este ponto há tanto o que dizer!

Os que seguem a tradição voz dizem: "Fique sentado, bem aprumado, respirando de tal ou tal maneira" ou "Ponha-se de pernas para o ar durante vinte minutos"... Que significa isso? Podeis ficar sentado, na postura prescrita, o busto erecto, respirando corretamente, fazendo *pranayama,* etc., durante os próximos dez mil anos, e nunca tereis um vislumbre da Verdade, porque não compreendestes a vós mesmo, não compreendestes vossa maneira de pensar e de viver, não pusestes fim ao vosso sofrimento. Por conseguinte, se desejais esclarecer-vos, tendes de abandonar todas essas práticas.

Como sabeis, há certas faculdades, chamadas *siddhis,* que deslumbram as pessoas. Se sois capaz de levitação ou de ler pensamentos, se sois capaz de contorcer o vosso corpo de todas as maneiras imagináveis, essas faculdades parecem fascinar as pessoas, atribuindo-vos uma certa medida de poder e de prestígio. Ora, tais coisas são como velas acesas nos raios brilhantes

do Sol. Por conseguinte, não têm valor algum. Terão um certo valor terapêutico, físico, e nada mais.

Como pode a mente, sem estar seguindo nenhum sistema, nenhuma autoridade, sem estar comparando, como pode essa mente, há tanto tempo condicionada, esvaziar-se inteiramente do passado? Compreendeis esta pergunta? Ficar completamente vazia, para poder ver com clareza. E dar por acabado o que foi visto claramente, permanecendo, assim, sempre vazia, sempre nova e "inocente".

Uma mente inocente jamais pode ser ferida. Quase todos nós temos a mente ferida. Essas feridas são as "memórias" nela acumuladas e, em torno dessas "memórias", nossos remorsos, nossos anseios, nossa solidão. Nossos temores fazem também parte desse nosso sentimento de estarmos feridos. Desde pequeninos temos sido feridos, consciente ou inconscientemente. Como livrar a mente de todas essas feridas, sem se precisar do tempo, sem se dizer: "Gradualmente ficarei livre delas?" Dessa maneira, jamais acabareis com elas; antes disso, estareis morto. Cumpre, pois, descobrir se a mente pode esvaziar-se de todo, não apenas no nível superficial, mas nas últimas profundezas de seu ser, nas suas próprias raízes. Porque, se isso não acontecer, ficareis vivendo numa prisão, na prisão da causa e efeito, neste mundo em constante mutação.

Perguntai, pois, a vós mesmo se vossa mente pode esvaziar-se de todo o seu passado; se podeis conservar vossos conhecimentos técnicos, vossos conhecimentos de engenharia, de línguas, etc., e, contudo, atuar com base numa mente totalmente vazia. O esvaziar da mente ocorre com toda a naturalidade, suavemente, sem nenhuma espécie de coerção, quando compreendeis a vós mesmo, quando compreendeis o que sois. O que sois é vossa memória, um feixe de lembranças, experiências, pensamentos. Compreender o que sois é olhá-lo, observá-lo. Observá-lo sem dualidade: observador e coisa observada. Vereis, então, que vossa mente se tornará de toda vazia, atenta, e que nessa atenção podereis atuar de maneira completa, sem fragmentação de espécie alguma. Tudo isso faz parte da meditação; pois meditação não é vos sentardes a um canto, cinco minutos por dia, para entrardes num estúpido conflito com vós mesmo ou praticardes infantilidades como torcer o pescoço, controlar a respiração, etc. Essas práticas são como a chama de uma vela à luz do Sol.

E, por último, temos a questão de compreender totalmente a fragmentação (não a integração): compreender como surgem a

fragmentação e a contradição, e não como podem ser ajuntados os fragmentos. Não se podem juntar os fragmentos, porquanto isso implica dualidade: os fragmentos e a entidade que quer juntá-los. E, então, compreendendo-vos verdadeira e profundamente, conhecendo-vos realmente, estareis apto a compreender o significado do tempo — o tempo que prende, que escraviza, que produz o sofrimento.

Agora, se chagastes até este ponto — o que não significa ter percorrido, verbalmente, uma longa distância, uma distância mensurável, ou ter alcançado uma certa profundeza ou altura; se alcançastes essas culminâncias da compreensão, essa plenitude, descobrireis, por vós mesmo, uma dimensão indescritível, pois não há palavra que possa exprimi-la, uma coisa que não se adquire mediante sacrifício, que não se encontra em nenhum livro, que nenhum guru é capaz de experimentar. O guru pretende instruir-vos sobre essa coisa, ensinar-vos a maneira de alcançá-la, mas, quando o guru diz: "Eu a experimentei e sei o que ela é", ele não a experimentou nem sabe o que ela é, pois "o homem que diz que sabe, não sabe". A mente, pois, deve libertar-se da palavra, da imagem, do passado. Este é o primeiro e o último passo.

Nova Deli, 24 de dezembro de 1970.

Palestras em
MADRASTA

AS IMAGENS DO PASSADO

(Madrasta – VI)

Em primeiro lugar, cumpre dizer-vos quanto importa descobrirdes, por vós mesmos, o significado do aprender. É uma verdadeira arte. Em geral, temos nossas próprias opiniões, conclusões, pontos de vista, crenças e asserções dogmáticas, nossas insignificantes experiências pessoais, nosso saber — tudo isso a interpor-se e a impedir-nos de escutar efetivamente uns aos outros.

Pode-se escutar sem nenhuma conclusão, sem comparação e julgamento; escutar tão simplesmente como se escuta música, como se escuta uma coisa realmente amada? Então, não apenas escutamos com a mente, o intelecto, mas também com o coração, com zelo, objetividade, lucidez, atenção. Tendes vossa maneira pessoal de pensar, vossas experiências e conclusões, vosso saber. Deixai tudo isso de lado, pelo menos por ora. De outro modo, não poderemos investigar, aprender juntos; e nós temos de aprender conjuntamente, porque, é bem de ver, a palavra "comunicação" significa que temos um interesse *comum* * e, portanto, estamos cooperando, pensando conjuntamente, participando, criando juntos, compreendendo juntos. Por conseguinte, o orador não ficará simplesmente a dar explicações, e vós não ficareis simplesmente a ouvi-las. Conjuntamente, precisamos descobrir o que é verdadeiro, o que é o viver, compreender o complexo problema das atividades diárias, compreender tudo o que está ocorrendo, tanto exteriormente, no mundo, como interiormente, em nós mesmos.

(*) "Comunicação" deriva do latim *communis*. (V. Dicionário de Webster: *communicate*). (N. do T.)

Investigar e aprender em comum significa que não existe autoridade alguma. Ao perceberdes o que realmente *é,* o que realmente existe, podeis fazer alguma coisa a seu respeito; mas, se observais "o que é" com uma série de conclusões, opiniões, juízos, formulas, jamais compreendereis "o que é". Se observais o mundo como hinduísta, muçulmano ou cristão, então, é óbvio, não podeis ver com clareza; e nós temos de ver, todos juntos, bem clara e objetivamente, e racionalmente. Assim, se sois capaz de observar claramente — e isso, em si, é uma forma de disciplina — o que se está passando interiormente e o que se está passando exteriormente, este é um movimento unitário, e não um movimento dividido.

Exteriormente, que é que está acontecendo, não apenas neste país, mas no mundo inteiro? Uma coisa bem simples e evidente: desintegração — social, econômica, cultural. Os políticos se mostram incapazes de resolver qualquer problema. Ao contrário, estão criando problemas maiores ainda. Os países divididos em países prósperos e países pobres, subdesenvolvidos. Miséria, guerras, conflitos de toda espécie. Total ausência de moralidade. As organizações religiosas, com suas crenças e ritos e dogmas, verdadeiramente empenhadas em separar as pessoas. Se sois hinduísta e eu sou muçulmano, há forçosamente conflito entre nós, estamos um contra o outro. Exteriormente, podemos, por ora, tolerar-nos um ao outro, mas, fundamentalmente, interiormente, somos antagonistas. Assim, enquanto houver divisão, haverá necessariamente conflito, tanto exterior, como interior.

Nosso problema, pois, é este: pode tudo isso ser mudado radicalmente? Há possibilidade de uma revolução interna, psicológica, e, conseqüentemente, no exterior? Não podemos de modo nenhum continuar com nossos velhos hábitos, nossas velhas tradições, nossas velhas maneiras de pensar. A própria estrutura de nosso pensamento deve mudar, e mesmo nossas células cerebrais devem sofrer uma transformação, a fim de produzir-se a ordem, não só interiormente, em nós mesmos, mas também no exterior.

Nossa mente se formou através do tempo. As células cerebrais, evolvidas no curso de milênios, de séculos sobre séculos, adquiriram uma enorme soma de conhecimentos, de experiência, acumularam considerável saber científico, objetivo. Essas mesmas células cerebrais, que são produto do tempo, deram origem a este mundo monstruoso, onde há guerra, injustiça, pobreza, angústia inenarrável, divisões raciais, culturais, religiosas.

Nós temos de mudar. Não podemos continuar como estamos, indolentemente satisfeitos com insignificâncias, aceitando certas doutrinas como verdades, crendo em coisas a cujo respeito não sabemos absolutamente nada, seguindo autoridades, na esperança de sermos conduzidos ao esclarecimento. Tudo isso foi produzido pelo pensamento, que é reação da memória. Se não tivésseis memória, não poderíeis pensar. A memória é conhecimento, a memória é experiência acumulada, e o pensamento é a reação do passado. E, com base no passado, no pensamento, queremos resolver o imenso e complexo problema das relações humanas.

A questão, pois, é de descobrir como pode o pensamento, criador desta cultura — hinduísta, cristã, comunista, ou qualquer que seja ela — pensamento que tanta confusão e angústia e sofrimento tem causado no mundo — como pode ele, como podem as células cerebrais, que contêm a memória, sofrer uma radical mutação. O conhecimento é necessário, o saber científico e técnico é absolutamente necessário, para podermos exercer qualquer função. Necessitamos do conhecimento, que é acumulação e é produto do pensamento. Nota-se, pois, uma contradição no próprio funcionamento do pensamento. A um lado, ele separa e divide, psicologicamente bem como exteriormente, e, a outro lado, acumulou e criou consideráveis conhecimentos.

Dessarte, cumpre investigar se esse próprio pensamento, que tem de funcionar no campo do conhecido, pode deixar de criar separação. Basicamente, fundamentalmente, este é o problema. O pensamento é velho, porque a memória vem do passado. Ele nunca é livre, porque só é capaz de funcionar no campo do conhecimento. O pensamento é reação da memória, e a memória está encerrada na própria estrutura das células cerebrais.

Ora, existe uma percepção em que o próprio ver é agir?

Compreendestes minha pergunta?

Vós não estais habituados a investigar, não estais habituados a observar-vos; costumais ler o que outras pessoas dizem, e citar Sankara, Buda ou quem mais seja. Bom seria que nunca dissésseis uma palavra que não represente um descobrimento feito por vós mesmo, nunca dissésseis coisa alguma que vós mesmo não conheçais. Isso significa lançar para o lado todos os gurus, todos os livros sagrados ou religiosos, todas as teorias, tudo o que disseram os filósofos — embora tenhais de conservar os vososs livros técnicos e científicos. Nunca digais nada que não

compreendais, que vós mesmo não tenhais descoberto. Vereis, então, como a atividade da mente sofrerá uma extraordinária transformação. Ora, nós, entes humanos "de segunda mão", queremos descobrir uma maneira de viver realmente livre do tempo, porque o pensamento é tempo, e o tempo forma as coisas gradualmente. Gradualidade implica tempo.

Para ir daqui até aí, preciso de tempo para transpor o espaço intermediário. O pensamento funciona no tempo; penso na vida como movimento de um ponto para outro e, agora, estamos inquirindo se existe uma maneira de viver em que o tempo não exista absolutamente. O que nos interessa é a mudança, a revolução, a total mutação da estrutura mesma das células cerebrais; de outro modo, não será possível criar-se uma nova cultura, uma nova maneira de viver — um viver numa dimensão inteiramente diferente. Assim, existe uma ação nascida da percepção, uma ação em que o pensamento absolutamente não toma parte?

Vede, temos vivido no mesmo e velho padrão, num exíguo canto do vasto campo da vida, e nesse canto há muita divisão; o próprio canto cria a divisão — o estado em que estamos vivendo. Observando esse fato, sem ser por meio de livros ou de jornais, nem de qualquer pessoa, perguntamos se ele pode ser radicalmente alterado. Penso em mudança no tempo: "Amanhã, serei diferente." Estamos aprisionados na rede do verbo "ser" — fui, sou, serei. "Ser" é tempo. O tempo não produz nenhuma mudança radical. Serei amanhã o que fui ontem — com algumas modificações, uma ligeira diferença; mas trata-se do mesmo movimento do que "foi", movimento no tempo; e no tempo não há mutação, não há transformação. Ora, como poderá operar-se essa mutação da qual resultará uma diferente maneira de viver, uma diferente cultura, uma ação inteiramente diversa, criadora? Eis a questão: perceber e agir; e não, primeiro a percepção, depois a ação.

Observo em mim mesmo muito sofrimento, muita confusão, ambição, cólera, brutalidade, violência. Todas as coisas que o homem criou encontram-se em mim e em vós — prazeres sexuais, prazeres ideológicos, temores e agonias, impulso para a competição e a agressão. Eis o que somos. Podemos mudar instantaneamente? Pensamos que podemos alterar radicalmente tudo isso por meio do tempo — gradualmente, hei de evolver, de libertar-me de minha cólera, etc. etc. Isso exige tempo. Mas, vejo que o tempo não produz mudança nenhuma. Poderá produzir

modificações, mas nenhuma mutação radical. Isto é, percebeis o que sois e dizeis: "Serei aquilo" ou "eu deveria ser aquilo". Nesse intervalo entre o que sois — "o que é" — e o que "deveríeis ser" está o espaço, o tempo; e, enquanto andais de "o que é" para "o que deveria ser", outros fatores intervêm e, por conseguinte, nunca alcançareis o que "deveríeis ser".

Sou violento, e digo: "Devo tornar-me não violento." O "tornar-me não violento" exige tempo e, no ínterim, estarei semeando os germes da violência. Conseqüentemente, não deixo de ser violento. Assim, pergunto a mim mesmo: Existe um meio, existe uma percepção independente do tempo e, por conseguinte, geradora da ação imediata? Existe uma percepção da violência que seja o fim imediato da violência? Quero ver se a violência pode terminar instantaneamente, e não gradualmente, porque, se dizemos "gradualmente", ela nunca terá fim. Entendeis? É possível perceber com uma percepção que seja, ela própria, ação? Vamos continuar deste ponto? Ora, que é que impede essa percepção — essa percepção que é ação, que é perceber e agir instantaneamente, como quando se vê uma serpente? Aqui, não se pode dizer: "Agirei na próxima semana." Há reação imediata, porque há perigo. Ora, que é que impede à mente e, por conseguinte, ao cérebro, essa imediata ação da percepção?

Qual pensais ser o empecilho? Porque não vedes que o tempo é uma barreira, que o tempo não traz liberdade e nunca produzirá uma diversa percepção da vida numa dimensão diferente? Que é, pois, que impede a percepção? Porque não vedes as coisas claramente e atuais instantaneamente? Porque não vedes essa divisão, vossa separação psicológica, como parse, como hinduísta, comunista, socialista, muçulmano? Essa divisão cria um tremendo conflito; vedes isto? Como é que o vedes: verbalmente ou como um fato real, um perigo real? Vedes que, enquanto fordes hinduísta, comunista, esse próprio fato produz necessariamente divisão, e que divisão é conflito? Intelectualmente, reconheço o fato e digo "Sim, é isso mesmo", e aí paro. Portanto, não há ação nenhuma. Não deixo, de uma vez para sempre, de ser hinduísta; essa tradição, condicionamento, cultura, não tem fim, porque estou ouvindo palavras, intelectualmente, sem as relacionar com a percepção.

Porque não há uma percepção como a existente num momento de perigo, quando percebemos e atuamos instantaneamente? Vós bem sabeis o que está sucedendo neste mundo: pretos contra brancos, comunistas contra capitalistas, laboristas

contra não sei quem, católicos contra protestantes — embora uns e outros adorem Jesus-Cristo, etc.

Aqui, também, há divisão — diferentes línguas, nacionalidades, culturas. Vós tendes *vosso guru,* e eu tenho *meu guru;* tenho meu sistema, dado pelo guru, de chegar ao nirvana, ao céu, e vós tendes o vosso. Há, pois, divisão, e há conflito, e deste vem a guerra, tanto externa como interna. O homem que é verdadeiramente sério e deseja descobrir uma maneira de viver sem conflito nenhum nas raízes mesmas de seu ser, esse homem deve descobrir, não apenas intelectualmente, nem verbalmente, mas, sim, descobrir *realmente,* por si próprio, se há uma ação independente do tempo. Examinemos este ponto.

Comecemos no nível puramente objetivo. Vede se podeis observar alguma coisa, uma árvore, sem a respectiva imagem, sem o conhecimento que tendes dela, sem a intromissão do pensamento entre o observador e a coisa observada, dizendo: "Isto é uma mangueira." Já fizestes isso alguma vez? Sempre observastes através de uma imagem, não é verdade?

Ora bem; vós deveis ver sem verbalização. Verbalização é pensamento. Podeis observar uma árvore, vosso vizinho, vossa esposa, vosso amiguinho ou amiguinha, sem a respectiva imagem? Não podeis, não é verdade? Podeis observar vossa esposa (e isso já é um pouco mais difícil do que observar uma árvore) sem nenhuma imagem?

É relativamente fácil observar a árvore sem nenhuma imagem, nenhuma palavra, nenhum pensamento. Ao observardes a árvore, sem que entre em funcionamento o mecanismo do pensamento, desaparece o espaço (que é tempo) entre vós e a árvore. Isso não significa que vos tornais a árvore ou que vos identificais com a árvore. Vedes a árvore totalmente e não parcialmente; há só a árvore, e nenhum observador. Compreendeis isto? Vós nunca fizestes isso. Fazei-o! Não "tenteis" fazê-lo: fazei-o! Isto é, observai a flor, a nuvem, a ave, a luz refletida na água, o movimento das folhas na brisa, observai, simplesmente, sem nenhuma imagem. Descobrireis, assim, uma relação nunca dantes existente entre a coisa observada e o observador: o observador deixa totalmente de existir.

Agora, observai vossa esposa ou vosso amigo, sem imagem. Vós tendes a imagem de vossa esposa (ou marido, ou outro qualquer), não? Essa imagem se formou através do tempo. Conviveis com vossa esposa, vos deitais com ela, ela vos irrita,

vós a ameaçais... sabeis das coisas que se passam na vida de família. Através dos anos formastes imagens a respeito dela, e ela formou imagens a vosso respeito e olhais um ao outro com essas imagens, não? Essas imagens, decerto, causam divisão entre vós.

Ora, como podem ter fim as imagens — a imagem do hinduísta, do muçulmano, do comunista, do socialista, a imagem que formo acerca de mim mesmo e a imagem que formo acerca de outrem? Se desaparecerem essas imagens, haverá uma relação de espécie inteiramente diferente. Isso porque a imagem é o passado, a imagem é memória, sendo "memória" as marcas produzidas nas células cerebrais através de um certo número de anos, o condicionamento "hinduísta" das células cerebrais, etc. Essa imagem permanece. A questão, pois, é esta: Pode a imagem desaparecer, não através do tempo, não gradualmente: desaparecer instantaneamente? Para responder a esta pergunta, será necessário descobrir o mecanismo formador de imagens.

Estais também trabalhando, ou estais meramente sendo instruídos pelo orador? Não aprendais nada do orador, porque ele nada tem para vos ensinar. Não tem absolutamente nada para ensinar-vos, porque não admite a relação de "mestre e discípulo", geradora da autoridade; pois, onde há autoridade, há divisão: "o que sabe" e "o que não sabe". E o homem que diz que sabe, não sabe. Portanto, não estais aprendendo nada de mim. Estais aprendendo pela atenta observação de vós mesmos. Sois, assim, livre para aprender. Essa liberdade é absolutamente necessária.

Aprendei, pois, observando a vós mesmo, observando que tendes vossa imagem própria a respeito de outrem, que tendes uma imagem de vós mesmo, como hinduísta, budista, comunista, católico, protestante, *hippy*, etc. Vedes, em vós mesmo, essa imagem, e dizeis: "Sei que esta imagem se criou porque fui educado como cristão, como hinduísta, como muçulmano. Nasci neste meio, fui condicionado, e esta imagem permanece e divide." Onde há divisão, há sempre conflito, exterior e interior. Dessa maneira, estais aprendendo pela observação própria e perguntando a vós mesmo: "Qual o mecanismo formador da imagem?"

Que mecanismo é esse que forma a imagem? Observai o que estou dizendo, não tenteis traduzi-lo para agirdes sobre essa base; observai simplesmente o que o orador está dizendo, escutai-o e observai a ação, sobre vós mesmo, da imediata percepção. Dizeis-me que sou "idiota". Essa palavra, com suas

associações, põe em movimento a memória, contida nas células cerebrais. A palavra "idiota" tem suas associações, impressas na memória, no velho cérebro. O velho cérebro me faz dizer: "Idiota é você." A reação, pois, provém do "velho", da memória. Ora, o mecanismo formador de imagens só funciona se não há atenção no momento em que a mulher irrita o marido, ou vice-versa. Quando, nesse momento, há atenção, o mecanismo não entra em funcionamento. Isso podeis observar por vós mesmo. No momento em que estou atento, podeis dizer-me o que quiserdes, e o mecanismo não funciona. Se, no momento em que dizeis "sou hinduísta", estais completamente atento, podeis perceber claramente o que isso significa: divisão, conflito, batalha. Só há essa percepção ao estardes completamente atento. Nesse momento o mecanismo do "hinduísmo", ou seja o condicionamento, pára.

Em seguida, pergunta-se: Como pode a mente manter-se tão atenta a todas as horas? Não é isso que perguntais? Vede, no momento da atenção, desaparece o condicionamento, cessa toda a formação de imagens; só quando não estais atento o mecanismo se acha em funcionamento: sois hinduísta, muçulmano, cristão, comunista. E, logo, se pergunta: Pode-se sustentar essa atenção, isto é, pode ela *continuar?* Prestai atenção a isto, por favor: Pode essa atenção existir sempre, perdurar? Isso implica o tempo, não é verdade?

Fazeis uma pergunta errônea ao indagardes: "Pode essa atenção perdurar, posso mantê-la a todas as horas, qual o sistema, o método de sustentar a atenção?" No momento em que perguntais "Como pode a atenção continuar?", dais entrada ao tempo e, por conseguinte, à desatenção. Quando estais plenamente atento, não há tempo; e quando, estando atento, percebeis e agis, está acabada a atenção. Não dizeis "Quero levá-la comigo".

Compreendeis, estais seguindo o que estou dizendo? No momento da atenção, vós vistes e agistes — percepção-ação — mas, o pensamento entra em cena e diz: "Que coisa extraordinária! Eu queria que essa atenção existisse sempre, pois vejo que ela é um meio de agir sem conflito." Por conseguinte, o pensamento deseja cultivar a atenção. Qualquer forma de cultivo requer tempo. Mas, não se pode cultivar a atenção por meio do tempo. Assim: percepção, ação, e o fim da percepção; esquecei-a, para começardes de novo, cada vez, com a mente e

as células cerebrais novas, sem a carga da percepção de ontem. Entendestes?

A mente é, então, sempre nova, juvenil, "inocente". A mente inocente é aquela que não pode ser ferida. Uma mente sem marcas de ferimentos recebidos — eis a verdadeira inocência; temos cicatrizes no cérebro e, com elas, queremos descobrir um estado mental sem ferimento algum. A mente inocente não pode ferir-se, * porque nunca transporta um ferimento de dia para dia. Não há, pois, nem perdão, nem lembrança.

Madrasta, 6 de janeiro de 1971.

(*) Isto é, sofrer ofensa. (N. do T.)

O FIM DO TEMOR

(Madrasta — VII)

NESTA tarde, cumpre-nos considerar vários assuntos, entre os quais a importância de o ente humano transformar-se, num ambiente, sociedade ou cultura onde impera a corrupção e a desintegração. É bem visível a necessidade de alterar-se o ambiente, ou seja a sociedade, a religião, a cultura, etc., e esse problema se torna bem mais importante porque pensamos que a estrutura social, a comunidade, o mundo que nos rodeia, não podem ser transformados por um só indivíduo, um só ente humano. Que importância tem um indivíduo, um ente humano transformar-se quando, em torno dele, há tanto caos, e aflição, e confusão, tanta loucura?

Esta é, a meu ver, uma pergunta errônea, porquanto o ente humano é o resultado da cultura em que vive. Já que ele mesmo criou a cultura, a sociedade, o ambiente, transformando a si próprio, estará transformando o ambiente. Ele é o mundo, e o mundo que o circunda é ele próprio. Não há divisão entre ele e o mundo. Esta é uma coisa que deve ser claramente compreendida, logo de início, ou seja que não há separação entre o indivíduo e a comunidade. A palavra indivíduo significa uma entidade indivisível. A maioria dos entes humanos estão divididos, fragmentados, e isso resulta, em parte, da sociedade e da cultura em que vivem.

Importa, pois, compreender o fato de que os entes humanos resultam do ambiente em que vivem. Vós, que nascestes neste país, sois hinduísta, muçulmano, etc. Os nascidos no Ocidente são cristãos, divididos em católicos e protestantes, e respectivas subdivisões. Ora, logicamente, intelectualmente, pode-se admitir esse fato como idéia, matéria para raciocínio, mas daí não se

passa, pois parecemos incapazes de traduzi-lo em ação. E, se possível, trataremos, nesta tarde, não apenas do conflito do homem e, portanto, do mundo, isto é, do conflito existente dentro do homem e nas suas relações com o mundo — o conflito entre os vários fatores da fragmentação, cada fragmento contra os outros fragmentos que compõem o ente humano — mas consideraremos também se é possível o ente humano libertar-se totalmente desses conflitos, já que só assim poderá ele conhecer o significado do amor e também, talvez, compreender a pleno o significado da morte e do viver. Assim, em primeiro lugar precisamos compreender o que o conflito faz à mente humana.

Em todo o mundo os entes humanos acham-se em conflito, dentro de si mesmos, com seus semelhantes, com o mundo, com o ambiente de que fazem parte. E enquanto não compreendermos este problema e por nós mesmos descobrirmos se há possibilidade de, definitiva e totalmente, pormos termo ao conflito, nunca conseguiremos viver em paz com nós mesmos nem com a sociedade.

Só a mente que se acha inteiramente em paz (mas não dormindo), a mente que não se põe hipnoticamente num estado que ela considera ser um estado de paz — a mente que está realmente em paz, só esta pode descobrir o que é a verdade, o que significa viver, o que significa morrer, e conhecer o amor em toda a sua profundeza e amplidão.

Vamos primeiramente investigar, em comum, porque o homem vive em conflito, porque viveis em conflito. Não sei se estais cônscio, se vedes que interiormente estais fragmentado, dividido. Sois negociante e chefe de família; sois artista e, ao mesmo tempo, ávido e invejoso, buscais poder, prestígio, fama. Sois cientista e também um ente humano como os outros, insignificante e vulgar. Como entes humanos estamos fragmentados, interiormente divididos, e a menos que vos torneis cônscios de estardes realmente fragmentados, a menos que compreendais totalmente este fato, vossa mente será incapaz de percepção.

Só a mente que não está sendo torturada, deformada, só a mente lúcida, livre de quaisquer marcas de conflito, pode ver o que é a verdade e, por conseguinte, ser capaz de viver. Ora, precisamos estar bem cônscios desse problema, desse conflito tanto individual como social. Qual a sua causa fundamental? Existe ele por culpa do ambiente, da educação que recebemos, da cultura em que vivemos? É por culpa do ambiente que vos

vedes em conflito, constantemente, dia e noite, do nascer ao morrer? Se percebeis realmente que, em vós mesmo, estais fragmentado, dividido, em contradição, já deveis então ter perguntado a vós mesmo por que razão vive o homem nesse estado.

E fostes vós que criastes o ambiente, a sociedade em que viveis, as religiões e deuses que aceitastes. Vossos deuses são projeções vossas. Sois, portanto, responsável pelo conflito, pelo ambiente, pela sociedade em que viveis, por todas as crenças, dogmas e rituais. Sois, total e absolutamente, responsável pelo ambiente e pela sociedade em que viveis. Assim, uma vez cônscio, intensa e apaixonadamente cônscio, e não apenas verbalmente, de que sois o mundo e o mundo é vós, que acontece?

Não sei se já indagastes porque existe conflito no homem, em vós. Se já o fizestes, qual a resposta? Buscais a resposta no que outro disse — Sankara ou Buda — buscais a resposta em alguma autoridade? É isso que fazeis ao vos interrogardes porque — como ente humano responsável por toda a estrutura do ambiente em que viveis e do qual fazeis parte — existe em vós esse conflito? Pode alguém responder por vós a essa pergunta? Se outros responderem, tal resposta será mera descrição, mera explicação. Mas, nem a explicação, nem a descrição são a coisa explicada ou descrita.

Cabe-vos, portanto, desconsiderar de todo a autoridade. Cumpre-vos descobrir porque vos achais em conflito e, para o descobrirdes, necessitais de energia. Necessitais de abundante energia para descobrirdes por vós mesmo a razão por que o homem — vós — vive em conflito.

Ora, investigando a causa do conflito, fazeis uso do intelecto, como instrumento de análise, não é verdade? Fazeis uso do intelecto como instrumento de análise e, por meio dele, esperais descobrir a causa do conflito. O intelecto é uma parte, um fragmento da totalidade. Esperais encontrar a solução de tamanha questão por meio de uma coisa fragmentária, chamada "intelecto", o único instrumento que possuís. Assim, indagando a causa do conflito por meio do intelecto, só obtereis uma resposta parcial, pois o intelecto é fracionário, não sendo, portanto, o instrumento adequado. E isso significa que deveis desfazer-vos já desse instrumento e achar outro de diferente espécie.

Até agora temo-nos servido do intelecto como meio analítico de descobrirmos porque o homem sofre, porque vive em conflito; e o intelecto é um fragmento do todo. O homem não é só inte-

lecto; é também sistema nervoso, emoções, etc. E, com uma parte dessa estrutura, queremos descobrir a causa do sofrimento e conflito do homem. Quando se examina com um instrumento fracionário, a compreensão será sempre parcial e, por conseguinte, incompleta.

E deveis ver, também, que necessitais energia, não? Ora, a energia que temos está dividida, é também fragmentária. Na fragmentação há energia. Em cada fragmento há energia, assim como no calor há energia; e, no controlá-la, há também energia. Dividimos, pois, a energia em fragmentos, ao passo que a energia humana, a energia cósmica, toda e qualquer espécie de energia é um movimento unitário. Como dissemos, necessitamos de energia para compreendermos a estrutura e natureza do conflito e fazermo-lo cessar. Necessita-se de intensa energia, e não de energia fragmentária, como, quando dizemos: "Preciso libertar-me do conflito."

Quem é o "eu" que diz "devo livrar-me do conflito" ou "devo reprimi-lo"? É uma fração de energia a falar de outra fração de energia. São, portanto, energias em conflito. Estamos indagando qual é a causa desse conflito. É bem fácil achá-la: a causa é o observador separado da coisa observada. Há, em vós, o "observador", que olha aquela árvore com seus conhecimentos, seu condicionamento, trazidos do passado, e a olha como coisa separada de si próprio.

O "observador" diz: "Faça isto, não faça aquilo." O observador tem certos valores, certos juízos e é, em verdade, o censor, que está sempre a observar, a rejeitar, a controlar, e a separar-se da coisa que está observando. Se, ao sentirdes cólera ou ciúme, vos observardes atentamente, vereis que existe o observador que diz: "Estou enciumado, encolerizado." O dar nome à reação, o chamá-la "cólera", separa-o da cólera.

Sois capaz de olhar aquela árvore sem lhe dar nome, sem deixar interferir o pensamento, que é reação da memória — sois capaz de observá-la simplesmente? A esse respeito falamos sumariamente na reunião anterior; dissemos que olhais para a árvore através da imagem que dela tendes e, portanto, não a estais olhando realmente. De modo idêntico, se tendes uma imagem de vossa esposa, marido ou amigo, olhais para a pessoa através dessa imagem. Há, pois, dualidade. Essa divisão entre o observador e a coisa observada é a essência mesma do conflito, da divisão.

Quando sinto cólera, nesse momento não há observador. Prestai atenção: vou examinar esta questão passo a passo. Acompanhai-me, observando a vós mesmo, observando o que em vós mesmo está ocorrendo. Ao sentirdes cólera, nesse momento, nesse segundo, não há observador; um segundo após entra em cena o observador, dizendo: "Estive encolerizado." O observador se separou da cólera, dando-lhe nome, dando nome ao sentimento. Deu-lhe nome para reforçar a memória. A memória diz: "Você esteve encolerizado." A memória é o censor que diz: "Você não devia ter-se encolerizado; seja generoso, não reaja, dê-lhe a outra face." A reação da memória, como pensamento, se torna o observador separado da coisa observada e a dizer: "Tenho cólera, ciúme, inveja." O observador procura, então, reprimir a inveja — e começa o conflito.

Assim, onde há observador e coisa observada, lá está a raiz do conflito.

Ora, é possível observar-se a cólera sem o "observador"? Esta é a questão imediata. No momento da cólera ou do prazer, não há observador; um segundo após, aparece o observador. O observador é o "censor", o "registrador", as células cerebrais, em que se conservam as "memórias", e, por conseqüência, o observador diz: "Devo, não devo, quero mais, quero menos." Assim, perguntamos: Pode haver observação sem o "observador"? Entendeis? Esta é uma questão imensa. Estamos condicionados para criar esse conflito que surge quando há um observador diferente da coisa observada. Tal é nossa tradição, nossa condição, o resultado de nossa cultura. E, se funcionamos com base no hábito, há desperdício de energia. E quando reagimos prontamente, isto é, quando o "observador" reage imediatamente a uma emoção, a reação provém sempre do velho cérebro. Estamos agora perguntando se pode haver observação sem o "observador". Para se pôr fim a um hábito, uma tradição, sem conflito, requer-se energia.

Simplificando: Estou encolerizado; neste momento não há "observador", como "eu", a dizer: "Estou encolerizado." Um segundo após, surge a entidade "observador". Essa entidade é o "censor", que diz: "Não devo encolerizar-me." A reação do observador vem da tradição, do hábito, do velho cérebro, e dissipa energia, quando necessitamos de nossa energia total para observar sem o "observador". Estais-me seguindo?

Formulemos de modo diferente a questão: Que é vossa vida, vossa vida de cada dia, não vossa vida ideológica, a vida

que gostaríeis de ter ou esperais ter: vossa vida real de cada dia — "o que é"? Que é vossa vida? Uma batalha, não?, com ocasionais lampejos de prazer, prazer sexual ou outras formas de prazer sensual. Vossa vida é uma constante batalha. Pode essa batalha cessar?

Para pordes fim a essa batalha, deveis olhar todo o campo da existência; não apenas uma parte dele: sua totalidade. Em nosso estado atual somos incapazes de observar o campo inteiro — o todo — porque dividimos a vida em vida de negócios, vida de família, vida religiosa, etc.; e, como cada uma dessas frações tem sua própria energia ativa, cada fragmento está oposto aos outros fragmentos e, assim, essas energias fragmentárias estão dissipando nossa energia total.

Pode-se olhar o campo inteiro, nossa complexa existência — seu aspecto econômico, social, familial, pessoal, comunal — como um só todo, percebê-lo totalmente? Para percebê-lo totalmente, necessitamos de uma mente não fragmentada. Como consegui-la? Como pode a mente fragmentada sacudir todos os fragmentos, para ter uma percepção total? Entendeis esta pergunta? Não posso ver o inteiro e complexo campo da existência através de uma estreita fresta que chamo "intelecto". Não posso vê-lo, porque o intelecto é um fragmento e não posso servir-me de um fragmento para compreender o todo. Eis um fato muito simples. Deve haver uma diferente espécie de percepção e essa espécie de percepção só existe quando o observador está ausente, quando podeis olhar uma árvore sem nenhuma imagem, quando podeis olhar vossa esposa ou marido sem imagem de espécie alguma, quando podeis olhar o muçulmano e o muçulmano pode olhar-vos, sem as respectivas imagens. Essas imagens são produzidas pelo observador e, se percebeis esta verdade, não como simples dedução lógica, porém como fato real e verdadeiro — como quando vedes a periculosidade de uma serpente — atuais imediatamente. Assim, ao verdes a verdade de que há conflito sempre que há observador — e o observador é o produtor de imagens, é tradição, é a entidade condicionada, é o censor — ao verdes esta verdade, estareis então observando sem observador e vendo a totalidade da existência.

Tem a mente, então, uma energia tremenda, porque sua energia não está sendo dissipada. Nós dissipamos energia no controlar. Já observastes um *sannyasi* ou um monge que fez os votos de celibato e de pobreza? Quantas torturas não atravessa ele por causa da imagem que tem de que a Verdade só será des-

coberta se ele for celibatário, senão, diz ele, haverá desperdício de energia pela atividade sexual. Para encontrar a Realidade, ele necessita de sua energia total, mas acha-se, interiormente, empenhado numa batalha. Compreendestes? Tem ele, portanto, a imagem de que deve ser celibatário; essa imagem cria a divisão entre ele próprio e o que realmente *é*.

Ora, se puderdes observar "o que é", sem o censor, haverá transformação de "o que é". Sou violento; e esta é, aparentemente, a condição humana normal: ser violento. Sou violento; no momento da violência não há observador; este só aparece segundos após, dizendo: "Não devo ser violento." Isso, porque tenho uma imagem, um ideal da "não violência", que me impede de observar a violência. Assim, digo entre mim: "Tornar-me-ei cada dia menos violento; dia por dia alcançarei o estado final de "não violência." Ora, que implica este simples fato de que sou violento e um dia serei "não violento"? Implica, em primeiro lugar, que existe "observador" e "coisa observada" e, em segundo lugar que, antes de alcançar o estado de "não violência", o "observador" estará semeando os germes da violência. E há, também, o fator tempo, ou seja o tempo que decorrerá até ele se tornar completamente "não violento" — o espaço entre a violência e a "não violência". Nesse espaço, sobrevêm outros fatores, de maneira que ele nunca ficará livre da violência. Observa-se que as pessoas que falam incessantemente sobre "não violência" são extremamente violentas; porque, alegando que, no fim de certo tempo, alcançarão o estado de não violência, no ínterim continuam violentas.

O fato, pois, é a violência; "o que é" é a violência. Esse fato posso observar, mas tal observação só é possível quando a mente não está ocupada com o ideal da "não violência". Então ela é capaz de observar "o que é". Ora, como observais "o que é"? Com vossa mente condicionada, dizendo "Não devo ser violento"? Com a imagem que tendes a respeito da violência? — Ou existe uma qualidade de observação sem a palavra, sem a imagem? Observar sem imagem requer abundante energia. Observando sem imagem, não desperdiçais energia, reprimindo ou transformando o que observais (a violência) ou seguindo um ideal de "não violência".

Examinemos agora, pela mesma maneira, o problema relativo a isso que chamamos "amor". Já vimos o que é que chamamos viver: uma coisa artificial, uma batalha; e, investigando essa questão, vimos que é possível — *não* intelectualmente, porém

realmente — livrar-nos desse conflito. Investiguemos, agora, a fundo, o que é o amor, não segundo vossa opinião ou a opinião ou conclusão de alguém: o que ele realmente é. Que é o amor? É prazer, é desejo, é sexo, ciúme, posse, domínio, dependência? Se dependeis, estais na rede do medo. Se dependo de minha mulher, porque ela me proporciona prazer sexual, se dela dependo para ter conforto, companhia, essa dependência gera medo, essa dependência gera ciúme, ódio, antagonismo, espírito de posse, desejo de domínio. Isso é amor? Indagai, examinai, descobri. O prazer, associado ao sexo, é amor?

E porque se tornou o sexo tão desmedidamente importante em nossa vida? Porque, senhores, porque no mundo moderno, e também na antiguidade, fizemos do sexo uma coisa de colossal importância? Porque se diz que não podemos alcançar a realidade, o esclarecimento, se temos atividades sexuais? Vejamos.

Em primeiro lugar, cumpre investigar o que é prazer. Vedes uma bela árvore, uma nuvem formosa, o rosto encantador de uma criança, as belas feições de um homem ou de uma mulher; que acontece então? Vedes os suaves raios da Lua a rutilar sobre as águas com tanta beleza e, logo a seguir, chega o pensamento, dizendo: "Que bela experiência! — preciso repeti-la amanhã." Estais prestando atenção? O pensamento, que é reação da memória, ao ter aquela bela experiência diz: "Quero repeti-la amanhã." No momento da percepção daquela luz espelhada na água, nada havia — nem prazer, nem o desejo de repetição. Era a plena e absoluta percepção da beleza. Veio depois o pensamento: "Vamos repetir isso amanhã; vamos olhar novamente aquelas águas." Já se trata, pois, de prazer: a repetição de uma "experiência" que o pensamento reduziu a prazer; é desse modo que o pensamento dá continuidade e força ao prazer. É preciso compreender isso. Na semana passada sofrestes dor física, uma terrível dor de dentes. Temeis que ela volte amanhã, na próxima semana; está em ação o pensamento.

O pensamento sustenta tanto o prazer como o medo. Em torno do amor, ele ergueu uma estrutura de prazer e, por essa razão, os santos e as religiões dizem: "Não olheis uma mulher; reprimi, controlai o desejo" — e o que acontece é ficardes empenhado numa batalha, dissipando energia. Que é, pois, o amor? É prazer, medo? O medo é ciúme, violência. Quando possuís vossa esposa, quando a chamais "minha", isso não é violência, e violência é amor?

Estamos agora perguntando porque é que os entes humanos fizeram do sexo uma coisa tão importante. Já refletistes sobre isso? Já observastes porque, em vossa vida, o sexo se tornou de tamanha relevância? Já notastes como vossa vida é mecânica — trabalhar todos os dias, repetir, repetir sempre — e quanto sois mecânico, citando vossos livros religiosos, praticando vossos ritos, denominando-vos hinduísta, muçulmano, cristão, comunista e sabe Deus o que mais? Tudo hábito mecânico, tudo repetição!

Só uma coisa possuís fora dessa existência de competição e repetição: o sexo. Mas vós o reduzistes a um hábito que vos alivia do tédio da vida. Convertestes, pois, o amor numa coisa mecânica, numa fonte de prazer. Isso é amor?

Para descobrirdes o que é o amor, tendes de rejeitar tudo o que ele não é. Essa rejeição implica compreensão do que é o prazer. É necessário compreendê-lo, em vez de dizer-se: "Devo rejeitar o prazer" — o que equivale a dizer "devo rejeitar o desejo". Para isso é que fostes educado, isto é, para aceitar a tradição de que o desejo é pecaminoso e que é necessário transcendê-lo.

Ao admirardes uma árvore, a beleza de uma folha, a dança de sua sombra, sentis grande deleite. Que mal há nisso? Porque negastes a beleza, vossa vida se tornou mecânica. Nunca olhais as árvores; preferis derrubá-las; nunca olhais para o céu, as nuvens, a beleza da paisagem, porque, no fundo de vossa mente, entretendes a idéia de que, para ser verdadeiramente religioso, não deve o homem olhar para as coisas belas, porque a beleza pode lembrar a mulher. Eis o que chamais religião, eis o caminho que estais trilhando para achar Deus. Para achardes a realidade, necessitais de uma mente livre, e não de uma mente torturada; necessitais de amor sem ciúmes nem temores. Ignorais o que significa amar, o quanto isso é belo, porque não sabeis o que exprime viver uma vida de beleza, livre de conflito: só conheceis o viver sujeito a tal ou tal padrão e, portanto, fragmentário. Separastes o viver do morrer. Vede o que isso implica.

A morte lá está, à distância. Podeis afastá-la do pensamento, mas sabeis que qualquer dia ela chegará; por isso, inventamos teorias — como a reencarnação. Existe uma próxima vida? Se credes na reencarnação, se credes que o que sereis na próxima vida dependerá do que tiverdes feito nesta vida, então a vida presente é bem mais importante do que a vida futura, quer dizer, muito importa o que fazeis agora, a maneira como

vos comportais agora é relevante. Mas, na realidade, não credes na reencarnação. É uma mera teoria que vos proporciona uma temporária consolação. Se nela crêsseis verdadeiramente, então, cada minuto do dia teria peso, cada ação, significado. Portanto, agora é o momento de serdes virtuoso, e não na próxima vida. Não sei se estais compreendendo bem. Tendes incontáveis teorias a respeito da morte, e nunca a olhastes de frente.

Tratai, pois, de descobrir a natureza da morte enquanto estais vivo, cheio de vitalidade e energia; não o deixeis para quando estiverdes prostrado pela doença, inconsciente ou cheio de dores e de aflição. Não é nesse instante que podeis descobrir o que é a morte, e, sim, quando sois capaz de olhar, de andar, de observar, de estar cônscio do mundo exterior e interior, de compreender o que é viver e o que significa amar.

Que é, pois, a morte? Os velhos fazem esta pergunta por medo, porque estão perto de morrer. A velha geração nada vos oferece senão teorias sobre a morte. Nada tem para vos oferecer de tradicional ou de atual. Que vos deram eles, cultural, social, economicamente? Vede, senhor, o que eles vos deram: uma estrutura social corrompida, cheia de iniqüidade, uma estrutura que fomenta a guerra, o nacionalismo, etc. Qualquer homem inteligente rejeita totalmente tal estrutura, inclusive a respectiva moralidade. Que pode, pois, oferecer-vos a velha geração — que teme a morte? Nada, senão palavras e mais palavras, e medo. Não aceiteis, pois, o que outro homem disser sobre a morte. Tratai de descobrir seu significado.

Que significa morrer — não de velhice, paralisia, doença, acidente — mas agora, aqui sentados, conscientes, despertos, escutando com uma mente verdadeiramente séria? Estamos perguntando o que é morrer, o que é não ter medo. Não sabeis o que significa morrer; só sabeis o que significa findar, isto é, o fim das coisas que conheceis, de vosso saber acumulado, de vossas esperanças, de vossa família, de vossa esposa, de vossos filhos, que pensais amar; se deveras os amásseis, teríeis um mundo diferente. Que significa, pois, morrer? Temeis o fim do conhecido; não temeis a morte, porque dela não sabeis absolutamente nada.

Que temeis, então? O fim do conhecido? E, que é o conhecido? São vossas "memórias", todo o conjunto de vossas tribulações, vossos móveis, vossa casa, ressentimentos acumulados, conflitos, tristezas; a tudo isso estais apegado e dizeis: "Não quero morrer." É disso que tendes medo — de largar o conhe-

cido, e não da morte? Ora, largai o conhecido, largai vossas lembranças, largai todos os vossos prazeres, "memórias" acumuladas, pesares, ânsias; morrei por inteiro para tudo isso, para terdes uma mente de todo nova. Eis o que significa morrer: não levar para diante vossas "memórias", vossas fúteis ou deleitáveis experiências. Vivei, cada dia, sem acumulação, e sabereis o que significa morrer completamente, de modo que a mente seja amanhã nova, juvenil, "inocente", cheia de energia. Do contrário, não importa o que façais, se não tendes amor, se não tendes a compreensão da beleza desse morrer, jamais tereis acesso àquilo que é indenominável.

Madrasta, 10 de janeiro de 1971.

O ESTADO DE BEM-AVENTURANÇA

(Madrasta – VIII)

Como já estivemos falando acerca de tantos assuntos — o medo, o prazer, o fim do sofrimento, etc. — parece-me oportuno falarmos hoje sobre a questão da meditação. Esta é uma palavra "carregada", principalmente no Oriente. Nutrem-se idéias de toda espécie sobre o que é meditação, os sistemas que se devem seguir, os métodos, os exercícios, as disciplinas que impende praticar, e parece-me necessário considerarmos esta questão, porque a meditação faz parte da vida, tal como a morte, o amor e a beleza. Nem a meditação é apenas uma parte da vida, mas também deve abarcar a totalidade da vida.

Não sei bem como iniciar, tratando-se de questão tão complexa, mas acho que poderíamos começar considerando a necessidade de transformação radical, de mudarmos totalmente nossa maneira de viver, não só exteriormente, em nossas relações, atitudes e atividades, mas também interiormente, no mais profundo de nosso ser. Precisamos de prodigiosa transformação na estrutura de nossa própria mentalidade. Todavia, como há séculos e séculos o homem vem buscando um estilo de vida não mundano, portanto fugindo da vida, ele negou o viver e criou uma idéia própria sobre o que seja a vida religiosa. Mas, se queremos investigar a questão da meditação e da vida religiosa, da mente religiosa, devemos voltar as costas a tudo o que o homem tem pensado a respeito da meditação ou da vida religiosa. Tudo isso temos de renegar, de rejeitar totalmente.

Começaremos, pois, por investigar o que não é meditação, para, pela negação, alcançarmos o positivo. Deveis recusar, não apenas verbal, intelectual ou teoricamente, mas negar realmente tudo o que o homem tem dito. A cada um cabe descobrir, por si próprio, porque a Verdade não é coisa adquirível de outrem;

tampouco está fixada num ponto. Compreendei, por favor, que precisamos ser verdadeiramente sérios, para rejeitarmos toda espécie de propaganda, pois religião * é uma contínua propaganda. Há mais de dois mil ou cinco mil anos ** vos é dito o que deveis fazer, o que deveis pensar. Cumpre-vos, pois, rejeitar tudo isso e descobrir por vós mesmo o que é a Verdade, se tal coisa existe. Importa compreenderdes a vós mesmo, e não o que outros dizem sobre vós. Se seguis um psicólogo, um filósofo, um analista, um intelectual ou um dos velhos instrutores, até dos mais antigos e venerados, etc., estais meramente seguindo o que eles dizem sobre vós. Tendes, pois, de rejeitar tudo, para começardes a descobrir o que sois.

Esse autodescobrimento faz parte da meditação, e é absolutamente necessário, porque, se não vos conheceis, não apenas superficialmente, mas no mais profundo de vosso ser, não tereis base nenhuma para a ação, nenhum fundamento sobre o qual erguer um edifício estável, harmonioso. E ninguém senão vós mesmo pode ensinar-vos o que sois; deveis, pois, ser o guru, o discípulo, o mestre; vosso aprendizado tem de vir de vós. O que aprendeis de outrem não é verdadeiro. Tratai, pois, de descobrir individualmente o que sois e de aprender a observar-vos.

Autoconhecimento não significa acumular conhecimentos sobre si próprio; significa observar a si próprio. Se aprendo acumulando conhecimentos, nada aprendo a respeito de mim mesmo.

Há duas maneiras de aprender. A primeira é aprender acumulando conhecimentos e, com eles, observar; isto é, observar através do crivo do passado. Observo-me, tenho experiências, acumulo conhecimentos derivados dessas experiências; olho-me através dessas experiências, isto é, olho-me mediante o passado. Essa é uma das maneiras de aprender. A outra maneira é observar o movimento de todos os pensamentos, de todos os "motivos", e jamais acumular. Por conseguinte, este aprender é um processo constante.

Explicando melhor: Vejo que sou violento; observo minha violência e a condeno. Condenando-a, aprendi que não deve

---

(*) Krishnamurti se refere, aqui, à "religião organizada".

(**) Idades das duas grandes religiões: Cristianismo, 2.000 anos; Bramanismo, 5.000 anos). (N. do T.)

existir violência. Na próxima ocasião em que me observo como pessoa violenta, reajo de acordo com o que aprendi. Por conseguinte, não há uma observação nova, porque estou olhando a nova experiência com "olhos velhos", com o conhecimento anteriormente adquirido. Logo, não estou aprendendo. Aprender é um movimento constante, não oriundo do passado; um movimento de momento em momento, portanto sem acumulação. Nós somos o resultado de milhares de anos de acumulação, e continuamos a acumular; e, se quiserdes compreender essa acumulação, cumpre-vos observá-la e deixar de acumular. Deve, pois, haver uma observação que seja um constante aprender sem acumulação. Acumulação é o "centro", o "eu", o "ego"; e, para compreendermos esse centro, devemos estar livres de toda espécie de acumulação; *não,* deixarmos de acumular num nível, para acumularmos noutro nível, com outro alvo.

Temos, pois, de "aprender o que somos", observando-nos sem condenação, sem justificação, observando simplesmente nossa maneira de andar, de falar, as palavras que empregamos, os diferentes "motivos", propósitos, intenções: estando totalmente vigilantes, sem escolha. E esse percebimento não significa acumulação, mas, sim, estar vigilante de instante em instante. Se, em qualquer momento, deixardes de estar vigilante, não vos preocupeis: começai de novo. Vossa mente está, assim, sempre nova. A auto-observação, pois, não se limita ao nível superficial, mas penetra o nível mais profundo, o chamado "nível inconsciente", "oculto". Como observar uma coisa que se acha mui profundamente radicada, oculta, fechada? Nossa consciência é tanto superficial como oculta; e temos de conhecer todo o conteúdo dessa consciência, uma vez que o conteúdo integra a consciência. Não são coisas separadas: o conteúdo é a consciência.

Por conseguinte, para se compreender o conteúdo deve haver observação sem o "observador". Esta é uma das coisas mais fascinantes: descobrir como olhar a vida de maneira nova. Para observarmos o "oculto", precisamos de olhos não condicionados pelo passado; não devemos ser hinduístas, cristãos, etc. Devemos olhar-nos cada vez como se fosse a primeira vez e, por conseguinte, sem acumular. Se puderdes observar-vos dessa maneira, observar vossas ações, seja no trabalho, seja no lar; observar vossos apetites sexuais, vossa ambição — observar sem condenar, sem justificar, observar simplemente — vereis que nessa observação não há conflito de nenhuma espécie. Mas, se observardes com uma mente torturada, deformada, jamais descobrireis o que

é a verdade. Entretanto, em geral, nossa mente é deformada, torturada, degradada pelo controle, pela disciplina, pelo medo.

Afirmam os psicólogos que precisamos sonhar, senão enlouqueceremos. Enquanto dormimos, deve haver sonhos, devem acontecer coisas em sonhos. Tomai interesse nesta questão, por favor, porque, em vossa vida, sonhais todas as noites. Quando dormis, há sempre alguma espécie de sonho, de atividade; e dizem aqueles especialistas que sonhar é essencial à sanidade mental do ente humano. Ora, nós vamos questionar essa afirmativa, averiguar se de fato é absolutamente necessário sonharmos. Temos, pois, de rejeitar tudo o que dizem os profissionais e interrogar-nos, descobrir por nós mesmos o que são os sonhos. Não são eles a continuação das atividades de cada dia, porém em forma simbólica? Peço-vos não concordar nem discordar. Nós estamos investigando juntos, viajando juntos e, por conseguinte, não pode haver concordância nem discordância. Estamos, vós e eu, observando, indagando se é realmente necessário sonhar.

Que são os sonhos? Não são eles o movimento da vida diária — disputas, infortúnios, violência, ressentimentos — não são eles a continuação desse movimento, enquanto dormimos, porém em forma simbólica — visual ou verbal? Verificai isso. Deveis saber que o cérebro necessita de ordem, para funcionar racionalmente. Já alguma vez, antes de dormir, passastes em revista o dia — o que fizestes, o que dissestes, os erros cometidos, etc.; já alguma vez passastes em revista o dia, antes de dormir? Porque é necessário fazê-lo? Porque, se não o fizermos conscientemente, enquanto despertos, a mente consumirá energia, durante o sono, para pôr a si própria em ordem.

Estais-me seguindo? A ordem é necessária na vida de cada dia. O cérebro exige uma vida com ordem, uma vida sã, senão ele não funcionará eficientemente. E ordem é virtude, pois, se não sois virtuoso, se estais em desordem, como pode o cérebro funcionar? O cérebro só é capaz de funcionar impecavelmente quando há nele segurança e ordem.

Assim, enquanto dormis, enquanto o corpo dorme, o cérebro tem de pôr-se em ordem, porque, no dia seguinte, irá enfrentar de novo a desordem; por conseguinte, necessita de um meio de extinguir a desordem, de colocar-se em ordem. Esse meio são os sonhos. Mas se, durante as horas de vigília, produzirdes a ordem, então, quando o corpo físico estiver dormindo, o cérebro poderá viver uma vida totalmente diferente. Isso faz parte da meditação. A pessoa que não tem ordem, que se acha

em desordem, dizendo uma coisa e fazendo outra, não pode de modo nenhum compreender o que é meditação. Ora, como podeis vós, como pode o cérebro, a mente, estabelecer a ordem durante o dia? Ordem é virtude; *não* a virtude da moralidade social, mas a virtude da ordem.

A ordem não é uma fórmula traçada pelo *Gita,* pela Bíblia, pelo instrutor. A ordem é uma coisa viva, e não uma fórmula. Se tendes alguma fórmula, há desordem entre o que sois e o que deveríeis ser; por conseguinte, nessa contradição há conflito. Conflito é desordem. Assim, só tereis possibilidade de descobrir o que é a ordem se compreenderdes a desordem. Nossa vida de cada dia, tal como a estamos vivendo, é desordem, não achais?

Se sois realmente honesto perante vós mesmo, podeis dizer que vossa vida está perfeitamente em ordem, que viveis sã, lúcida, harmoniosamente? Não podeis, decerto; se assim fosse, não estaríeis aqui. Seríeis entes humanos livres, maravilhosos entes humanos, criadores de uma sociedade diferente. Como seres humanos, estamos em desordem, em contradição. Observai, pois, vossa desordem e contradição, sem nada rejeitar, nada justificar; vede como estais assustado, como sois invejoso, como ambicionais prestígio, posição, como temeis vossa esposa ou marido, como dependeis do que vosso vizinho pensa de vós. Observai esse conflito, essa luta constante, sem justificar nem condenar. Observai totalmente essa desordem, e vereis então surgir uma ordem verdadeiramente harmoniosa, toda movimento, e vida, e vigor. Vereis que, em todas as horas do dia, estareis pondo em ordem a vossa vida, nela estabelecendo uma ordem matematicamente precisa. E, para compreenderdes essa ordem, tendes de compreender o medo e o prazer, que examinamos ligeiramente na reunião anterior. E, compreendendo tudo isso, sem escolha, vereis que, quando dormis, vossa mente não tem sonhos. Em conseqüência, a mente, o cérebro se renova durante o sono e, na manhã seguinte, o cérebro tem uma extraordinária capacidade. *

Isso faz parte da autocompreensão. Deveis amá-lo, devotar-lhe vossa vida — devotar vossa vida à compreensão de vossa vida, porque vós sois o mundo, e o mundo é vós; portanto, se vos transformardes, transformareis o mundo. Esta não é uma

---

(*) Faculdade de receber e reter (*power of receiving and retaining*) (Dic. Funk & Wagnals). (N. do T.)

mera idéia intelectual, porém uma coisa de que deveis compenetrar-vos ardorosa e apaixonadamente. E a meditação liberta tremendas energias.

Pensais que, para se alterar o ambiente, necessita-se de algum sistema ou método. Graças ao método, ao sistema, pode-se atuar eficientemente. Se desejo alterar o ambiente, preciso planejar o que cumpre fazer. Se desejais construir uma casa, tendes de traçar o respectivo plano. * Ora, ao estabelecer-se um sistema, que sucede? Que sucede, exteriormente? São necessários uns poucos indivíduos competentes para pôr em prática o sistema. E que acontece, então? Esses indivíduos se fazem bem mais importantes do que o sistema ou a idéia de alterar o ambiente. Já não notastes isto? Tornam-se os mandões, os que utilizam o sistema para tornar a si próprios importantes, à maneira dos políticos por este mundo fora. Prestai atenção a isto, por favor. Para efetuar-se a mudança do ambiente, necessita-se de um grupo de indivíduos competentes, munidos de um sistema. Mas, esses indivíduos competentes são entes humanos como nós outros, sujeitos à cólera, ao ciúme, à inveja, desejosos de posição. Já tendes observado isso, não? Usam, pois, o sistema para seus próprios fins, e esquecem-se do resto.

E, agora, queremos um sistema de meditar. Vede a diferença entre estas duas coisas: sistema e meditação. Pensamos que seríamos capazes de meditar, de pensar, de investigar eficientemente, se tivéssemos um sistema. Mas, que implica um sistema? Tende, pois, bem clara na mente a distinção entre ambas as coisas. Se desejais alterar o ambiente físico, necessitais de um grupo de indivíduos competentes para pôr em prática o sistema. Tais indivíduos deveriam ser impessoais, não egotistas, não cuidar de encher os próprios bolsos — figurada e fisicamente falando. Por conseguinte, os entes humanos importam mais do que o sistema. Percebeis isto?

O mesmo dizemos em relação à transformação de nós mesmos, ou seja que só mediante um sistema poderemos transformar-nos, só mediante um sistema poderemos aprender a meditar. Porque o sistema parece conferir eficiência. Confere-a, de fato? Como sabeis, todo *guru,* na Índia e noutras partes, oferece um sistema de meditação. Ora, os sistemas implicam repetição,

---

(*) Krishnamurti está apenas citando os argumentos dos que pensam ser necessário um sistema ou método para se efetuar a transformação. (N. do T.)

prática, observância de um método. Se seguis algum método, sistema ou prática, essa coisa se torna uma rotina — a que procurais fugir por meio do sexo ou de outras maneiras. Por conseguinte, evitai a todo preço os sistemas de meditação, porque uma mente mecânica não tem possibilidade alguma de descobrir o que é a verdade. A mente mecânica pode tornar-se bem disciplinada, ter muita ordem, mas essa ordem está em contradição com a ordem de que falamos, porque, nessa espécie de ordem existente na repetição, há contradição entre o que sois e o que deveríeis ser — o ideal. Existe, pois, essa contradição. E onde há contradição, há deformação; e a mente deformada, torturada, jamais descobrirá qualquer coisa nova. Portanto, não adoteis nenhum sistema, não sigais nenhum *guru*.

Certa vez, um famoso *guru* veio visitar-nos. Um episódio engraçado. Alguns de nós estávamos sentados num pequeno colchão e, por cortesia, nos levantamos e convidamos "o grande homem" a sentar-se naquele colchão. Sentou-se. Trazia um cajado. Depositou o cajado diante de si e ficou sentado, muito solene, como convém a um *guru*. E pôs-se a dizer-nos o que devíamos fazer — só porque estava sentado um pouco mais alto que nós, * no pequeno colchão que por polidez lhe oferecêramos. Vaidade, desejo de poder e posição, e de seguidores... Tais indivíduos jamais descobrirão o que é a Verdade. Só acharão o que desejam: sua própria satisfação.

Não há sistema de meditação. Se compreenderdes isso, vossas mentes se tornarão despertas, penetrantes, capazes de descobrir. Mas, que desejais descobrir? Nós, em maioria, desejamos experiências diferentes das experiências ordinárias, de todos os dias. Queremos "experimentar" um transcendental estado de "iluminação". A palavra "experiência" significa "passar por" (um certo estado), e, ao desejardes "experiências transcendentais", isso quer dizer que estais cansado do viver diário. Todos os que tomam drogas supõem que, por meio delas, terão experiências extraordinárias. Em suas "viagens", ** suas experiências são expressões de seu próprio condicionamento. As drogas lhes dão uma certa vitalidade, uma certa lucidez, que nenhuma relação têm com o esclarecimento ou "iluminação". Deste modo, por meio das drogas jamais se iluminarão.

(*) Os demais se sentaram no chão. (N. do T.)

(**) Gíria dos viciados em drogas, ou seja o estado de "clarividência" provocado pela droga. (N. do T.)

Assim, que buscamos nós? Que deseja o homem? Ele vê o que é sua vida — tédio, rotina, um campo de batalha, luta constante, nunca um momento de paz, a não ser, talvez, ocasionalmente, por meio do sexo ou de outra coisa. Daí conclui que a vida é transitória, a vida é mutável e, portanto, deve haver uma coisa superior e permanente; essa permanência ele deseja, deseja algo diferente da mera rotina física, da mera experiência de cada dia. A essa coisa ele chama "Deus". Conseqüentemente, crê em Deus; e todas as imagens e ritos baseiam-se nessa crença. A crença é produto do medo. Se não há medo, podeis ver a folha, a árvore, o céu estrelado, a luz, os pássaros... Há, então, beleza, e, por conseguinte, bondade; e onde está a bondade, aí se encontra a Verdade.

Cumpre, pois, compreender o viver diário. Precisamos compreender por que razão nossa vida é tão mecânica, porque seguimos outrem, porque cremos, porque não cremos, porque lutamos. Sabemos ser isso o que se está passando sempre em nossa vida cotidiana, e desejamos fugir dessa espécie de vida. Eis porque desejamos experiências mais amplas e profundas. E os livros, os gurus, os instrutores, prometem-nos a "iluminação", esse estado extraordinário. Os sistemas no-la oferecem: "Praticai *estas coisas,* e a alcançareis; segui *este* caminho, e lá chegareis" — como se a Verdade fosse uma coisa fixada num lugar, como uma estação, aonde levam muitos caminhos.

Não há nenhum caminho e nenhuma Verdade fixada num ponto; por conseguinte, necessitais de uma mente sobremodo desperta, vigilante, capaz de aprender.

E temos, em seguida, a questão da concentração. Não sei quem vos diz tais coisas — que precisais de concentrar-vos, de aprender a controlar o pensamento, reprimir vossos desejos, nunca olhar para uma mulher ou um homem. Não sei porque prestais ouvidos a tais pessoas. Já alguma vez vos concentrastes, isto é, fixastes a atenção em alguma coisa? Quando um colegial deseja olhar pela janela, para ver o movimento das folhas, ver a árvore e o transeunte, o professor lhe diz: "Olhe para o livro, não olhe para a rua". Isso é concentração — focarmos a atenção e erguermos uma muralha em torno de nós para não sermos perturbados. A concentração se torna exclusão, resistência. Percebeis isto? Nessa concentração há sempre batalha. Desejais concentrar-vos e vossa mente foge, vosso pensamento se põe a perseguir isto ou aquilo, e, conseqüentemente, há conflito; se, entretanto, durante o dia, prestardes atenção, ainda que por

poucos minutos de cada vez, se ficardes totalmente atento — com a mente, com o corpo, o coração, os olhos, os ouvidos, o cérebro — vereis que não há limites à atenção, não há resistência. Nesse estado de atenção, não há contradição. Prestai atenção e, em seguida, largai-a; recomeçai, tornai a "pegá-la", para que a atenção seja cada vez sempre nova; sabereis então quando há desatenção, pois no estado de desatenção há conflito; observai o conflito, prestai-lhe toda a atenção, tomai pleno conhecimento dele, para que vossa mente se torne sobremodo *viva,* "não mecânica". Isso faz parte da meditação.

Também vos dizem que deveis adquirir uma mente silenciosa, não é verdade? Este mesmo orador já vos disse tal coisa. Esquecei o que ele disse, mas vede por vós mesmo porque deve a vossa mente estar quieta, em silêncio. Vede-o por vós mesmo. Para verdes qualquer coisa com clareza, vossa mente não deve estar "tagarelando". Se desejo escutar o que estais dizendo, minha mente deve estar quieta, não? Se desejo compreender o que estais dizendo, preciso escutar-vos. Percebeis? Por conseguinte, para escutar, para observar, a mente deve estar quieta. Só isso, e nada mais.

Ora, perguntais, como pode a mente ficar tranqüila, se está sempre "tagarelando" a respeito disto e daquilo? Se tentais deter a "tagarelice", essa tentativa redunda em conflito. A mente habituou-se a tagarelar, a falar entre si ou com alguém, a usar palavras e mais palavras, infinitamente. E se tentais deter essa torrente de palavras pela ação da vontade, surge contradição.

Por conseguinte, descobri porque tagarela a mente, investigai esse fato, compreendei-o. O seu tagarelar não tem muita importância. Mas, *porque* tagarela a mente? Porque precisa estar sempre ocupada com alguma coisa. Porque precisa estar sempre ocupada? Estou fazendo esta pergunta por vós, mas tratai de descobrir isso, perguntai o que aconteceria se a mente não tagarelasse, não se conservasse ocupada. Se vossa mente não estivesse ocupada, que aconteceria? Ver-se-ia diante do vazio, não é verdade? Se esse hábito cessasse subitamente, vos sentiríeis confuso.

Aquele vazio é o medo de vossa própria solidão. Desse medo, dessa solidão, desse vazio, tentais fugir, tagarelando ou ocupando-vos com alguma coisa. Assim, penetrai bem fundo nessa solidão, não tenteis reprimi-la ou dela fugir; observai-a simplesmente. Mas, só podeis observá-la com a mente quieta, porque, no momento em que a condenais, no momento em que

dizeis "não devo tagarelar", tendes conflito. Entretanto, se apenas observardes a solidão, descobrireis que vossa mente, em presença desse vazio, fica completamente só.

Há diferença entre solidão e "estar só". Solidão é isolamento, total isolamento; e no viver cotidiano estamos sempre a isolar-nos. Em vossas atividades diárias, estais sempre a isolar-vos; podeis ser casado, dormir com vossa mulher, mas que está acontecendo? Tendes vossas próprias ambições, vossa avidez, vossos problemas, e ela tem os seus; ambos procuram estabelecer uma relação entre problemas diferentes. A atividade egocêntrica vos está isolando, e daí esse sentimento de aterradora solidão.

Compreendendo isso, ficais, então, só. Esse "estar só" significa total rejeição da autoridade — de toda autoridade espiritual, da autoridade de outrem ou da autoridade de vossos conhecimentos, acumulados como experiência, que é o passado. Rejeitando totalmente, em vós mesmos, a autoridade, já não seguis nenhum sistema; e, compreendendo o medo e o prazer, há, então, nessa compreensão, alegria. A alegria nada tem em comum com o prazer. Podeis ter um momento de grande alegria, mas, se ficais pensando nessa alegria, a reduzis a prazer.

A ordem não é uma fórmula; ela vem com a compreensão da desordem — que é a vossa vida. A virtude é uma coisa viva, como a humildade; não se pode cultivar a humildade. Graças a essa compreensão, a mente se torna sobremodo clara e, portanto, só. Surge então aquele silêncio não resultante de disciplinamento, e que não é o oposto do barulho — silêncio sem causa e, por conseguinte, sem começo nem fim. Vem então a essa mente, que se acha num estado de ordem absoluta e, portanto, completamente *só,* ou seja num estado de inocência — o que significa que ela jamais pode ser ferida — vem então a essa mente um maravilhoso silêncio.

O que nesse silêncio se passa é indescritível. Se descreveis o que sucede, vossas palavras não são a coisa — a coisa descrita. A descrição não é a coisa descrita. Por conseguinte, a Verdade, aquela bem-aventurança, aquele inefável silêncio e seu movimento, não há palavras que possam descrevê-los. Se chegastes até aí, estais então esclarecido, não buscais mais nada, não desejais nenhuma experiência; sois luz. Esse é o começo e o fim da meditação.

Madrasta, 13 de janeiro de 1971.

OBSERVAR SEM O OBSERVADOR

(Madrasta – IX)

JULGAMOS em geral que, depois de adquirirmos conhecimentos técnicos numa Universidade ou numa instituição como esta, estão terminadas nossas obrigações. Entretanto, desprezando o vasto campo da vida, com todas as suas complexidades, e cultivando unicamente determinado ramo do saber, não resolvemos nenhum dos problemas humanos. Podemos ser capazes de ir à Lua, de erguer maravilhosas superestruturas, ou de viver no fundo do mar, mas não foram ainda solucionados os problemas atinentes às relações humanas. E era de esperar que a educação criasse um mundo tecnológico em que o homem fosse libertado de suas rotinas pela máquina, não apenas para entregar-se a outras atividades, mas também para viver uma vida diferente, criar uma diferente sociedade, uma diferente cultura, uma religião bem diversa. A educação não realizou esse desideratum, e tampouco o fez a ciência, o governo, o comunismo ou outra qualquer espécie de utopia teórica, ideológica.

Estamos, pois, frente-a-frente com o problema das relações humanas, o problema de produzir nessas relações uma radical transformação, visto que as relações humanas constituem a sociedade, a estrutura e natureza da sociedade. Ao homem verdadeiramente *sério,* neste mundo caótico, insano, brutal, inexpressivo, cabe não só a missão de transformar a estrutura externa, mas também os estados interiores, psicológicos, de nossa mente e nossa consciência. Nós não estamos separados do mundo; somos o mundo. Nós criamos, as gerações passadas criaram este mundo louco e estúpido; e a geração mais jovem, se não toma cuidado, se não se mantém alertada e vigilante, seguirá as pegadas da geração mais velha e criará outra sociedade louca e insensata.

Impende, pois, não só ao educador, mas também ao estudante, a tremenda obrigação de considerar a espécie de mundo em que deveremos viver — não um mundo utópico, um perfeito mundo tecnológico, mas um mundo de relações humanas tais, que nele possamos viver em paz uns com os outros. Este se me afigura um problema tremendo que se apresenta ao mundo na época atual.

Vemos o que está realmente acontecendo — revoltas, destruições, brutalidades, guerras, desagregação, anarquia. Se somos capazes de observar, de tornar-nos cônscios de tudo o que está ocorrendo, deste extremo e insano caos — compete-nos, então, como entes humanos, ver que possibilidades têm nossa mente e nosso coração de influir para essa transformação da mente humana. Os filósofos não realizaram essa transformação. Teceram inumeráveis teorias, maravilhosas teorias sociológicas ou religiosas, criaram um mundo superiormente matemático, mas, na realidade, não transformaram o mundo. Nenhuma filosofia jamais produziu mudança alguma no mundo. Filosofia significa "amor à verdade", não à vossa verdade ou à deste orador: amor ao que *é*. Significa investigar "o que é", o real, e não o teórico ou abstrato, investigar se o real, "o que é", pode ser totalmente transformado. É isso o que nos interessa ou deveria interessar. Quando a casa está em chamas, não nos compete discursar sobre as teorias da combustão. Vemo-nos diante de um mundo conflagrado, caótico, completamente confuso. Incumbe-nos, pois, a cada um de nós, o dever de verificar o que, como entes humanos, podemos fazer para dirimir este caos. E, inquestionavelmente, este caos existe — dissensões políticas, divisões nacionais e regionais e também as religiosas — católicas, protestantes, hinduístas, budistas, muçulmanas, criadas pelas religiões organizadas em todo mundo.

Observando esse caos, não através dos jornais, recostado em confortável poltrona ou, como professor universitário, formulando teorias a seu respeito, porém enfrentando realmente o problema e vosso dever de ente humano em relação a ele — perguntareis como pode a mente humana, desenvolvida, através de milênios, por meio da chamada evolução, como pode essa mente tão condicionada como hinduísta, budista, comunista, etc., essa mente que é também intelecto, promover uma revolução radical. Ela é provavelmente capaz de efetuar uma revolução física, como a comunista, a francesa, etc. O intelecto pode criar teorias e forçar o povo a ajustar-se a determinado padrão social,

como está acontecendo em certas partes do mundo. Observando, pois, tudo isso, indagais o que pode fazer o ente humano. Não podemos fugir do caos, seja religiosa, seja economicamente, seja recolhendo-nos em nós mesmos. Nenhuma possibilidade temos de fugir do caos, porque com ele estamos relacionados. Nós o criamos, nós o geramos, com nosso viver de cada dia. Em vista disso. que podemos fazer? Como entes humanos, diante desse enorme problema, com ele relacionados, não como "observador", mas como parte dele, para ele contribuindo — como entes humanos, que podemos fazer? Como podemos nós, entes humanos, transformar-nos, tanto exterior como interiormente — psicológica e socialmente? Que podemos fazer?

Não sei se esta questão vos interessa. À maioria não interessa, porque temos certas fórmulas, certos ideais e conceitos, por meio dos quais pretendemos resolver estes problemas; e esperamos que, graças a determinado sistema ou método — comunista ou outros quaisquer —, transformaremos o mundo. Os sistemas são criados por entes humanos, por nós, pelos indivíduos capazes; e, por meio de um sistema, esperamos e desejamos operar uma certa transformação.

Mas, para pôr o sistema em prática, tornam-se necessários entes humanos. Isto é, vós e eu somos necessários, para fazermos funcionar o sistema; mas, como entes humanos, ainda não estamos transformados. Tentando pôr em prática o sistema, não só nos tornamos escravos dele, mas também, através dele, buscamos o poder; isso está acontecendo, às escâncaras, no mundo inteiro. Assim, que podemos fazer? Compreendeis esta pergunta, vós, aqui presentes, educados que fostes neste ou noutro lugar, que possuís diplomas e tendes empregos — se os conseguistes — e vos instalastes confortavelmente em vossas casas, com vossas famílias, vossas esposas e filhos, e vossas idiossincrasias, vossas doutrinas e crenças religiosas — vós, que vos quedastes num pequeno canto, cultivando uma exígua parcela do vasto campo da existência, que podeis fazer?

Esta não é uma pergunta retórica. Não a fazemos apenas para dizer alguma coisa. Fazemo-la porque todos nós temos de compartilhar este problema, que é o vosso problema de cada dia, quer tenhais emprego, quer estejais desempregado, quer sejais *naxalista,* comunista, etc. O problema é vosso, e se existe possibilidade de resolvê-lo é o que vamos investigar nesta tarde, em comum, juntos, *não* intelectual ou verbalmente, porém realmente. Vamos ver se há possibilidade de operarmos uma

transformação, uma revolução psicológica; porque, se tratamos apenas de promover, pela violência, uma revolução física, então, inevitavelmente, como nos mostra a História, tal revolução acabará em ditadura, ou numa burocracia ditatorial. Dessarte, a revolução física é a mais primitiva e absurda das revoluções, porque o mesmo padrão continua a repetir-se, talvez com modificações, mas sempre o mesmo padrão. O que se faz necessário, portanto, é uma revolução interior, psicológica.

Assim, perguntamos: Como é possível essa revolução? Como pode uma mente, com suas células cerebrais condicionadas pelo padrão hinduísta, protestante, etc., sofrer uma radical transformação, operar uma revolução em si própria e, dessa maneira, criar um mundo totalmente diferente? Se não somos capazes disso, então a educação é totalmente sem valor. Poderá preparar-vos para um emprego, num mundo de competição, mas o problema não fica de modo nenhum resolvido. O problema é de imensas proporções e, para resolvê-lo, temos de aplicar não apenas nossa capacidade intelectual, mas todas as faculdades que possuímos.

O intelecto tem o poder de raciocinar, de reunir dados, qual um computador, para funcionar de forma objetiva e sã. Um bom intelecto nunca chega a uma conclusão. Ele examina, explora. Mas, se o intelecto está condicionado por exigências e preconceitos pessoais, se está condicionado por seu meio cultural, ele é incapaz de explorar, incapaz de compreender. O intelecto jamais descobrirá a solução destes problemas. Isto é bem óbvio, não? Podeis ir à Lua... o intelecto é bastante eficiente para realizar esse feito ou fazer coisas as mais fantásticas, organizar toda a estrutura de um exército, aprestá-lo para destruir. Mas, o intelecto separa as pessoas. A divisão em vida particular e vida pública, a divisão em nacionalidades e línguas diferentes, enfim, todas as espécies de divisão são criadas pelo intelecto; a divisão é uma das funções do intelecto. Provavelmente sua função principal é pensar, e o pensamento, tanto religioso como mundano, só está criando divisão em todo o mundo. E é o pensamento que está tentando resolver este problema — o problema das relações humanas!

Cumpre-nos, pois, compreender toda a estrutura e natureza do pensar, não segundo "tal" filósofo ou psicólogo, porém observando nosso próprio pensar. Talvez parecerá herético o que vou dizer, porque tendes lido tantos livros, estais tão repleto das coisas ditas por outros ou pelo *Gita,* pelo *Upanishads*, etc. etc.

Mas não conheceis as bases de vosso pensar, porque sois entes humanos "de segunda mão", porque acumulastes conhecimentos recebidos de outros, e nada sabeis de aprendido por vós mesmo.

Eis, pois, um problema que temos de examinar em comum, a fim de descobrirmos a verdade que ele encerra. Vê-se o que está acontecendo no mundo — divisão, conflito, contradição, corrupção política. Escusa entrarmos em pormenores a esse respeito, porquanto a descrição não é a coisa descrita; e o que nos interessa não é a descrição, mas a coisa descrita, a coisa explicada —"o que é", criado pelo pensamento que, por sua vez, é reação da memória, da experiência, do conhecimento.

Até aqueles passarinhos concordam conosco — se, como espero, os estais ouvindo com "atenção completa", ouvindo a beleza de cada som, sem resistência alguma, sem traduzi-lo em prazer, ou vendo a luz do poente nas palmeiras; observando, simplesmente. Com essa observação aprendemos, e o que aprendemos não nos é ensinado por ninguém.

Dissemos que nosso pensamento, nosso pensar, é reação da memória, da memória acumulada por nossos antepassados, por nossa espécie, através de milênios. Essa memória se armazenou, consciente ou inconscientemente, e esse "armazém" é o cérebro, as células cerebrais, como podeis observar em vós mesmo. É muito mais importante aprendermos a respeito de nós mesmos pela auto-observação, pois esta é a única maneira de nos conhecermos, porque quando começamos a conhecer-nos surge a sabedoria e, também, porque, quando conhecemos nossa inteira estrutura, termina o sofrimento. Cabe-vos observar a vós mesmo, vossa maneira de andar, as palavras que usais, vosso comportamento, pois, assim, vereis que vossa mente — que inclui as células cerebrais — é o repositório de toda a experiência, não só da experiência pessoal, direta, mas também das experiências raciais, das experiências de todo o passado, lá depositadas. Essas células cerebrais contêm a memória inteira — tanto a consciente ou manifesta, como a oculta. E toda reação proveniente dessa memória é pensamento. Se não tivésseis memória, seríeis completamente incapaz de pensar. O pensamento, pois, é a reação do passado, que é conhecimento e, portanto, nunca pode ser livre, e é sempre velho. Aí está, mais uma vez, um fato absoluto.

E queremos resolver todos os nossos problemas, não apenas os problemas técnicos, com o único instrumento que pensamos possuir, ou seja o intelecto, o pensamento; e, ao mesmo tempo, estamos vendo que o pensamento dividiu as pessoas em hin-

duístas, muçulmanos, cristãos, etc. Tudo isso é obra do pensamento; e, reconhecendo-se incapaz de resolver este problema — o problema das relações humanas — o pensamento construiu um "eu superior", "*Atman* Superior", que pensamos o resolverá. Mas a idéia de "eu superior" faz parte de nosso pensar e, sendo o pensamento tempo, resultado do tempo, então "*Atman* Superior", *Brahma,* alma, ou o nome que preferis, tudo isso faz parte do tempo e, portanto, não é real. Só é real como construção do pensamento. Temos, pois, agora, este problema: este mundo, a sociedade, a cultura, as relações humanas, as divisões, tudo foi criado pelo pensamento, por nosso pensar. Isto, a meu ver, é óbvio e real; não é apenas uma conclusão baseada em fatos, etc. — pois, se observamos, estudamos, aprofundamos interessadamente este problema da existência humana, o caos e a aflição em que o homem se vê mergulhado, percebe-se que tudo isso o pensamento criou — essa divisão, esse conflito, essa angústia. Por conseguinte, o pensamento, como intelecto, por mais capaz de raciocinar, não pode de modo nenhum resolver este problema.

Vosso pensar, sutil ou superficial, resulta do passado. O passado é "coisa ajuntada"; e tudo o que, literalmente, é "ajuntado", horizontal ou verticalmente, é tempo. Tudo o que se ajunta, peça por peça, qual uma máquina, exige tempo. Tal como as células cerebrais, toda a nossa "coleção" de "memórias" é resultado do tempo; e através do tempo, que é pensamento, esperamos resolver os problemas humanos. Por certo, eles nunca serão solucionados pelo pensamento, que é tempo, que gera medo e prazer. Pode o pensamento, o diário funcionamento do pensar, resolver qualquer dos nossos problemas? Não pode, evidentemente. Então, que mais poderá resolvê-lo? Para respondermos a esta pergunta, cumpre examinar o problema da percepção, do ver.

Como já dissemos, a mente é incapaz de ver com clareza quando tem qualquer espécie de conclusão ou de preconceito. Se, sendo hinduísta, muçulmano ou sabe Deus o que mais, olhais o mundo, a existência, por essa estreita fresta chamada hinduísmo, comunismo, etc., como podeis ver qualquer coisa em sua totalidade? Precisamos, pois, estar livres de tal condicionamento, para compreendermos este extraordinário e complexo problema das relações humanas. E devemos compreender o "princípio do prazer", * porquanto, para a maioria de nós, por

(*) "Princípio", no sentido de "razão", "base". (N. do T.)

mais altaneiro que seja o nosso pensar (esse pensar que é reação do passado e, portanto, condicionado), nossa moralidade, nossas atividades, nossas buscas e lutas, baseiam-se nesse princípio do prazer, não achais? Observai isso; podeis vê-lo por vós mesmo. Nossas ambições, nosso desejo de êxito, nosso espírito de competição, nossa agressividade e violência, nossas relações pessoais, tudo se baseia no princípio do prazer e, por conseguinte, se não compreendemos o prazer e o medo, jamais saberemos o que é o amor. A mente que *percebe* pode compreender o prazer, compreender o medo, compreender o amor, e compreender também o imenso problema da morte, e descobrir se de fato existe uma realidade.

Impende-vos, pois, compreender tudo isso e, para compreendê-lo, deveis ter a capacidade de *perceber,* não pelos olhos de outrem, não pelos ditos dos analistas, dos professores, dos filósofos — deveis ter a capacidade de olhar com vossos próprios olhos.

Cabe-nos considerar o que é o prazer. Esta é uma questão muito importante, porque, se a compreenderdes, compreendereis o que é o amor, e descobrireis se existe, ou não existe, algo além das coisas criadas pelo pensamento. Investiguemos, pois, rapidamente, o que é o prazer. O prazer é amor? O prazer é desejo? Que é o prazer? Observai a vós mesmos, observai vossas exigências de prazer, vossa busca de prazer. Observai tudo isso e fazei vossos próprios descobrimentos; embora o orador vá dar explicações, tende em mente que a explicação nunca é a coisa explicada, nunca! A palavra jamais é a coisa. Que é o prazer, que todo ser humano busca por tantas maneiras, da mais sutil à mais cruel; que é o prazer, que o homem anda a buscar incessantemente? Já observastes, ao contemplardes um belo pôr do Sol, em que todo o céu se tinge de um fulgor róseo — como se observa no Ocidente, na hora do entardecer — já observastes que experimentais um inefável deleite — se tendes vontade e tempo para olhar?

Isso é uma "experiência". Tal experiência vos deleitou intensamente, e passais a ocupar-vos com outras coisas; mas a mente, o cérebro, registraram esse deleite e exigem a sua repetição. Observai isso, por favor, em vós mesmo, o desejo de repetição do deleite que tivestes em ver o ocaso — há uns dois minutos, talvez. Desejais que ele se repita; isto é, a "memória" do crepúsculo ficou registrada, e o pensar naquele incidente,

naquela experiência, naquela ocorrência, dá continuidade ao prazer.

Tivestes experiências sexuais ou de outra natureza; ficais pensando, ruminando essas experiências, imagem por imagem. Eis como o pensamento, ocupando-se com um fato passado, agradável ou doloroso, dá continuidade ao que se chama prazer ou dor. O pensamento, pois, cria o prazer e o medo, e dá-lhes continuidade e nutrição. Isto é, sofrestes dor, um incômodo físico, um sofrimento físico e psicológico. Isso aconteceu há dias, na semana passada, no mês anterior; ficais pensando nessa dor, e esperando que ela não volte. Assim, o pensar-se numa coisa que não se deseja, mas que pode acontecer, é o começo do medo.

O pensamento, pois, sustenta o prazer e o medo; e, observando-se bem, pode-se ver que a alegria, o êxtase, qualquer forma suprema de deleite não está em nenhuma relação com o pensamento. Acontece, às vezes, quando não estamos ocupados, quando nossa mente não está tagarelando, vir-nos subitamente um extraordinário sentimento de deleite, de beleza, uma alegria indescritível. Logo a seguir surge o pensamento "gostaria que se repetisse esta alegria" — e, então, aquela alegria tão natural e espontânea se torna prazer. Deste modo, o pensamento é a reação do passado, da memória, vale dizer, o pensamento é reação do conhecimento.

E existe o "desafio" da morte, ao qual respondemos em conformidade com a memória do "conhecido". O conhecido vem de ontem; tudo o que sabeis, vossas experiências, vossas imagens de vossa família, os conhecimentos que tendes acumulado, tudo, tudo, o que tendes juntado é o passado. Por conseguinte, tendes medo do que possa acontecer amanhã, tendes medo do desconhecido, da morte. Tudo isso podeis ver, podeis ver como o pensamento separou as pessoas, lingüisticamente, nacionalmente, racialmente, e como está perpetuamente a buscar o prazer e a evitar o medo. Vendo tudo isso, que é resultado do pensamento, do intelecto, tanto racional como irracional (pois o intelecto — que é racional, capaz, eficiente — sendo também irracional, neurótico, condicionado, ilógico, criou não só a estrutura social, com sua moralidade, com suas divisões econômicas, sua injustiça, mas também esta batalha, este infindável conflito existente dentro em nós) — vendo tudo isso, compreendendo tudo o que o pensamento tem causado, que ides fazer?

Que sois vós? Sois "formado" * (o que quer que signifique essa palavra) e estais meramente cultivando um cantinho insignificante do imenso campo da existência; daí, pensais ser capaz de resolver todos os problemas, sem levar em conta o resto do campo. Não sei se já observastes isso em vós mesmos; se nunca o fizestes, fazei-o agora. Com vossa ciência tecnológica, e vivendo num pequenino canto, esperais compreender o campo inteiro; mas, operando dessa base, é claro que só podeis ter uma vida de contradição. Se sois comunista, se sois maoísta, desse limitado canto só podeis olhar o mundo com os olhos do comunista ou do maoísta.

Cumpre-nos, pois, olhar a vida com olhos não condicionados. E esta é que é a questão: se a mente, com suas células cerebrais, pode libertar-se inteiramente do passado, e olhar com olhos novos. O conhecimento é necessário. Sem ele não poderíeis ir "daqui" para "ali", não poderíeis "funcionar", não poderíeis ser um técnico competente, não poderíeis falar inglês ou tamil, ** não seríeis capaz de reconhecer vossa esposa ou vossos amigos. O conhecimento é necessário, mas torna-se um obstáculo absoluto quando o pensamento, que vem do passado (e esse passado constitui o conhecimento), está operando. *** Embora se possa ver que uma pessoa, como cientista, engenheiro, etc., tem absoluta necessidade do conhecimento, apesar de suas complexidades, e não pode jogá-lo fora e voltar ao estado primitivo ou tribal, vê-se também que o conhecimento gera conflito nas relações humanas.

Isto é bem simples. Se um indivíduo é casado ou tem um amigo com quem vive há um certo número de anos ou há algumas semanas ou dias, cada um formou uma imagem do outro. Formastes uma imagem de vossa esposa ou de vosso amigo. Essa imagem se constitui das afrontas, dos prazeres, das imposições, das desconsiderações, etc., que se acumularam durante essas relações — bem sabeis como são elas, principalmente as relações entre marido e mulher; cada um tem uma imagem do outro. Essas imagens são o passado, e à conciliação das duas imagens chama-se "relações" — cada um com sua "vida particular", o marido com suas ambições, e a esposa com as dela. O passado

(*) Isto é, "pessoa que concluiu determinado curso de estudos".
(**) Dialeto do sul da Índia e do Ceilão.
(***) Isto é, formando imagens, como a seguir se explica. (N. do T.)

está impedindo o verdadeiro estado de relação entre ambos. O passado destrói as relações humanas.

Agora, rejeitada a imagem, e sabendo-se que o pensamento tem uma função limitada, a questão é esta: Como realizar uma transformação radical, psicológica, sem influência do pensamento? O pensamento, por certo, não pode alterar o padrão que ele próprio criou ou criará, porque esse padrão é o passado. Assim, existe um movimento, um movimento psicológico, não procedente do passado? Porque, para descobrirdes se Deus existe ou não existe — se desejais investigar seriamente esta questão, a ela devotar vossa mente e coração — tendes de livrar-vos de toda espécie de crença, de toda espécie de medo e de conflito, e necessitais compreender totalmente o que é o prazer. Se não fizerdes isso, não tereis base para a ordem; e ordem é virtude. A virtude não é uma coisa que se pratica, que se exercita. Só nasce a ordem com a compreensão da desordem — nossa desordem real, nossa hipocrisia, conflito, agonia, desespero, a confusão em que estamos vivendo. Há desordem. E, ao começardes a compreender essa desordem — *não,* corrigindo-a, *não* dizendo que ela deve ou não deve existir, mas, sim, observando realmente a desordem que descobris em vossa vida — nascerá então a ordem em vosso viver.

Se possuís essa ordem absoluta, que é virtude, que é ação, em que não há divisão, tendes então a base para a meditação e a possibilidade de descobrir se existe ou não existe algo fora do tempo.

INTERROGANTE: É possível observar o movimento psicológico sem pensamento, sem o movimento do pensamento?

KRISHNAMURTI: Desejo conhecer-me, desejo saber o que sou, não de acordo com qualquer religião, qualquer instrutor, filósofo, analista ou psicólogo. Quero conhecer-me como *sou* e não como deveria ser. Cabe-me, portanto, olhar a mim mesmo, ver-me tal como sou, sem nenhuma interpretação, sem dizer que sou bom, que sou mau, que sou feio, que preciso mudar, que não preciso mudar. Eu tenho de ver o pôr do Sol tal qual é, não posso alterá-lo, nada posso fazer em relação a ele. Da mesma maneira devo olhar-me: observando apenas.

Ora, essa observação é um movimento do pensamento? Isto é, pode o pensamento observar o movimento que ele próprio criou, esse movimento que é o "eu"? O "eu" é um feixe de "memórias", condicionadas e reunidas, através do tempo, pela

experiência, pelo conhecimento; esse "eu" é resultado do tempo, do pensamento; podemos alçá-lo a um nível elevado, chamando-o "eu superior", "*Atman* Superior", mas tudo é "eu", "ego", atividade egocêntrica. Ora, pode o "eu" ser observado pelo pensamento, pelo movimento do pensamento, esse "eu" que o pensamento criou? Compreendeis esta pergunta?

Por outras palavras: Eu sou esse feixe, reunido através de séculos sobre séculos (o que não significa reencarnação). Ele se juntou por influência do ambiente, da raça, do conhecimento, do tempo — evolveu. Ora, esse "eu" é o observador, é o censor, que diz "isto é certo, isto é errado, isto deve fazer-se, isto não deve fazer-se". Esse observador observa, e o que ele observa é o movimento psicológico de que ele próprio faz parte. Não sei se estais compreendendo.

Digamo-lo desta maneira: Sou invejoso; sabeis o que significa ser invejoso, comparar-me com alguém que tem mais do que eu — esse é um dos aspectos da inveja. Pois bem; há essa reação, que "verbalizamos" e chamamos "inveja". No momento da reação, no momento de sentirmos inveja, não há observador nenhum, porém apenas o estado de inveja. Passados poucos segundos, surge o "observador" — o pensador — e diz: "Não devo ser invejoso", ou aduz explicações, razões por que não deve ser invejoso. Desse modo, ele se separa da inveja, torna-se o censor, o "observador", e trata de controlar, reprimir ou transcender a inveja. Há, assim, "observador" e "coisa observada", portanto, divisão; e esta divisão é a origem de todos os conflitos, não só no exterior, mas também no interior.

Ora, há observação sem "observador"? Ali está uma palmeira. Podeis olhá-la sem "observador", sem o observador que lhe dá o nome de "palmeira", o observador que "gosta" e que "não gosta"; podeis olhá-la sem o "observador"? Sois capaz de olhar objetivamente aquela palmeira porque ela não influi em vossos sentimentos. Mas, podeis olhar vossa esposa, vosso marido, o homem que vos injuriou, sem o censor, podeis olhar simplesmente, sem os "registros" do passado? Se sois capaz de observar assim, então, essa observação não é movimento do pensamento.

INTERROGANTE: Ao afirmardes "a sociedade moderna está corrompida", vossa mente chegou a essa conclusão e, por conseguinte, pressupondes que a sociedade está corrompida. Não tendes direito a manifestar tal opinião.

KRISHNAMURTI: Acho que isso não é uma opinião, e tampouco o considero uma conclusão. Observai! Observai como o homem está confuso, observai a divisão existente no mundo, observai a divisão entre o comunista e o capitalista, entre o católico e o protestante, o hinduísta e o muçulmano — a divisão. Essa divisão gera conflito; e dizer-se que divisão gera conflito não é uma conclusão e, sim, citar um fato, um fato tão real como este microfone. Houve aqui duas guerras entre muçulmanos e hinduístas. Um fato. Observando esse fato, dizeis que toda divisão gera conflito; isto não é uma conclusão, estais apenas enunciando um fato.

INTERROGANTE: Porque falais?

KRISHNAMURTI: Porque falo? Em verdade, não sei. Senhor, perguntais a uma flor porque desabrocha? Peço-vos não bater palmas, não estou dizendo sutilezas. Quando vedes uma coisa bela, perguntais "porque és bela?" Em geral, uma pessoa fala com algum "motivo": ou com o propósito de converter os ouvintes, ou porque, dirigindo a palavra a um auditório numeroso como este, aufere um notável incentivo ou se sente sobremodo importante, ou, ainda, porque, pelo falar, lhe vem uma extraordinária energia, como acontece com os políticos. Se há "motivo" para falar, há então exploração. Eu não tenho "motivo" para falar. Se quiserdes ouvir, ouvi; se não quiserdes, não precisais ouvir. O que quer que façais não estimula nem desestimula este orador. Podeis levar ou deixar ficar o que ele está dizendo. Trata-se de vossa vida, de vossa aflição, de vosso sofrer, e se não desejais pôr termo a vosso sofrer, a vossa confusão, a vossa agonia, às torturas da vida, não escuteis. Ninguém vos pede que escuteis, ninguém vos força a escutar. Não estamos fazendo propaganda. Estamos interessados em transformar "o que é"; e, assim como não perguntais a uma flor porque desabrocha, não pergunteis a este orador porque fala.

INTERROGANTE: Podeis explicar porque é tão difícil a comunicação entre os indivíduos?

KRISHNAMURTI: Em verdade, não somos indivíduos; pensamos sê-lo. A palavra indivíduo se tornou muito pouco significativa. Se a buscardes num dicionário — e não qualquer opinião ou teoria sobre o que seja um indivíduo — vereis que essa palavra deriva do latim e significa "não suscetível de dividir-se, de fracionar-se".

Como podem dois entes humanos fragmentados comunicar--se, considerando-se que "comunicação" significa "interessar-se, trabalhar, criar conjuntamente"? Há possibilidade de comunicação entre dois entes humanos que têm um problema comum e se acham profundamente interessados em resolvê-lo ou compreendê-lo. Quando vos sentis profundamente interessados, podeis comungar, tanto verbal como não verbalmente; mas, se um ente humano entretém certas opiniões, conclusões, idéias, e o outro tem idéias contrárias, como pode haver comunhão entre ambos? Se sois hinduísta e eu sou muçulmano, como poderemos comungar? Só há possibilidade de comunhão quando vós e eu estamos livres de nossas insignificantes ambições e tiranias, ou seja quando somos realmente indivíduos, quer dizer, "indivisíveis". A comunhão é então possível. Isto é, quando há amor entre nós, e não opiniões e conclusões, quando temos real interesse, apaixonadamente, intensamente, há então possibilidade de comungarmos.

INTERROGANTE: Como criar a ordem em meio a tanta desordem? Como estabelecer uma atitude "indivisível", "inquebrável"?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, sabemos que estamos vivendo uma vida de desordem? Sabeis que viveis uma vida sem ordem, uma vida contraditória, que tendes uma "vida pública" e uma "vida particular", querendo isto, querendo aquilo, nutrindo ideais e levando uma vida sem significação ou relação com esses ideais? Tendes o ideal da "não violência" e, na realidade, estais vivendo violentamente. Assim, essa contradição, essa existência dual, produz conflito, ou seja desordem.

Estais cônscio de vossa vida de desordem? Olhai-a, senhor, olhai vossa vida e verificai isso. Pensais uma coisa, dizeis outra, e fazeis outra. Essa é uma existência hipócrita, isto é, ter um ideal e viver de uma maneira inteiramente oposta a esse ideal; hipocrisia é desordem, não achais? Como estais calados! Direis, talvez: "Pura teoria!" Escutai, para descobrirdes por vos mesmos se é verdadeiro ou falso o que se está dizendo. Observai, conhecei a vossa desordem, a desordem de vossa vida, tanto exterior como interior.

Ora, ao perguntardes "Que foi que criou esta desordem?", estais em busca da causa, não? Analisar, a fim de descobrir essa causa, leva tempo, não? Acho-me em desordem e desejo verificar como se originou essa desordem. Posso descobrir muito

fácil e rapidamente o porquê da cultura ou sociedade em que vivo, da família, da tradição, dos fatores raciais, etc. etc.; são essas as causas, as causas profundas. Ora, o examinar todas as causas que produziram a presente desordem exige tempo, não é exato? Estais vendo isto, senhor? Mas, enquanto examinais, enquanto "tomais tempo" para descobrir a causa, vossa vida continua em desordem. A desordem existe; e é perder tempo e desperdiçar energia procurar o que foi que a produziu.

O que podeis fazer é observar a desordem, observar sem dizerdes para vós mesmo "Preciso estabelecer a ordem", ou "Preciso reprimir a desordem". Observá-la, simplesmente, tal como observais o ocaso, em relação ao qual nada podeis fazer. Observai vossa desordem pela mesma maneira: sem escolha, tornando-vos cônscio dela; vereis que, observando-a, dela ficareis realmente cônscio.

Então, em conseqüência desse percebimento, vem a ordem, uma coisa inefável, uma coisa viva. Essa ordem não segue um plano previamente traçado, não é uma ordem mecânica. Por conseguinte, olhai a desordem, "escutai-a", observai-a em vós mesmo — sem o "observador". O observador é a causa da desordem, faz parte da desordem. Por conseguinte, observai sem o "observador", e vereis o resultado!

Madrasta, 17 de janeiro de 1971.

Palestras em
BANGALORE

PRAZER E MEDO

(Bangalore — X)

Temos problemas tantos e tão complexos que, para compreendê-los integralmente, teríamos de percorrer toda a Terra, observar, objetiva e racionalmente, as diferentes culturas e examinar interessadamente todos os conflitos, tudo o que se está passando no mundo, não só por longes terras, mas também neste país. Cumpre-nos ver realmente, e não teoricamente, o que está acontecendo; ver esses conflitos tais como são, e não com olhos de hinduísta, comunista ou fanático maoísta. Devemos ser capazes de observar claramente os fatos, sem ideais — o que pensamos que *deveria* ou *deve* ser.

É necessário observar os acontecimentos mundiais — divisão, conflito, injustiça, guerras, separações nacionais, lingüísticas, religiosas, violência, incalculável sofrimento. Tudo isso são fatos observáveis. Vê-se como as religiões separaram as pessoas: o hinduísta com suas crenças, o cristão com suas doutrinas, o maometano com sua fé — e como essas religiões ou crenças organizadas, com sua propaganda, seus rituais, seus livros sagrados, seus instrutores e salvadores, fragmentaram a mente humana. E considerem-se as divisões nacionais — indianos, paquistanenses, alemães, russos, vietnamitas, etc.; considere-se a revolta dos jovens contra a ordem estabelecida, revolta que, neste país, ainda não assumiu forma violenta, mas noutros países se está tornando perigosa. Aqui, há muita injustiça social, miséria, brutalidade, violência; e, observando esses fatos, racionalmente, sem preconceitos, sem tirar conclusões — observando-os simplesmente — vê-se bem claramente que os entes humanos criaram esta sociedade monstruosa, decadente, corrupta, não só neste país, mas no resto do mundo. Isso também é um fato.

Vós sois o mundo, e o mundo é vós. Sois a sociedade, a cultura em que nascestes e fostes criados. Essa cultura, essa sociedade, procede de vossos esforços, de vossa avidez, vossa brutalidade e violência. Sois o mundo, a comunidade, a sociedade, a cultura. Compreendei que, por toda a corrupção, e desordem, e brutalidade, pela geral insensibilidade e indiferença, ocorrentes neste país — compreendei que por tudo isso sois responsável, cada um de vós, porque vós sois a Índia. Vós criastes, construístes, através do tempo, a estrutura social com suas divisões, criastes vossa religião, vossas crenças, vossos inumeráveis deuses, edificastes esta sociedade. O mundo, pois, é vós, e vós sois o mundo. Percebei isso bem profundamente, senti-o com o coração, e não com essa vossa mente superficial, ardilosa, insensível, porque se trata de um fato, e um fato não é teoria ou idéia. A explicação não é a coisa explicada e a descrição não é a coisa descrita.

Faz-se necessária uma revolução de vastas proporções, uma revolução radical, não apenas externa, mas também interna; porque, se, sem mudarmos interiormente, sem deixarmos de ser hinduístas, budistas, cristãos, comunistas, tratarmos meramente de efetuar uma reforma superficial, de alterar uns poucos padrões aqui e ali, assim não se dará ao homem nenhuma espécie de paz. Cabe-vos, pois, esse dever. Se, em vossa maneira de viver, em vossa maneira de pensar, em vossas diárias atividades e práticas corruptas, não se verificar uma mudança, se em vós mesmo não se operar uma revolução interior, psicológica, não haverá possibilidade alguma de mudanças sociais básicas.

Observando-se os acontecimentos, nota-se que existe violência, embora as religiões mandem "não matar, não fazer guerra, não ofender o próximo, ser bom, generoso, delicado, leal".

A violência é considerada um meio de alterar a sociedade. Pensa-se que, pela violência, pode operar-se uma rápida mudança, e, por conseguinte, em certas partes do mundo, tal como aqui, justifica-se a violência. A violência poderá produzir uma mudança perfuntória na ordem social, mas essa espécie de revolução, revolução física, acaba invariavelmente em ditadura, burocracia ou caos, que, por sua vez, engendra a tirania. Este também é um fato observável.

Conseqüentemente, para o homem que percebe claramente esses fatos só há uma solução, consistente em que, para operar qualquer mudança, ele próprio, como ente humano, resultado do tempo, resultado do ambiente, terá de transformar-se radical e fundamentalmente.

Temos, assim, a questão: Pode essa revolução interior, essa mutação psicológica, realizar-se agora, e não num futuro distante? Vamos investigar se existe possibilidade de mudança total na própria estrutura do cérebro; e essa investigação, temos de fazê-la em comum. "Comunhão" * significa participar, pensar juntos, aprender juntos, sem concordância nem discordância. Ambas as partes — vós e este orador — têm de fazer juntas a jornada. Essa comunhão implica um interesse *comum* entre vós e o orador; não é comunhão apenas verbal. A compreensão verbal naturalmente é necessária: vós, tal como o orador, precisais entender o inglês. Mas, comunhão significa também "compartilhar", e de modo nenhum podemos compartilhar se vós conservais vossos preconceitos, vossas crenças, dogmas e conclusões pessoais. Vamos, pois, penetrar juntos no complexo problema da existência, examinar as relações humanas. Juntos, vamos considerar a questão da violência, compreender o medo, o prazer, descobrir se o sofrimento pode terminar, o que significa amar e o que significa morrer, a beleza e verdade da meditação, e, também, a natureza da mente religiosa. A mente repleta do conhecimento do que outros disseram não é uma mente religiosa. E aquela que tem crenças, dogmas, conclusões, que pratica rituais, não é também uma mente religiosa.

Faz parte da investigação em comum o escutar em comum; mas não se pode escutar assim quando se está comparando o que se diz com o que já se sabe; não podeis de modo nenhum escutar concordando ou discordando. Se ficais meramente ouvindo palavras, sem as relacionar com o fato que sois vós mesmo; se ficais ouvindo com vossas conclusões, vossas esperanças, vossos problemas, vossas tristezas, vosssas agonias — não estais escutando. Só escutando em comum, teremos a possibilidade de resolver radicalmente todos os nossos problemas. Assim, a mente capaz de escutar, não apenas o que diz o orador, mas também suas próprias reações e murmúrios, poderá investigar em comum. Nós vamos procurar compreender esses imensos e complexos problemas humanos, e, *não,* procurar um meio de alterar a forma de governo ou de dar comida aos pobres imediatamente, ou de pôr termo à medonha insensibilidade e corrupção ora existentes; vamos observar a totalidade do problema.

(*) No original: *"communication":* comunicação, *comunhão.* (N. do T.)

A vida não significa apenas ganhar a subsistência, mas também compreenderdes a vós mesmo, compreenderdes vossa esposa, vossos filhos, compreenderdes essa estranha coisa chamada "sexo", e o conflito humano, interno e externo. Significa compreendermos em comum se alguma possibilidade existe de vivermos em paz neste mundo, não como eremitas, não como monges ou *sannyasis,* mas neste mundo maravilhoso que é o nosso.

Nenhum livro, seja o *Gita* ou o *Upanishads,* nenhum professor ou filósofo pode ensinar-vos o que sois. O que os professores e filósofos podem ensinar-vos é o que eles pensam que sois ou deveríeis ser, ou seja a opinião deles. Por séculos e séculos aceitastes a autoridade de outros, de vosso *guru,* de vossa tradição, as coisas ditas por outrem, e eis a razão por que careceis de energia, eis a razão por que estais embotados, insensibilizados e sois entes humanos de segunda mão.

Vamos, pois, observar juntos o que realmente somos, não o que deveríamos *tornar-nos,* porque entre nós, aqui, não há ideal, não há alvo para atingir, não há finalidade, mas somente "o que é". Se tendes um alvo, uma finalidade, um fim, não sois capaz de ver o que realmente está ocorrendo. Se tendes um ideal do que deveríeis ou deveis ou quereis ser, criais conflito entre o que sois e o que "deveríeis ser". Todo ideal leva à hipocrisia. Vós sois hipócritas, porque pensais uma coisa, dizeis outra, e fazeis outra, e só viveis falando em ideais. Tendes, pois, de varrer totalmente do espírito essa atitude dualista: "o que sois" e "o que deveríeis ser". A essência mesma do conflito é a separação entre o observador e a coisa observada. O homem interessado na Verdade não tem ideais, porque a Verdade se encontra em "o que é" e no ultrapassá-lo. Cumpre-nos, pois, compreender "o que é" — o que somos.

Que somos nós? Que sois vós? — não em conformidade com qualquer livro, autoridade ou psicólogo. Se falais sobre o que sois segundo eles, só estais repetindo o que dizem, não estais aprendendo, não vos estais observando. Quando vos observais, quando estais cônscio de vós mesmo, podeis ver que o homem, em todo o mundo, está preso na rede do prazer e do medo.

Nossas religiões, nossa estrutura social e nossa moralidade, como se pode observar, baseiam-se no prazer e no medo. O fato é que sois ávido, invejoso, ganancioso, temeroso, ambicioso, com raros lampejos disso que chamais amor. Cabe-nos compreender basicamente estas duas coisas: o medo e o prazer.

Compreender significa ser livre, livre para olhar, observar o prazer, ver aonde nos leva, o que ele implica e como originou essa absurda separação entre o observador e a coisa observada, a divisão em religiões, nacionalidades, etc., numa palavra, a fragmentação. E cumpre, também, compreender a fundo, e não, verbal ou teoricamente, a complexa questão do medo. Se a mente tem medo, não pode de modo nenhum ver o verdadeiro. Está vivendo na escuridão. Já não notastes, por vós mesmo, quando tendes medo de vosso vizinho, do governo, de vossa esposa ou marido, ou da polícia, * como vossa mente se torna embotada, incapaz de raciocinar? Assim, para compreendermos o medo e o prazer, temos de observá-los em nós mesmos.

Vamos investigar juntos esses dois problemas, em que se baseiam todas as nossas ações. Nossas ações poderão ser superficiais ou ocultas, conscientes ou inconscientes, mas todos os nossos "motivos" se baseiam nestes dois princípios fundamentais: prazer e medo. Ao dizerdes estar em busca da Verdade, o que realmente buscais é a permanente estabilidade dessa coisa que chamais "prazer".

Observai por vós mesmo o que acontece quando há medo. O medo separa as pessoas. Torna as pessoas violentas, sem ordem; poderão elas disciplinar-se infinitamente, mas, se têm medo, há deformação, corrupção, violência, todos os males possíveis. A casa está ardendo, não vossa própria casa; o incêndio está lavrando no mundo. Este mundo está cheio de destruição, de assassínio, de caos; eis a casa que se acha em chamas.

Assim, se somos verdadeira e profundamente sérios, não nos interessa como evitar, fugir, reprimir ou dominar o medo, nem como aumentar ou expandir o prazer; só nos interessa compreendê-los. Para os compreendermos, necessitamos de uma mente sensível, observadora, precisa, ** capaz de olhar sem chegar a conclusões; porque a mente conclusiva não pode funcionar de modo são.

Porque se tornou tão importante o prazer? Vemo-lo expressar-se de tantas maneiras sutis: vaidade, prestígio, fama, êxito, saber, erudição; tudo isso se encontra pelo caminho do prazer. Podeis freqüentar os templos, ouvir todos os sinos repicar, mas o deus que adorais é o prazer e o dinheiro.

(*) O autor se refere à polícia do governo (polícia política).
(**) Que funciona com precisão. (N. do T.)

Que é o medo? O medo não existe isoladamente. Só existe em relação com alguma coisa, a opinião pública, o que se fala de vós. Há medo à morte, ao desconhecido, e medo ao conhecido, medo da insegurança, de perder o emprego, medo de que vossa esposa vos cause algum dissabor. O medo gera a violência. Num país que se está tornando superpovoado, cuja população cresce todos os anos aos milhões, é natural que se torne cada vez maior o medo, por causa dos problemas do desemprego, da falta de víveres, da miséria sem remédio, da corrupção dos governos. Vendo-se tudo isso, sente-se certamente medo, não apenas pela própria segurança, mas também pela segurança das gerações vindouras, de nossos filhos e filhas. Se alguém vos ofende, essa ofensa produz também medo, e o medo gera a violência. Assim, a menos que estejais verdadeiramente livre do medo, não deixareis de criar caos no mundo. E o medo não pode ser suprimido por um ideal, o ideal da coragem.

Sois medroso, e tendes a idéia de que, desenvolvendo a coragem, vos libertareis do medo; isso é evitar "o que é": por meio da coragem, esperar livrar-se do medo; é ter um ideal, que representa um empecilho à compreensão de "o que é". Como ente humano, sois violento, agressivo. Eis um fato. Neste país, principalmente, nutre-se há séculos o ideal da "não violência" e, enquanto se procura atingir esse ideal, vão-se lançando os germes da violência. Dizeis "Estou-me esforçando para ser "não violento", um dia alcançarei um estado isento de violência". Dessa maneira, tornais-vos um hipócrita. Todos os idealistas são essencialmente hipócritas. Nós não estamos interessados no ideal da coragem ou na maneira de livrar-nos do medo ou de dominá-lo, mas, sim, em compreendê-lo. No momento em que compreendemos uma coisa, estamos livres dela.

A liberdade não vem à força de ideais. Vem, com toda a sua beleza, ao compreendermos "o que é", ao compreendermos nossa confusão, nossa insensibilidade, nossa brutalidade. Desse percebimento, exercido com zelosa atenção, vem a beleza daquela liberdade.

Assim, cabe-nos observar, aprender, tornar-nos conscientes de nosso temor. Isso só se pode fazer em presença do próprio temor. Poderíamos, pois, tomar para observação uma coisa como o apego.

Todos vós sois apegados, a vossas famílias, vossos empregos, vossas conclusões, não é verdade? Vede a que estais apegado — à esposa, ao marido, a um filho, a uma opinião ou juízo, ou às

coisas que inventastes e chamais "deuses". Quando se está apegado a alguma pessoa ou coisa, há, nesse apego, o desejo de dominar, de reter, de possuir. Por conseguinte, onde há apego, há necessariamente incerteza. O objeto de nosso apego pode morrer ou abandonar-nos por causa de outrem, e há, então, ciúme. Onde está o apego, aí está também o medo. Sabendo que tendes apego, dizeis: "Preciso tornar-me desapegado", e, desejando alcançar o estado de desapego, perguntais a vós mesmo "Como poderei tornar-me desapegado?". E cria-se um problema. Dir-vos-ão: "Não faça isto, faça aquilo, medite e se torne gradualmente desapegado, um santo." Já se cuidásseis de observar o apego, nele encontraríeis o medo. Mas, em vez de tratardes de compreender o medo, quereis cultivar o desapego, e isso é fatal. Cultivando-se o desapego, que acontece? A pessoa se torna insensível, indiferente, retrai-se, resiste. Deixa de olhar a beleza de uma árvore, do céu, ou do poente, porque isso denota apego. Assim, por essa filosofia, por essa espécie de desapego, a pessoa se torna um ente humano sem beleza.

Olhai, vós mesmo, o vosso medo, descobri o que ele é — o fato, e não a causa do medo. Que é o medo? Nós temos medo da morte. Tomemos este medo para exemplo. Que é esse medo de, repentinamente, chegarmos ao fim, nos vermos desprendidos de nossas amarras? Que é que causa medo? Qual o "processo" do medo? Sentistes dor física o ano passado. Pensais nessa dor, esperando que não retorne. O pensar num fato passado, que causou dor física, faz-nos não desejar sua repetição, agora ou amanhã. É, pois, o pensamento o responsável pela continuidade do medo.

Cometi um erro. Isso sucedeu, digamos, ontem ou há duas semanas, e temo que outrem venha a sabê-lo. Assim, ao pensarmos em algo que aconteceu, com esse pensamento damos continuidade ao medo. O que há duas semanas sucedeu é coisa acabada, mas o cérebro registrou aquela dor e, pelo pensar nela, sente medo de que torne a aparecer.

É muito fácil, sem se ser especialista ou psicólogo, observar e aprender que o pensamento é reação da memória, e que a memória de um incidente, físico ou psicológico, está gravada nas células cerebrais. As células cerebrais contêm essa memória e, por conseguinte, *dizem:* "Cuidado, para não tornares a sentir dor." O pensamento não o deseja e, conseqüentemente, gera medo.

Agora, que é o prazer? Vedes uma árvore formosa ou um belo pôr do Sol. Observais, na lagoa, os reflexos da luz vespertina ou matinal, e vos extasiais com essa beleza, essa paz e tranqüilidade, os diferentes tons de luz e de sombra, e exclamais: "Que maravilha!" As células cerebrais registraram tudo isso e o pensamento *diz:* "Gostaria de repetir amanhã essa experiência tão bela e encantadora." O pensamento dá continuidade a um incidente, como o pôr do Sol, e deseja sua repetição.

Ontem tivestes prazer sexual. Esse prazer foi "registrado", e o pensamento se põe a lembrá-lo, a ruminá-lo, a criar imagens, e *diz:* "Preciso repeti-lo."

O pensamento, pois, gera medo e dá continuidade ao prazer. Não deveis desprender-vos do prazer, do desejo. Se buscais um estado de ausência de desejos como o caminho da verdade, tereis uma mente torturada, em luta com vossos instintos, vossas exigências, vossas ânsias. Vossa mente se deformará, e uma mente deformada não tem nenhuma possibilidade de descobrir o que é a Verdade.

E, então, pergunta-se: Qual é a função do pensamento, sabendo-se que o medo e o prazer são as duas faces de uma mesma moeda? Que é pensar? O pensar é, decerto, uma reação de vossa experiência acumulada, ou seja do conhecimento. Se não tivésseis nenhum conhecimento, seríeis incapaz de pensar. Se desconhecêsseis vosso nome ou qualquer língua, não poderíeis falar, achar-vos-íeis num estado de amnésia. O pensar, pois, é reação da memória acumulada, tanto do ente humano individual, como do ente humano coletivo — da tradição, do fundo acumulado de conhecimentos.

Qual é, pois, a função do pensar, do pensamento? Vós necessitais de conhecimentos: científicos, psicológicos, humanos — dos conhecimentos reunidos pela experiência humana. Para exercerdes com eficiência uma técnica, necessitais de perfeitos conhecimentos, não podeis prescindir deles.

Mas, vê-se também o que o conhecimento pode causar. Tendes o "conhecimento" de uma experiência ontem ocorrida. Desejais a repetição dessa experiência, e ela pode não repetir-se; por conseguinte, há dor. O conhecimento é necessário numa direção, mas noutra direção gera medo e dor.

Ao terdes ontem aquela experiência do entardecer, isso foi algo de novo, de puro, de deleitável, uma coisa indescritível. A luz, sua distribuição, seus efeitos na sensibilidade, tudo isso se

registrou, tornou-se conhecimento e, por conseguinte, coisa velha. O "velho" diz "quero outra experiência", e a nova experiência é traduzida em prazer.

Vê-se, pois, que o pensamento deve funcionar lógica e racionalmente, com eficácia e objetividade, no mundo técnico; e vê-se também sua periculosidade.

Apresenta-se, assim, a questão: Qual a entidade que sustém o pensamento, o pensamento como prazer e dor? Que é que sustém a memória num centro, de onde ela opera? Já notastes que em vós existe "observador" e "coisa observada"? O observador é o "censor", é o conhecimento acumulado do cristão, do hinduísta, do comunista, etc. O observador é o "centro", é o "ego", o "eu". Esse "eu", esse "ego", inventa um "superego", o *Atman,* mas este faz ainda parte do pensamento. Há, pois, dualidade: "observador" e "coisa observada", "eu" e "vós", "nós" hinduístas, e "eles" muçulmanos. Essa divisão é a causa de todos os conflitos.

É o observador que sustém a memória, de onde emanam todos os pensamentos e, por conseguinte, o pensamento nunca é novo. O pensamento nunca é livre, embora possa pensar na liberdade ou inventá-la.

Como se pode observar sem o "observador", sendo este o passado, a imagem? Através do tempo — dez ou quarenta anos ou um mês, um dia — formastes uma imagem de vossa mulher ou marido. O "fabricante" de imagens é o observador, e perguntamos se podeis observar vossa esposa, a árvore, vosso marido, sem a imagem, sem o "observador". Para se saber a resposta, impende descobrir o mecanismo formador de imagens. Que é que cria as imagens? Se o descobrirdes, jamais criareis imagens e podereis observar sem o "observador".

Estamos perguntando se o "fabricante de imagens", se o mecanismo formador das imagens pode deter-se. Vou mostrar-vos como ele deixa de existir, mas, primeiramente, devemos investigar o que é percebimento, o que significa "estar cônscio", cônscio das árvores, cônscio de vosso vizinho de cadeira, da forma deste salão, das cores dos diferentes *saris* e camisas, cônscio exteriormente e também interiormente — cônscio sem escolha.

Vós me injuriais; se, nesse momento, há "percepção total", não há registro, não tenho vontade de bater-vos ou de xingar--vos, estou passivamente cônscio do insulto e, por conseguinte,

não há formação de imagem. A primeira vez que alguém vos insultar ou lisonjear, ficai totalmente cônscio, e vereis como a velha estrutura do cérebro se torna quieta, não entra instantaneamente em funcionamento. O "registrador" não faz nenhum registro, porque estais totalmente cônscio. Observai isso, a próxima vez que sairdes a passeio: olhai a árvore, observai simplesmente sua forma, sua beleza, seus ramos, a solidez do seu tronco, as curvas de seus ramos, suas delicadas folhas — observai tudo sem a imagem, que é o conhecimento adquirido ao verdes, antes, a árvore. Estais assim olhando a árvore sem o "observador". Do mesmo modo, olhai vossa esposa ou marido como se estivésseis vendo aquela pessoa pela primeira vez, isto é, sem nenhuma imagem. O ver dessa maneira é o verdadeiro estado de relação. Por conseguinte, a mente capaz de observar com tal clareza é também capaz de observar o que é a Verdade.

Bangalore, 30 de janeiro de 1971.

A COMPREENSÃO DA VIDA

(Bangalore – XI)

O que verdadeiramente importa é transformarmos radicalmente nossa vida, não em conformidade com um dado plano ou ideologia ou uma certa espécie de utopia. Ao vermos quão violento e brutal é este mundo, e sua enorme carga de sofrimento, torna-se naturalmente o dever de cada um de nós modificarmos nossas vidas, nossos modos de pensar e de proceder, nossas atitudes e impulsos. Vamos considerar juntos o que é realmente a vida e o amor, qual o significado da morte, o que é vida religiosa, e se essa vida religiosa é compatível com o mundo moderno. Discorreremos também sobre o tempo, o espaço e a meditação.

Há tantas coisas por considerar, e provavelmente a maioria de vós já adquiriu conhecimentos sobre elas, conhecimentos dados por outros, pelos livros, pelos *gurus,* pelos sistemas, ou impostos pela cultura. Isso não é *conhecimento,* porém, antes, uma mera repetição do que outros disseram, sejam os mestres mais sublimes, seja vosso *guru* local. E, para a compreensão da vida diária, não necessitamos de nenhum *guru,* de nenhuma autoridade ou instrutor. O que nos cabe fazer é, apenas, observar, estar cônscios de nossos atos, pensamentos e "motivos", e descobrir se existe alguma possibilidade de transformarmos totalmente nossas humanas tendências, crenças e desesperos.

Vejamos, pois, em primeiro lugar, o que realmente é a nossa vida — nossa vida de cada dia — porque, se não a compreendermos, se não a pusermos em ordem e meramente cumprirmos sem zelo nossas tarefas diárias ou nos refugiarmos em alguma ideologia, ou superficialmente nos satisfizermos com as coisas como são — não teremos nenhuma base para viver,

nenhuma norma de pensamento e ação realmente certa e verdadeira. Ordem é virtude. Sem ordem, o homem está condenado a viver em confusão; e, sem a compreensão dessa ordem, que é virtude, toda moralidade se torna superficial, meramente influenciada pelo ambiente, pela cultura em que vive o indivíduo.

Cumpre-nos descobrir por nós mesmos o que é a ordem, se ela é um padrão, um plano, uma coisa instituída pelo homem como meio de compulsão, como meio de ajustamento e imitação, ou se a ordem é uma coisa viva e, conseqüentemente, jamais pode ajustar-se a um padrão.

Que é o nosso viver de cada dia? Pode-se ver que há, nesse viver, muita confusão, muito ajustamento e contradição, cada homem contra outro homem e, no mundo dos negócios, todos prontos a se destruírem mutuamente. Política, sociológica e moralmente, observa-se medonha confusão; e, olhando vossa própria vida, podeis ver que, do nascer ao morrer, ela é uma série de conflitos. A vida se tornou um campo de batalha. E, vendo-nos incapazes de compreendê-la ou ultrapassá-la, recorremos a alguma ideologia, aos antigos filósofos, aos antigos mestres, à sabedoria antiga; pensamos que, fugindo da realidade, resolvemos nossos problemas. Eis porque as filosofias, os ideais, os diferentes meios de fuga não acabaram com nossos problemas. Continuamos exatamente como éramos há cinco mil anos ou mais, os mesmos entes embotados, repetidores, malévolos, irascíveis, violentos, agressivos, com raros lampejos de beleza ou de felicidade, e sempre com medo daquela coisa que chamamos "a morte".

Nossa vida cotidiana é sem beleza, porque, repetidamente, nossos instrutores religiosos e nossos livros prescrevem: "Sê sem desejos, não olhes para uma mulher, para não caíres em tentação, pois, para achares Deus, a Verdade, deves ser celibatário." Mas, nossa vida diária está em contradição com tudo o que preceituam os instrutores. Nós somos o que somos: entes humanos triviais, egoístas, medrosos. Se não for alterada essa maneira de vida, todo esforço feito para achar a Verdade, todas as falas, por mais vigorosas ou eruditas que sejam, toda interpretação do *Gita* e demais livros — nada disso terá valor algum. Podeis, pois, sem hesitação, lançar fora todos os livros sagrados, para começardes de novo, porque eles, com seus intérpretes, seus instrutores e *gurus,* não vos trouxeram nenhum esclarecimento. Sua autoridade, sua disciplina compulsória, suas sanções, são absolutamente sem valor.

Mas, é possível transformarmos nossas vidas? Nossas vidas se acham em desordem, nossas vidas estão fragmentadas. Somos uma coisa no escritório, outra no templo e outra inteiramente diferente no lar; e, em presença de um alto dignitário, somos entes humanos tímidos e bajuladores. Se não alterarmos nossa vida diária, nenhum sentido tem perguntarmos o que é a Verdade, se Deus existe ou não existe. Somos entes humanos fragmentados e, enquanto não formos entes humanos totais, completos, nenhuma possibilidade teremos de alcançar o que está fora do tempo.

Portanto, cumpre-nos, em primeiro lugar, olhar nossas vidas, isto é, observá-las. Que significa esta palavra — "observar"? Há a percepção sensorial, pelos olhos: estais vendo esta buganvília. Então, observando a flor, sua cor, formais uma imagem. Já tendes, pois, uma imagem dela e um nome para ela. Gostais ou não gostais da flor, criastes uma preferência, porque só a vedes através da imagem. De modo que, na realidade, não estais vendo a flor.

Não só olhamos a natureza com olhos que acumularam conhecimentos a seu respeito e, por conseguinte, com uma imagem, mas também olhamos os outros entes humanos com nossas diferentes conclusões, opiniões, juízos e valores. Assim, quando olhais ou observais a vós mesmo, a vossa vida, estais observando através da imagem e das conclusões que já formastes. Dizeis que "isto" é bom, "aquilo" é mau, ou que "isto" é certo e "aquilo" errado. Não estais olhando realmente a vida. Assim agindo, não estais em relação direta com o que vedes . Olhais com o conhecimento trazido do passado, com vossas imagens, com a tradição, com todas as experiências humanas acumuladas; tudo isso vos impede de ver. Este é um fato que precisa ser compreendido, ou seja que, para observardes realmente a vida, deveis olhá-la com olhos novos, isto é, olhá-la sem condenação, sem nenhum ideal, sem nenhum desejo de dominar ou alterar o que vedes, em suma, *observar*. Estais fazendo isso? Estais-vos servindo deste orador como se ele fosse um espelho em que vedes refletida vossa própria vida? Estais olhando a vossa vida com os olhos de vossas conclusões, e isso vos está impedindo de olhá-la diretamente, de entrar em contato com ela.

Olhai o céu, a árvore, vede a beleza da luz, das nuvens, suas formas e delicadeza. Se tudo olhardes sem nenhuma imagem, tereis compreendido vossa própria vida. Mas, estais observando a vida — vós como "observador", e vossa vida como "coisa

observada", coisa separada do "observador". Essa divisão é a essência de todos os conflitos, de todas as lutas, dores, temores, desesperos.

Havendo divisão entre os entes humanos, divisão em nacionalidades, religiões, divisões sociais, havendo qualquer espécie de divisão, há necessariamente conflito. Temos a um lado o Paquistão, e a outro lado a Índia — um a lutar contra o outro. Vós sois brâmane e outro é "não brâmane", e entre ambos há ódio, divisão. Ora, essa mesma divisão existente no exterior com todos os seus conflitos existe também internamente, na forma de "observador" e "coisa observada".

A mente em conflito não tem nenhuma possibilidade de compreender a Verdade. É uma mente torturada, deformada. Como pode ela ser livre para observar a beleza da Terra, a beleza de uma criança, de uma mulher, de um homem, para ser sensível no mais alto grau a todas as manifestações do belo?

Vamos, agora, descobrir por nós mesmos — e não por meio do orador — se é possível pôr termo à divisão entre o observador e a coisa observada. Estais-me seguindo? Vede, por favor, quanto isso é importante (pôr termo à divisão), se realmente desejais ir mais longe. Vamos considerar a fundo a questão do amor, da morte, da Verdade, da meditação, e o que significa uma mente completa e de todo quieta. Para compreendermos tudo isso, temos de começar pondo termo ao conflito, conflito existente sempre que há "observador" e "coisa observada".

A primeira pergunta que cumpre fazer é esta: Que é esse observador que se separou da coisa observada? Sabemos, ao nos encolerizarmos, que no momento da cólera não há "observador". No momento de qualquer experiência, não existe "observador". Ao observardes o poente, ao verdes essa coisa grandiosa, não há nenhum "observador" a dizer: "Estou vendo o pôr do Sol." Um segundo após, chega o "observador". Se sentis cólera, no momento da cólera não há observador, não há "experimentador", só existe o "estado de cólera". Um instante após, surge o observador e diz: "Eu não devia ter-me encolerizado" ou "Tive razão para me encolerizar". Eis o começo da divisão.

Como acontece isso? Porque é que, no momento da experiência, há ausência total do "observador", e, um segundo após, o observador entra em cena? Ao olhardes esta flor, no momento em que a observais com atenção, não há observador, só há o ato de olhar. Depois, dais nome à flor. Então, dizeis: "Quero-a no meu jardim, em minha casa." Começastes, pois, a formar uma

imagem relativa à flor. A imagem e o "produtor da imagem" — eis o "observador, o passado; o "eu", como observador, é o passado, é conhecimento acumulado, conhecimento da dor, da tristeza, da agonia, do sofrimento, do desespero, da solidão, do ciúme. O observador olha a flor com os olhos do passado. Não sabeis olhar sem o "observador" e, conseqüentemente, criais conflito.

Perguntamos, agora: Podeis olhar não apenas a flor, mas também vossa vida, vossa agonia, vosso desespero, vossa tristeza, sem lhe dardes nome, sem dizerdes "Preciso transcender (ou dominar) esta coisa"? Podeis olhar a coisa simplesmente, sem "observador"? Tomai vosso temor ou tendência pessoal, ou essa coisa que quase todos nós temos: a inveja. Sabeis o que é a inveja. Estais bem familiarizado com esse sentimento. Inveja é comparação, medição feita pelo pensamento, comparação do que sois com o que deveríeis ser ou gostaríeis de ser. Quando vos comparais com vosso vizinho, que possui um carro melhor, uma casa melhor, etc., sentis inveja. Pois bem; podeis olhar esse sentimento, sem dizerdes que é "certo" ou "errado", sem lhe dardes nome; podeis olhá-lo sem a respectiva imagem? Desse modo, podeis ultrapassá-lo. Em vez de lutar com a cólera ou a inveja, em vez de tentar dominá-la, observai-a sem lhe dar nome.

"Dar nome" é movimento da memória, do passado, que justifica ou condena. Se puderdes observar a inveja sem lhe dardes nome, vereis que a transcendereis.

No momento em que se conhece a possibilidade de transcender "o que é", fica-se repleto de energia. O homem incapaz de transcender "o que é" por não saber o que fazer com ele sente medo e trata de fugir. Perde energia. Se tendes um problema e sabeis resolvê-lo, tendes energia. O homem que tem mil problemas e não sabe o que fazer em relação a eles, perde energia. Da mesma maneira (sem dar nome a nada), olhai vossa vida, em que existe aquela coisa chamada "amor".

Que é o amor? Não vamos considerar teorias sobre o amor. Vamos observar isso que chamamos amor. Amor é prazer? Amor é ciúme? Pode um homem ambicioso amar? É capaz de amar o homem que está competindo com outros? — isso todos vós estais fazendo: competindo uns com os outros. Quereis melhor emprego, melhor posição, uma casa melhor, uma imagem melhor de vós mesmo. Pode-se amar pela tirania, pelo dominar o marido, a mulher, os filhos? Quando se busca o poder, há possibilidade de amor?

No rejeitar o que *não é* amor, há amor. Tendes de rejeitar tudo o que não é amor, ou seja ser sem ambição, sem competição, sem agressão, sem violência — em palavras, atos e pensamentos. Rejeitando o que não é amor, sabereis o que é amor. O amor é uma coisa carregada de energia, uma coisa que se sente intensamente; o amor não é prazer. Cabe-vos, pois compreender o prazer, em lugar de tentardes amar alguém.

Ao verdes o que é vossa vida — sem amor, sem beleza, sem liberdade, e quanto ela é estéril — devíeis verter lágrimas.

Essa vida estéril é resultado de vossa cultura, de vossos livros sagrados, que dizem: "Não olhes o céu, porque lá há beleza e o sentimento dessa beleza poderá transferir-se para uma mulher. Se queres viver como homem religioso, retira-te do mundo, nega o mundo, porque o mundo é *maya,* ilusão, foge do mundo." E vós fugistes do mundo, como o mostra a vossa vida.

Se observardes vossa vida, podereis descobrir por vós mesmo o que é o amor, porque nesse observar há paixão. Etimologicamente, a palavra "paixão" significa "sofrimento". Sabeis o que significa sofrer — não o meio de fugir do sofrimento ou o que fazer a respeito do sofrimento — sabeis o que significa sofrer, ter interiormente uma grande dor? Não havendo nenhum movimento de fuga a esse sofrer, vem daí uma grande paixão, uma grande compaixão.

Cabe-vos também descobrir o que é a morte — não no último minuto, prostrado pela doença, inconsciente, sem lucidez; a isso todos estamos sujeitos: velhice, doença e morte. Impende-vos descobrir o que é a morte enquanto estais novo, vigoroso, ativo, freqüentando diariamente vosso escritório e de lá voltando para casa — vossa "prisão particular".

O organismo pode durar mais, conforme a espécie de vida que levamos. Se nossa vida, do nascimento à morte, é uma batalha, o corpo se gasta mais rapidamente. O coração está sujeito a constante tensão. Isso é um fato inconcusso. Para se descobrir o que é a morte, não deve haver medo; e a maioria de nós tememos a morte, deixar nossas famílias, largar as coisas que acumulamos, ou nossos conhecimentos e nossos livros. Não sabendo o que acontece ao morrermos, a mente — isto é, o pensamento — diz que deve haver outra espécie de vida. A vida deve continuar de alguma maneira, nossa vida individual. Eis aí toda a estrutura da crença — de vossa crença na reencarnação. Que é que renascerá na próxima vida: vossa acumulação de conhecimentos, vossos pensamentos e atividades, as ações belas ou feias que praticastes?

Se credes realmente em *karma,* então, o que importa é o que agora, nesta vida, fazeis, como agora vos comportais, porque na próxima vida pagareis vossas culpas.

Assim, se realmente vos achais enredado nessa crença, deveis prestar toda a atenção a vossa vida de agora. Cabe-vos descobrir o que significa morrer — não fisicamente, que é inevitável — morrer para tudo o que conheceis, para vossas famílias, vossos apegos, para todas as coisas que acumulastes, para vossos costumados prazeres e temores, morrer a cada minuto, para terdes sempre uma mente nova, pura e, por conseguinte, "inocente". Haverá, assim, "encarnação" em cada dia novo. Encarnar todos os dias é muito mais importante do que encarnar na vida futura. Essa "encarnação" vos dará uma mente sobremodo "inocente". A mente "inocente" nunca pode ferir-se. Por conseguinte, a mente que se fere deve morrer, cada dia, para seus ferimentos, para que possa, em cada manhã, achar-se renovada, lúcida, sem máculas nem cicatrizes. Eis a verdadeira maneira de viver.

A mente que vive sem esforço — já vistes que o esforço se torna existente quando há conflito, conflito entre o "observador" e a "coisa observada" — a mente que vive sem esforço produz ordem. Vem a ordem quando se compreendeu a desordem. Dessa compreensão, não intelectual, porém real, vem a ordem, a ordem que é virtude, retidão, a ordem que é uma coisa viva.

O homem vaidoso esforça-se para ser humilde, para ter humildade. No esforço para me tornar humilde, há conflito, mas, se enfrento o fato de que sou vaidoso (e para compreender esse fato preciso compreender-me a mim mesmo totalmente), necessito dessa ordem que não é hábito, nem prática, nem cultivo de alguma virtude.

Desponta a virtude, qual uma flor, em toda a sua bondade, quando *compreendeis.* Podeis, então, começar a investigar isso que o homem vem buscando há tantos e tantos séculos. Ele sempre implorou essa coisa, sempre tentou descobri-la, mas não haverá possibilidade de compreendê-la ou de alcançá-la, sem se ter lançado a base adequada, na vida de cada dia. Pode-se, então, indagar o que é meditação — não, "como meditar", que passos dar ou que sistemas e métodos seguir para meditar. Todos os sistemas e métodos tornam a mente mecânica. Se sigo determinado sistema, por mais bem elaborado que tenha sido pelo maior de todos os *gurus* imagináveis, esse sistema, esse método tornará minha mente mecânica, e uma mente mecânica é uma mente morta.

"Ensinai-me a meditar (esta é a primeira coisa que se pede) porque, se mo ensinardes, praticarei a meditação dia por dia, erguer-me-ei todas as madrugadas, para repetir, repetir..." — e, ao cabo de um ano, o que tendes é uma mente embotada, entorpecida, uma mente sempre pronta a fugir, a hipnotizar-se a si própria. Isso não é meditação.

A meditação é uma coisa prodigiosa se sabemos o que é "a mente em meditação", e não se sabemos "como" meditar. Veremos o que a meditação *não é,* e saberemos então o que é meditação. Pela negação, alcança-se o positivo, mas, se buscais o positivo, ireis dar num "beco sem saída". Dizemos que meditação não é a prática de qualquer sistema. Qualquer máquina é capaz disso. * Os sistemas não podem revelar-nos as profundezas e maravilhas da meditação.

Meditação, também, não é concentração. Quando vos concentrais ou tentais concentrar-vos, nessa concentração há "observador" e "coisa observada", há a entidade que diz "preciso concentrar-me, forçar-me a concentrar-me" — e a concentração se torna um conflito. Quando, qual um colegial, aprendeis a concentrar-vos, essa concentração se torna um processo de exclusão, um erguer de barreiras ao pensamento, ao movimento dos pensamentos.

Necessita-se de completo autoconhecimento. Portanto, não há nenhuma necessidade de sistema, de método, nenhuma necessidade de concentração. E a mente que compreendeu tudo isso por meio da negação torna-se, naturalmente, sobremodo quieta. Nela, não há nenhum "observador" que conquistou uma certa espécie de silêncio. Naquele silêncio, a mente se esvazia de todo o passado. Se não o criardes, em vossa vida de cada dia, jamais compreendereis a esplêndida beleza e sutileza da meditação.

Havendo na mente ordem completa, ordem matemática, e quando essa ordem despontou naturalmente, mediante a compreensão da desordem de vossa vida diária, a mente se aquieta de todo. Essa quietude (que não se obtém fechado num quarto) tem um espaço infinito. Não é a quietude ou o silêncio que se produz quando acaba o barulho. Ao terdes compreendido o inteiro problema da existência — o amor, a morte, o viver, a beleza — sabereis o que sucede nesse silêncio. Ninguém vo-lo

---

(*) Isto é, capaz de constante repetição (os movimentos da máquina são sempre repetidos). A prática de um sistema, como diz Krishnamurti, implica constante *repetição.* (N. do T.)

pode descrever. Quem o descreve não sabe o que ele é. A vós é que compete descobri-lo.

É bom fazer perguntas. Vós deveis fazer perguntas, não só a este orador, mas também a vós mesmos. Muito mais importante é vos interrogardes porque credes, porque seguis, porque aceitais autoridades, porque estais corrompidos, porque sentis cólera, ciúme. Perguntai tudo isso a vós mesmos e tratai de achar as respostas.

Senhores, tendes de "estar sós", inteiramente sós — o que não significa "isolar-se". Estando sós, sabeis o que significa viver puramente. Por conseguinte, tendes de fazer perguntas a vós mesmos, infinitamente. Quanto mais vos interrogardes, sem buscardes resposta, mas *olhando,* tanto melhor vos compreendereis. Interrogai-vos, com zelo e amor!

INTERROGANTE: Ao dizerdes "o homem que diz que sabe, não sabe", que significa isso? Não devemos conhecer-nos para podermos dizer tal coisa?

KRISHNAMURTI: Cumpre averiguar o que a palavra "saber" * significa, o que ela implica. Quando dizeis "conheço" minha mulher ou meu marido", que significa essa palavra? Vós a conheceis, vós o conheceis, ou conheceis a imagem que tendes dele ou dela? A imagem que tendes da pessoa é o passado. Assim, "saber" é conhecer algo já acabado, uma coisa que já se foi, uma coisa "experimentada". Ora, ao dizerdes "eu sei", estais olhando o presente com o conhecimento que trouxestes do passado.

Pois bem; quero conhecer, compreender a mim mesmo, que sou uma coisa viva, e não uma coisa estática. Sou uma coisa que está sempre mudando, acrescentando, subtraindo, aceitando, rejeitando; portanto, tenho de olhar-me cada vez como se fosse a primeira vez. Olho-me a mim mesmo, e vejo que sou feio, ou suscetível demais, qualquer coisa. Essa tradução do que vejo torna-se conhecimento, e com esse conhecimento olho a mim mesmo no próximo minuto. Assim, o que vejo não pode ser novo, porque o vejo com os olhos do passado. Conseqüentemente, para me conhecer, tenho sempre de pôr termo ao que sei sobre minha pessoa, de modo que cada vez eu esteja aprendendo, isto é, haja um conhecimento novo de mim próprio.

(*) *To know:* "saber" e "conhecer". (N. do T.)

"O homem que diz que sabe, não sabe" — compreendestes isso agora? Se um homem diz "Experimentei Deus; sei o que significa "iluminação" — isso é a mesma coisa que dizer "sei o caminho da estação", porque a estação é uma coisa fixa. Há muitos caminhos para a estação, há muitos *gurus* a mostrarem cada caminho e a dizerem "Nós sabemos, nós experimentamos". E que significa isso? Significa que, no passado, conheceram uma coisa e estão apegados a essa coisa experimentada e morta.

Não há caminho para a Verdade, porque a Verdade é uma coisa viva e não uma coisa fixa, estática, morta. A Verdade é como vós, senhor; sois estático? Não estais todos os dias a mudar, para pior ou para melhor? Por conseguinte, nunca poderei dizer que vos conheço. O que há de mais estúpido é dizer-se "Eu sei". Isso é apenas uma espécie de consolação, uma espécie de segurança, de que tenho necessidade.

Se bem compreenderdes esta questão, tereis compreendido muitas coisas. Portanto, desconfiai do homem que diz "Eu sei", do homem que diz "Eu vos levarei ao esclarecimento; fazei "estas" coisas, e o alcançareis". Tende cuidado com essa gente, que é gente morta, gente que está vivendo no passado e falando de coisas que desconhece — esclarecimento, Verdade... A Verdade é um estado atemporal e, portanto, não podeis alcançá-la através do tempo.

O conhecimento é tempo. Assim, como dissemos, morrei para todo o saber que tendes, todos os dias. Morrei, para todas as manhãs serdes um ente novo. A mente, então, nunca diz "eu sei", porque está sempre a florescer, sempre nova.

INTERROGANTE: Vós não quereis que leiamos o *Ramayama,* o *Mahabarata,* nossos grandes poemas épicos. Que está errado neles? Porque sois tão hostil aos nossos grandes santos?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, eu não conheço os vossos grandes santos, e não quero conhecê-los. Não vejo a importância de conhecê-los. São provavelmente entes condicionados pela cultura, pela sociedade, pela religião em que nasceram. O que quero é conhecer-me, e não a eles. Um santo cristão não é reconhecido aqui como "santo". E vós, como hinduísta, aceitaríeis um santo cristão como vosso santo? Claro que não. Vossos santos foram condicionados pela cultura em que viveram. Eu não lhes sou hostil. Estou apenas apontando fatos. São eles entes humanos torturados, segregados dos demais, ou muito devotados a

Deus (o que quer que signifique essa palavra), a suas visões, suas idéias, sua própria cultura, que os levou a crer em Deus. Tivessem nascido na Rússia comunista, não creriam em Deus. Lá, não se chamariam "santos", chamar-se-iam "marxistas".

E agora, senhor, eu não leio nem *Mahabarata,* nem *Ramayama,* nem *Gita* — nenhum desses livros. Porque os ledes? Porque gostais de literatura, das belezas da linguagem, ou os ledes como coisas sagradas, que se devem ler para alcançar o Nirvana, o céu, ou o que mais seja? Porque os ledes?

INTERROGANTE: Mahatma Gandhi lia o Gita e foi um grande homem.

KRISHNAMURTI: O interrogante diz que Mahatma Gandhi e outros grandes homens leram o Gita. Não sei porque os chamais "grandes". Porque leram o *Gita?* Vós os chamais grandes porque se ajustam a vossas medidas.

INTERROGANTE: Não; por causa de seu amor à humanidade.

KRISHNAMURTI: Seu amor à humanidade? Eles amaram a humanidade, por isso vós os amais? E isso significa que amais a humanidade? Não, senhor, sede sincero no tocante a essas coisas.

Lede "o livro de vós mesmo" — compreendeis, senhor? Porque esse livro é bem mais importante do que qualquer outro livro; esse livro que vós mesmo sois contém a humanidade inteira — todas as agonias e aflições, amor, dor, alegrias, sofrimentos, todas as ânsias que a humanidade tem atravessado. Tendes, dentro em vós, um livro e quereis desperdiçar vosso tempo lendo os livros de outros. E a isso chamais "amor à humanidade"!

INTERROGANTE: Qual a razão das tribulações que o sexo tem trazido ao mundo, apesar de ser ele a mais poderosa das energias do homem?

KRISHNAMURTI: Já observastes como, em todo o mundo e, por conseguinte, em vossa própria vida, o sexo se tornou desmedidamente relevante? Já o notastes? Que estranho silêncio estais fazendo! Fale-se em *Ramayama* e *Gita,* e logo transbordais de energia; fale-se de vossa vida diária, e murchais. Porque se tornou o sexo — o ato, o prazer — essa coisa colossal, não apenas em vossa vida, mas na vida de todo o mundo? No Ocidente,

nele se fala abertamente; aqui, veladamente, como de coisa vergonhosa. As pessoas mostram-se embaraçadas, acanhadas, nervosas, como que culpadas de pecado. E isso indica que o sexo se tornou de tremenda importância em vossa vida. Porquê? Intelectualmente, sois sem energia, porque repetis o que outros disseram, porque estais aprisionados em teorias e especulações e, por conseguinte, não estais aptos a raciocinar, a observar. Vossa mente é mecânica. Ides para as escolas encher-vos de fatos e ficais a repeti-los pelo resto da vida. E vossa vida, essa vida de freqüentar um escritório todos os dias, é mecânica.

Não há liberdade intelectual; e liberdade significa energia, vitalidade, "intensidade"; a liberdade vos proporciona uma extraordinária energia. Mas, essa liberdade, vós a rejeitais totalmente, aceitando a autoridade, não apenas a autoridade do professor, mas também a autoridade de vossos guias espirituais; e essas pessoas não são espirituais, porque se arvoram em guias dos outros. Não sois livre, intelectualmente; e, moralmente, sois sentimental, devotado a uma certa divindade ou pessoa. Isso não produz energia, mas, sim, medo. Só há energia quando perdeis completamente de vista o vosso "eu", quando há total ausência do "eu", e isso acontece no ato sexual, quando, por um segundo, tudo acaba. Fruís o prazer que o sexo proporciona; e o pensamento, então, apodera-se desse prazer, forma imagens, deseja-o mais e mais, repetidamente. Por isso, tornou-se o sexo esse importantíssimo fator em vossa vida — porque, intelectualmente, nada mais tendes. Sois entes humanos confusos, aflitos, desditosos. Intelectualmente, não tendes a "intensidade", a "paixão", necessárias para estardes *só,* para verdes claramente e "ficardes" * com o que vedes. Sentis medo; e, que vos resta? O sexo.

Todas as vossas religiões mandam-vos abster-vos do sexo. Eis porque viveis batalhando. "Para achares Deus deves ser sem sexo." Portanto, lutais para serdes "não sexual". Como sois todo sexo, batalhais contra vós mesmo. E, quanto mais batalhais, mais importante se torna o sexo.

Estais vendo, pois, o que é vossa vida. Não tendes amor, mas tendes prazer. E, tendo prazer, temeis perdê-lo. E, assim, nunca sereis livre, ainda que possais escrever volumes sobre a liberdade. Ao compreenderdes tudo isso — não intelectualmente,

---

(*) Isto é, não fugirdes do que vedes. (N. do T.)

mas diariamente, em vossa vida — vereis o estado a que reduzistes a humanidade, com vossos *Mahabaratas,* vossos *Gitas,* vossos *gurus.* E vereis também que reduzistes vós mesmo a uma entidade mecânica, uma insignificante e desditosa entidade; e com vossa pequenina mente quereis abarcar a imensidão da Verdade!

Bangalore, 31 de janeiro de 1971.

Palestras em BOMBAIM

O PROBLEMA DO VIVER

(Bombaim – XII)

PENSO que deveríamos olhar bem o que está sucedendo no mundo, e mais rigorosamente ainda olhar-nos a nós mesmos. Para olhar claramente, sem nenhuma deformação, requer-se penetrante percepção e uma mente capaz de observar sem resistir, sem se deixar influenciar por preconceitos ou fórmulas — capaz de observar simplesmente. Pois, pela percepção real, e não teórica, de "o que é", alcança-se a Verdade. Por conseguinte, muito importa compreender a palavra "percepção", a capacidade de ver, porquanto vamos considerar o mui complexo problema de nosso viver, tanto exterior como interior, e, para o fazermos, precisamos ser capazes de ver exatamente o que se está passando. Perceber "o que é" é a base para o descobrimento da Verdade, e não podereis percebê-lo se tendes crenças inabaláveis, se sois medroso ou pertenceis a qualquer seita, grupo ou comunidade.

Assim, o que vamos fazer é observar e descobrir juntos, não só como promovermos em nós e, portanto, na sociedade, uma revolução radical, mas também descobrirmos, para nós mesmos, uma maneira de viver livre de qualquer espécie de conflito. E, para compreendermos nosso conflito, nossas tristezas, nossa confusão, nossas tão numerosas e contraditórias maneiras de pensar e de agir, temos de olhar, temos de ver exatamente o que se está passando, sem interpretá-lo, sem traduzi-lo em conformidade com nossas peculiares simpatias e antipatias; temos, simplesmente, de observar, e isso é que vai ser difícil: ver exatamente o que se passa.

A matéria que vamos considerar nestas quatro reuniões não é passível de concordância ou de discordância. Nós — vós e

eu — vamos observar, compreender juntos o imenso problema do viver, da existência, vale dizer, vamos compreender juntos a vossa vida, vossos problemas, as complexas relações entre os homens, porque, se não se lançam as bases corretas das relações, de nossa diária relação com outros entes humanos, não haverá possibilidade de irmos além. Como homens verdadeiramente sérios, incumbe-vos lançar as bases das relações humanas, sem vos ampararardes em nenhuma idéia ou conclusão, ou na autoridade das Escrituras ou dos *gurus,* porém unicamente em vossa própria compreensão do significado das relações.

Ora, bem sabeis o que está acontecendo no mundo, não apenas no mundo longínquo da América, da Rússia ou da China, mas também aqui, "dentro de nossa casa". Está havendo guerras, motins, desespero, incalculável sofrimento e confusão: uma ininterrupta fragmentação, não só nacional e religiosa, mas ainda interiormente, em nós mesmos. Se vos observardes, vereis quanto sois contraditórios. Pensais uma coisa, dizeis outra, e fazeis outra. Nacionalmente, estais divididos: sois hinduístas e muçulmanos, paquistanenses e indianos, alemães, russos, americanos. Conheceis esta divisão — as divisões políticas e nacionais, com todos os seus conflitos, ambições, e competição. Observai, vede que existem católicos e protestantes, hinduístas e maometanos, budistas e não sei o que mais. Todo o mundo que nos cerca está dividido, fragmentado, moral, social e etnicamente. Exterior e interiormente, somos entes fragmentados, divididos. E, se há qualquer espécie de divisão, há necessariamente conflito, como está havendo entre o Paquistão e a Índia, entre o hinduísta e o muçulmano, entre *nós* como "observador" e *nós* como "coisa observada", entre o pensador e o pensamento. Onde, pois, há divisão, aí há conflito. E a mente em que existe conflito deforma-se, inevitavelmente, e por conseguinte se torna incapaz de ver com clareza o verdadeiro.

Assim, temos o fato de que os entes humanos criaram, por todo o mundo, uma sociedade, uma cultura, uma moralidade que já não é moral, uma cultura corrupta, uma sociedade em desintegração. Aí está mais um fato a cujo respeito não há concordar nem discordar, porque *assim é.* E vê-se o que neste país está sucedendo: decadência, imoralidade social, divisões várias — lingüísticas, tribais, religiosas. Se observardes bem atenta e claramente, vereis que tendes milhares de *gurus,* cada um com seu sistema, seu método de atingir a verdade, a "iluminação", a bem-aventurança. E se prosseguirdes na observação, vereis

como a tradição vos perverteu a mente, como aceitais os livros religiosos como a pura expressão da Verdade. Eis, pois, os fatos — as diferentes divisões, e mais este fato que a religião, que deveria unir os homens, só está fomentando divisão, separação, conflito, angústia.

Ora, vendo-se tudo isso, não pela descrição feita pelo orador, porém vendo-o na realidade, em vossa vida, que podeis fazer, qual a ação correta? Existe este imenso sofrer, e aflição, e pobreza, em todo o mundo. Vendo que, não só exteriormente, mas também interiormente, somos contraditórios, que, dentro em nós mesmos, há divisão, há luta, que pode um ente humano fazer? Porque vós sois o mundo, e o mundo é vós. Sois o resultado de vossa cultura, de vossa sociedade, de vossa religião. A sociedade, a cultura que edificastes, nela fostes criado e, portanto, dela fazeis parte; não estais separado da sociedade, da cultura, da comunidade. Outro fato: vós, a maioria de vós, credes em Deus, porque fostes criado numa sociedade, numa cultura que crê em Deus; se tivésseis nascido na Rússia ou noutra sociedade comunista, não teríeis essa crença. Lá, vos levariam a não crer, como aqui sois condicionados para crer.

Sois, pois, o resultado da sociedade em que viveis, a sociedade que produzistes, que vossos ancestrais, todas as gerações passadas, produziram. Assim, como ente humano, ante tudo isso, de que sois parte integrante, não podeis deixar de perguntar o que se pode fazer, qual a ação correta.

Antes de mais nada, podeis vós, como ente humano, seguir o que outrem diz? Compreendeis esta pergunta? Tendes necessidade de uma total transformação, uma radical revolução psicológica, interior, pois, sem ela, não se poderá de modo nenhum criar uma nova sociedade. O de que gostais é que vos digam o que deveis fazer. O que realmente vos interessa é achar um caminho seguro; jamais pusestes em ação o vosso intelecto para descobrirdes a correta maneira de viver. Só sois capaz de repetir, mas, doravante, se realmente podeis fazer alguma coisa, essa coisa é: nunca repetir o que não sabeis, nunca fazer o que não compreendeis. Sabeis o que então sucederia? Deixaríeis de ser entes humanos de segunda mão. Afastaríeis para o lado todos os *gurus,* todos os livros religiosos, nunca seguiríeis pessoa alguma. Porque estaríeis então atuando com base nos fatos e não em suposições ou fórmulas. Experimentai, melhor, *fazei* isto, um dia: não repetir o que não compreendeis logicamente, racionalmente, não fazer o que vós mesmo não tiverdes provado

e achado verdadeiro. Veríeis, então, que vos achais em presença de realidades, e não de ideais, de fórmulas, de conclusões, que vos achais em presença de "o que é", em presença de *vós mesmo.*

Assim, vendo tudo isso, como ente humano que vive neste país supostamente tão espiritual — pois há nele tantos *gurus* — vendo tanta contradição em vós mesmo e no mundo, observando o universal sofrimento, desespero, agonia, solidão, desamor, insensibilidade, brutalidade, violência — perguntais, inevitavelmente, o que vos cabe fazer. A questão sobre "o que se deve fazer" é completamente sem importância. O relevante é saber observar os fatos, saber olhá-los, observar a maneira como vós mesmo, um ente humano, estais olhando esse tremendo e complexo problema da existência, essa complexa sociedade, a imoralidade de sua atual estrutura.

Não agir antes de compreender, antes de ter visto. Assim, precisais primeiro ver, observar, perceber. Ora, como é que percebeis? Se olhais o mundo como hinduísta, não estais então olhando os fatos, estais olhando com vossos preconceitos de hinduísta e, portanto, não os vedes. Se olho o mundo como comunista, estou apenas a olhá-lo de um certo ponto de vista, através de uma conclusão. Por conseguinte, sou incapaz de olhar este imenso problema do viver. Se sou muçulmano, hinduísta, e olho essa coisa extraordinária, que é o viver, de meu estreito ponto de vista muçulmano, hinduísta ou budista, não posso de modo nenhum observar a maravilhosa beleza da vida e suas complexidades. Assim, como é que olhais o viver? De vosso tradicional ponto de vista, do ponto de vista de um cientista, de um engenheiro, de adepto de determinada seita? Como o olhais? Vede quanto é absurdo ser hinduísta. Vendo a casa em chamas, todo o mundo em chamas, quereis apagar o incêndio como hinduísta, muçulmano, parse ou sabe Deus o que mais.

Assim, antes de perguntardes "Que posso fazer, eu, como ente humano, ante a loucura que assola o mundo?" — precisais compreender o que significa "olhar" — olhar o mundo. Ao olhardes este enorme problema da existência, deveis renunciar a toda espécie de divisão, pois o que interessa é compreenderdes o problema, e não o serdes hinduísta. Compreendeis? Se assim não fizerdes, continuareis a ser hinduísta, parse, budista, discípulo de algum *guru,* continareis a manter a divisão e, portanto, o conflito. Onde há conflito, há necessariamente dor, sofrimento e, portanto, não há amor. Está claro isto, pelo menos verbalmente? Isto é, intelectualmente podeis observar este fato, intelectual-

mente, verbalmente, podeis dizer "Compreendo que qualquer espécie de divisão produz inevitavelmente sofrimento" — mas a compreensão intelectual não produz ação nenhuma. O dizer-se "Intelectualmente estou de acordo com isso" — nada significa; mas, quando se vê que qualquer divisão acarreta inevitavelmente conflito, se vedes realmente este fato, segue-se a ação. Vosso interesse é, então, eliminar, em vós mesmo e na sociedade, toda espécie de divisão.

Ora, senhor, quando observais a vós mesmo, existe, em vós, o "observador" e a "coisa observada", não é verdade? — "vós", o censor, e "a coisa" condenada ou justificada. Se olhais o mundo como "observador" ou se olhais a vós mesmo condenando, justificando, explicando o que vedes, então há divisão, por conseguinte, conflito, por conseguinte, sofrimento. Assim, é possível observar, perceber, sem o "observador"? Compreendeis esta pergunta?

O observador, o pensador, a entidade que percebe, resulta do passado. "Vós", que observais vossa cólera, vosso ciúme, vossa ambição, vosso desejo de sucesso, etc. etc., "vós", que estais sempre a lutar, sois resultado do passado. O passado é o "observador", o "eu". Ora, podeis olhar sem o "observador", isto é, sem o passado? Ao sentirdes cólera, nesse momento preciso não há observador. O observador vem pouco depois. E, então, ele condena a cólera ou a aceita. O observador, pois, é o passado, o observador é o censor.

Ora, podeis olhar este imenso campo da vida sem o "observador"? Só assim se pode ver a totalidade da vida. Vou mostrar-vos como podeis vê-la sem o "observador". Comecemos por uma coisa muito simples. Quando olhais uma árvore, de que maneira a olhais, como a vedes? Vedes a árvore, não apenas com a percepção sensorial, mas também com vossa mente. Vossa mente criou a imagem da árvore. Dizeis: "Aquilo é uma palmeira, uma mangueira, etc." Assim, vosso conhecimento da árvore — o passado — interfere e vos impede de ver a árvore. Isto é muito simples. O conhecimento que tendes da árvore vos impede de ver a árvore. Ver a árvore significa estar em contato com ela, *não* identificado com ela, porém observando-a totalmente; e não podeis observá-la totalmente, se o passado interfere. Compreendeis?

É relativamente fácil olhar a árvore, porque ela não influi em vossa felicidade, em vossos desejos, etc. É puramente uma árvore, um objeto.

Assim, o passo imediato é observardes a vós mesmo em relação com outra pessoa; olhardes vossa esposa, marido ou amigo, sem "observador", isto é, sem a imagem que criastes acerca de vossa esposa ou vosso amigo. Estais-me seguindo? Porque isso de que estou falando vos levará a uma ação isenta de toda e qualquer contradição, uma ação que será total, completa, e, a menos que o compreendais, vossa ação será inevitavelmente contraditória e, portanto, causadora de conflito.

Ora, como se formam as imagens? Qual o mecanismo dessa formação de imagens? Tendes uma imagem de vossa esposa ou marido. Essa imagem se formou através de muitos anos ou de um dia. Tendes uma imagem de vossa esposa, e ela tem uma imagem de vós — imagens constituídas de tudo o que se passa em vossa vida em comum: prazeres sexuais, irritações, brutalidades... sabeis muito melhor do que eu como são as relações entre cônjuges. Como se formam essas imagens? Peço-vos observar isso em vós mesmo, sem levar em conta a explicação dada pelo orador; observai-o em vós mesmo, servindo-vos do orador como se ele fosse um espelho em que vos vedes refletido.

As células cerebrais estão continuamente registrando cada incidente, cada influência. São uma máquina gravadora. Se vossa mulher vos provoca, isso se registra; o mesmo acontece quando dela exigis alguma coisa e ela se irrita. O cérebro, pois, é uma máquina que está sempre, e conscientemente, registrando. Não tendes necessidade de estudar biologia ou psicologia ou qualquer livro científico, se sois capaz de vos observardes. Possuís o maravilhoso "livro de vós mesmo", no qual podeis aprender infinitamente. Assim, as "memórias" que, em vossa vida conjugal, se foram registrando através de anos ou dias, constituem as respectivas imagens: a imagem que vossa esposa tem de vós, e a que dela tendes. A relação entre essas duas imagens é o que chamais "relações conjugais". Por conseguinte, não há, de fato, relação nenhuma. Relação significa contato direto, percepção direta, compreensão direta, comunhão. Vede como funciona o mecanismo, ou seja: quando vos irritais com vossa mulher, ou quando ela vos provoca, a imagem se forma imediatamente, e essa imagem é conservada e se torna cada vez mais forte; é ela o fator da divisão. Por essa razão, há conflito entre vós e vossa esposa.

Pois bem; pode esse mecanismo, essa formação de imagens, deter-se, para que possais estar em contato com o mundo realmente e não através de uma idéia? Se há uma imagem a res-

peito do mundo ou de vós mesmo, ou de vosso vizinho, de vossa esposa, é inevitável a divisão. A imagem não se constitui apenas de irritações e provocações, mas também de fórmulas, conceitos, crenças. Ao dizerdes "sou indiano", formou-se uma imagem. Essa imagem vos separa de outra pessoa que diz "sou muçulmano, sou paquistanense". — Entendeis? As imagens não existem apenas entre pessoas, mas também entre as fórmulas que as criaram. Vê-se, assim, que as crenças separam as pessoas. Vós credes em Deus ou na reencarnação; outro crê exatamente o contrário: imagens! Dessarte, imagens, fórmulas, conceitos e crenças separam as pessoas e constituem a razão básica do conflito, tanto exterior como interior. Estais compreendendo isto, *não* intelectualmente, "cá, em cima", * mas no coração? Ao verdes a verdade e a beleza aí contida, fareis, então, algo de real, atuareis de maneira totalmente nova.

Nossa questão, pois, é: Como se formam as imagens, e como pode deter-se a formação de imagens? Já vos mostrei como se formam elas, e como o cérebro, que possui tantas outras faculdades e é capaz de realizações espantosas, de alcançar a Lua, de inventar maravilhas tecnológicas, tem também a faculdade de registrar, a cada instante, toda injúria, toda lisonja, todos os matizes de uma dada ação. Ora, pode essa "gravação" verificar-se sem interferir em nossas ações? Compreendeis esta pergunta? Vede primeiro como isso é lógico, e vereis depois a sua beleza.

Vós me insultastes ou lisonjeastes. A pessoa que me insultou, dela tenho uma imagem: não gosto dela; mas o homem que me lisonjeou, deste eu gosto, é meu amigo. A imagem se formou instantaneamente. Ora, pode essa formação de imagens cessar imediatamente? Não, mais tarde, porque, uma vez formada a imagem, é difícil nos livrarmos dela. Vou examinar ambas as coisas: a prevenção e a cura.

Primeiro, a prevenção: nunca formar imagem a respeito de nada. Quando alguém vos insulta, nesse momento estar totalmente atento. Compreendeis? Cumpre, pois, compreender o que significa "estar totalmente atento" no momento do insulto ou da lisonja. Que significa estar cônscio, objetiva, exteriormente cônscio das cores dos vários *saris* e vestidos que vedes em torno

---

(*) Ao pronunciar estas palavras, provavelmente K. levou a mão à cabeça (não intelectualmente, "cá, em cima", mas (cá embaixo) no coração. (N. do T.)

de vós? Se, ao perceberdes essas cores — azul, vermelho, rosa, etc. — dizeis "Gosto, não gosto", estais limitando o percebimento. Estar cônscio sem essa limitação, sem dizer "gosto" ou "não gosto", sem condenar ou justificar, é estar cônscio sem "motivo" algum, sem nenhuma escolha, é estar cônscio da coisa total. Ora, quando vos insultam ou lisonjeiam, se nesse momento prestais "atenção completa", vedes que não se forma imagem nenhuma. Que sucede, então? Atenção significa ausência total do "observador", do "censor" que diz "gosto, não gosto". Está-se simplesmente atento.

Atenção não é concentração; não vou examinar a fundo o problema da concentração. Ao prestar-se aquela atenção isenta de escolha, isenta de observador, não há nenhuma formação de imagens. Agora, escutai: Estais totalmente atento ao que se está dizendo? Estais ouvindo com "atenção completa", ou estais escutando parcialmente? Estais escutando totalmente, com o coração, com a mente, com os nervos, com todo o organismo, escutando "psicossomaticamente", completamente? Se estais escutando dessa maneira, podeis ver que não tendes nenhuma imagem deste orador. Compreendeis? Pois bem; a primeira vez que vossa esposa ou vosso amigo disser algo de agradável ou de desagradável, prestai toda a atenção, para evitardes a formação de imagens; assim, vossa mente se tornará livre.

Ser livre significa ver as coisas claramente, puramente, sem deformação alguma. Só então a mente verá a Verdade, e não as imagens que criastes em torno da Verdade. E isso é uma coisa que podeis fazer instantaneamente.

E, agora, que ides fazer com todas as imagens que até agora acumulastes sobre vossa pátria, sobre vossos líderes políticos e religiosos, que ides fazer com vossas teorias? Sabeis como vossa mente anda carregada de fórmulas, teorias, opiniões, juízos. Que ides fazer com tudo isso? Decerto, não investigastes esta questão, não tendes refletido sobre nenhuma dessas coisas. Preferis ler o *Gita,* os *Upanishads,* e repetir o que ledes, ou freqüentar reuniões onde se fazem comentários sobre eles. Já pensastes nisto: passar toda a vida nutrindo-se das palavras de outrem? Ora, que ides fazer com toda a vossa "coleção" de imagens, crenças, fórmulas? Porque isso tudo é o que sois; compreendeis?

Vós sois a fórmula. Pensais ser grande ou pequeno, ser *Atman,* ser isto, ser aquilo. Vós sois o passado, compreendeis? O passado vos está dirigindo — as imagens trazidas do passado,

o conhecimento trazido do passado. Descobrimos, assim, uma coisa muito interessante, ou seja que todo conhecimento é o passado, todo conhecimento tecnológico vem dele, e esse passado se "projeta", modificado pelo presente, no futuro. Assim, vós como entidade sois o passado, pois o passado são vossas "memórias", vossas tradições, vossa experiência. Acabamos de ver, pois, que o "vós", o "eu", o "ego", "superego", *Atman* — tudo é o passado. Ora, o conhecimento, ao qual podeis adicionar ou subtrair alguma coisa, é o passado. Podeis, naturalmente, aumentá-lo, alterá-lo, mas a base é sempre o passado. Assim, o conhecimento que tendes de vós mesmo é o passado. Vós sois o passado. Por conseguinte, sendo vós o passado, há divisão em passado, presente e futuro — o que fostes, o que sois, e o que sereis, tudo em função do conhecimento, e isso significa que vosso Deus já é conhecido, de outro modo não teríeis Deus. Percebeis?

O conhecimento é absolutamente necessário, do contrário não poderíeis voltar a casa, não poderíeis falar inglês e entender-vos mutuamente. Conhecimento é o passado, conhecimento é a memória de "experiências" que o cérebro acumulou através de séculos. O conhecimento, portanto, é necessário, mas, também, se torna um empecilho nas relações, na relação entre seres humanos. Vede o problema, a beleza do problema: necessitais do conhecimento para poderdes "funcionar", e vedes também que o conhecimento, ou seja o passado, a imagem que formastes, impede as relações.

Estamos, pois, perguntando como é possível não deixar o conhecimento (acumulado que foi, através de séculos, pelo cérebro) interferir nas relações. Porque "relação" é a coisa mais importante que há. Nela se baseia nossa conduta social, nossa sociedade, nossa moralidade, tudo nela se baseia, e não há relação se existe imagem, conhecimento. Que podeis fazer, sabendo que necessitais do conhecimento, e que o conhecimento impede as relações?

Agora, se chegastes até aqui, se seguistes tudo o que se disse, desde o começo, podeis ver que vossa mente se tornou sobremodo sensível e, portanto, inteligente. E essa inteligência é que impedirá a interferência da imagem nas relações, e não vossa vontade, não o dizerdes "devo, não devo". Só a compreensão não verbal ou intelectual desse "processo", a compreensão real, com o coração, com o cérebro, com todas as faculdades, só essa compreensão vos fará ver o verdadeiro. Ao ver-se que o conhe-

cimento é necessário e que ele interfere nas relações, porque o conhecimento é a imagem, a mente se torna sobremodo flexível e sensível, e essa sensibilidade, que é a mais alta forma da inteligência, impedirá a interferência das imagens, como conhecimento, nas relações. Percebestes bem? Percebei-o, por favor, e começareis a viver uma vida completamente diferente. Afastareis, então, para sempre, toda separação entre vós e outro homem. E, assim, o passado, que é conhecimento, que é experiência acumulada e absolutamente necessária, se tornará completamente irrelevante nas relações.

O amor, por certo, não é uma idéia, não é uma imagem, não é cultivo da lembrança de uma pessoa que pensais amar. O amor é em cada minuto uma coisa totalmente nova, porque ele não é cultivável, não é resultado de esforço, de tensão, de conflito. Vede, senhor (se estais ouvindo atentamente o que se está dizendo), essa atenção é amor. Do contrário, há divisão da atenção e, portanto, conflito. Quando há amor, não há conflito, porque o amor não é uma estrutura formada pelo "fabricante de imagens".

Assim, o homem que deseja viver em paz consigo e com o mundo deve compreender toda a estrutura do conhecimento, do conhecimento de si próprio e do mundo, conhecimento que é o passado, pois a mente que vive no passado não é a mente verdadeira. É uma mente morta, estática. Foi isso que aconteceu neste país. Vós viveis das experiências de outros, e o *Gita,* e os *Upanishads,* e o vosso *guru,* são os causadores de vossa destruição. Vede isso, por favor, vede que não sabeis servir-vos desse maravilhoso instrumento que é o vosso cérebro. Dele fazeis uso tecnologicamente, como engenheiro, dele fazeis uso para conseguirdes emprego, dele vos servis para enganar vosso próximo nos negócios; mas não quereis usar o vosso cérebro para compreenderdes as relações humanas, que constituem a base do comportamento social. Se não o usardes, vossa busca de Deus, vosso desejo de Verdade, nada significam. Podeis sair atrás de todos os *gurus,* que nunca descobrireis a Verdade, nunca vos encontrareis com ela. Porque vós tendes de aprender e precisais de uma mente sensível, clara, objetiva, sã, sem medo.

Quereis perguntar alguma coisa? Já se está fazendo tarde.

INTERROGANTE: Que é o amor?

KRISHNAMURTI: Que é o amor? O amor não é coisa que se possa definir... mas, senhor, continuai a escutar, por mais dois

minutos apenas, que já vou acabar. É necessário fazerdes perguntas, não só ao orador, mas também a vós mesmo, o que é muito mais importante — para descobrirdes porque credes, porque tendes fórmulas, porque seguis vosso *guru,* vossos livros, vossos líderes, porque credes em Deus, porque vos tornastes tão embotado, tão insensível, tão indiferente a tudo, exceto vossa vaidade pessoal e a aquisição de dinheiro. A menos que façais perguntas a vós mesmo, e por vós mesmo descubrais as respostas corretas, pouco importa fazerdes perguntas ao orador. Mas, ao fazerdes perguntas ao orador, compartilhai com ele a questão, examinai-a junto com ele. Então, a compreensão que daí virá não será "vossa compreensão", será *compreensão, não* compreensão pessoal. A inteligência não é pessoal, e nisto é que consiste sua beleza.

Bombaim, 7 de fevereiro de 1971.

PODEMOS SER INTERIORMENTE LIVRES?

(Bombaim – XIII)

HÁ muitos assuntos para considerarmos conjuntamente. Um deles é a liberdade. Esta é uma matéria realmente importante, que cumpre examinar detidamente, pois precisamos descobrir se a mente pode tornar-se livre ou se é uma eterna prisioneira do tempo.

Pode a mente, neste mundo em que vivemos, atender adequadamente aos numerosos problemas de cada dia — desejos contrários, influências e elementos opostos uns aos outros, e todas as contradições de nossa vida, com as respectivas torturas e passageiras alegrias — pode a mente tornar-se livre, não apenas superficialmente, mas profundamente, nas raízes mesmas de nossa existência? Pode o homem, já que vive nesta complexa sociedade em que se vê obrigado a ganhar o sustento, a manter, talvez, uma família, a competir, a adquirir — pode o homem ultrapassar esse estado (não em troca de uma abstração, de uma idéia, fórmula ou conceito sobre a liberdade), ser realmente livre?

"Estar livre *de* alguma coisa" é uma abstração, mas, *ser livre* é ser capaz de observar "o que é" e de ultrapassá-lo. Não vos mostreis perplexos, mas, primeiro, deixai-me sugerir-vos que fiqueis simplesmente escutando, sem aceitar nem rejeitar, escutando com a necessária sensibilidade, sem tirar conclusões, nem assumir atitudes de reação ou defesa, nem resistir, nem traduzir o que estamos dizendo em vossa linguagem própria.

Ficai escutando, como estais ouvindo aqueles corvos, que ali estão a fazer barulho, a esvoaçar, em busca de uma árvore onde passarem a noite sem ser perturbados, sossegadamente.

Tendes de ouvir tal barulho sem um meio de impedi-lo, pois não podeis mandá-los calar-se. Desse mesmo modo, ficai escutando o que se está dizendo. Mas, se resistis aos ruídos que os corvos estão fazendo, se dizeis: "Eu quero escutar o que se está dizendo, mas os corvos estão fazendo uma bulha infernal" — esse próprio resistir nega-vos a liberdade de escutar.*

Assim, se voz apraz, escutai não apenas as palavras com seus respectivos significados, mas também procurai compreender o "valor intrínseco" da palavra "liberdade". Isto é, nós vamos compartilhar esta questão, vamos viajar juntos, investigar juntos, compreender juntos o significado de "liberdade"; vamos descobrir juntos se vossa mente (ou cérebro), nutrida no tempo, evolvida através do tempo, condicionada por diferentes culturas, e que acumulou milhares de experiências — vamos descobrir juntos se essa mente pode ser livre, não segundo um certo conceito utópico ou religioso sobre a liberdade, porém na vida real, neste mundo confuso e contraditório. Pode a mente, vossa mente, tal como a conheceis, como a tendes observado, tornar-se, não apenas na superfície, mas interior e profundamente — totalmente — livre? Porque se nós mesmos não soubermos responder a esta pergunta ficaremos, para sempre, vivendo na prisão do tempo, do tempo que é passado, que é pensamento, que é sofrimento. Assim, a menos que descubramos essa resposta, continuaremos a viver, em perpétuo conflito e sofrimento, na prisão do pensamento. Não sei o que pensais a respeito desta questão — não o que dizem vossos instrutores religiosos, vosso *Gita,* vosso *Upanishads,* vossos *gurus,* mas o que *vós* pensais, o que *vós* dizeis — que é muito mais importante do que o que dizem todos os livros juntos. Isto significa que vós mesmo tendes de descobrir a Verdade acerca desta questão, sem repetirdes jamais o que outros disseram, porém, primeiramente, investigando, provando, verificando o que vós pensais, o que vós vedes, e não o que outros disseram. Desse modo, estais livre de toda e qualquer autoridade.

Como disse, tende a bondade de ficar escutando. E, escutando, agi, isto é, vede o que é verdadeiro. Nós temos de depender do conhecimento científico, das experimentações de outrem, das acumulações feitas por outros, de conhecimentos matemáticos,

(*) Isto é, vos impede de escutar *livremente* (o orador, os corvos, qualquer som). (N. do T.)

geográficos, científicos, biológicos, acumulados por outros. Isso é inevitável. Se quereis ser engenheiro, necessitais dos conhecimentos coligidos por outros sobre matemática, estruturas, pressões, etc. Mas, se desejais descobrir o que é a verdade, se ela existe, não podeis de modo nenhum aceitar o saber acumulado por outros, as coisas ditas por outros; e é isso o que fazeis: estais repletos do saber dos vossos livros sagrados.

O importante é o que pensais, e como viveis. E, para verdes como viveis, como agis, o que fazeis, tendes de rejeitar todo o saber dos especialistas, todas as lições dos profissionais sobre "como viver". Compreendei isso, por favor. Liberdade não é licença. * A liberdade é necessária à mente humana, para que funcione racional, normal, sãmente. Como disse, "estar livre de alguma coisa" — da cólera, do ciúme, da agressividade — é uma abstração e, por conseguinte, irreal. O homem que, de si para consigo, diz: "Preciso ficar livre da cólera ou do ciúme", não se torna um homem livre; mas, se ele diz: "Quero observar o fato que é a cólera, ver o que ela realmente é, compreender-lhe toda a estrutura", então, nessa observação direta, feita por ele próprio, e não pelo cultivo do "oposto", vem a liberdade.

Cultivar a coragem quando não se é corajoso, não é libertar-se da covardia; mas, compreender a natureza e estrutura da covardia, em vez de tentar reprimi-la ou transcendê-la, é ficar livre da covardia. Entendeis? Isto é, a percepção direta, e não o cultivo do oposto, é liberdade. O cultivo do oposto exige tempo.

Sou ávido, suscetível, ambicioso, competidor; sendo ávido, minha reação "cultural" é querer tornar-me "não ávido", porque os livros e os *gurus* dizem que é isso que se deve fazer. Minha reação, pois, é "tornar-me não ávido", esforçar-me para não ser ávido. "Eu sou — eu não devo ser." O "não devo ser" implica tempo. Entre "o que é" — sou ávido — e o que "deveria ser", existe um intervalo de tempo. Nesse intervalo, muitos fatores sobrevêm e, por conseguinte, a mente nunca fica livre da avidez; já a percepção direta do fato que é a avidez — e não o descobrimento de sua causa, nem a explicação ou justificação ou rejeição da avidez — a simples observação, sem nenhum movimento de pensamento, liberta-a da avidez.

(*) Cf. Dic. Jayme Seguier: "A licença destrói a liberdade." (N. do T.)

Vede, senhor, vós viveis cheios de fórmulas, não é verdade? — conceitos, princípios, crenças, ideais. Exigis uma finalidade, um alvo, uma meta para alcançar, atingir, não? Observai isso em vós mesmo. Tendes crenças, alvos, propósitos, conclusões. Ora, vós estais vivendo, num mundo confuso, uma vida confusa; estais vivendo uma vida contraditória e desejais alcançar a claridade, o esclarecimento. Assim, entre o que sois e o que desejais alcançar existe um intervalo de tempo. Entre o que sois e os princípios, as conclusões, os conceitos que tendes, há um intervalo de tempo. Nesse intervalo, surgem outros fatores e influências e, por conseguinte, nunca alcançareis o que desejais, nunca tereis Liberdade. Conseqüentemente, ao compreenderdes que as conclusões, as fórmulas, as crenças, os ideais, por vos prenderem ao tempo, não vos dão liberdade, rejeitais completamente todas essas coisas. Resta-vos então, apenas, "o que é", ou seja vossa avidez. Pois bem; ver a avidez, totalmente, significa não tentar dominá-la, não tentar explicá-la ou justificá-la, mas, simplesmente, observá-la. Ouvindo a gritaria dos corvos, nada fazeis. Do mesmo modo, escutai o que se está dizendo, observai o fato — a avidez em vós existente — e com ele "ficai", e isso significa que o "observador" se torna a "coisa observada", o observador *é* a coisa observada, e não uma entidade separada da coisa a que chama "avidez"; podeis, então, vê-la totalmente. Essa percepção é a completa libertação da avidez. O observador é o passado, o observador é o conhecimento acumulado que diz não deverdes ser ávido, ou justifica a avidez. Pode, pois, a mente observar sem o "observador"? Assim observando e percebendo, tem ela a total compreensão da liberdade.

Vede, sem uma mente livre não se pode viver em ordem; vive-se em desordem, tanto externa como internamente. Tentais criar ordem, mas isso que tentais criar e chamais "ordem" está dentro do campo da desordem. A mente, pois, necessita de ordem, e a ordem total é liberdade total. Vou considerar esta questão da ordem. Portanto, escutai, por favor, com vosso coração, porque se trata de vossa vida. Vede, realmente e não teoricamente, que vossa vida é desordenada, contraditória, que pondes máscaras diante de vosso *guru*, diante de vosso político, diante de vossos superiores, que sois dissimulados, hipócritas, sem o mais leve toque de amor, de consideração, de beleza. Eis a vossa vida. Nessa vossa vida há enorme desordem, e a mente, o cérebro, percebe que precisa viver em ordem; e ainda que a

mente seja neurótica, em sua própria neurose ela busca a ordem. Senhor, já notastes que, quando conheceis bem um ofício mecânico, tecnológico, vossa mente, vosso cérebro funciona com desembaraço, quase mecanicamente? Isso denota que o cérebro necessita de perfeita ordem para funcionar. Estais percebendo, não?

O cérebro necessita de proteção, ordem, necessita de absoluta segurança, para funcionar adequadamente. Pensa ele que funcionará adequadamente se tiver uma conclusão; vendo tanta desordem em torno de si, sente necessidade de uma crença, um princípio, uma conclusão, na qual espera encontrar a ordem, a segurança. Por essa razão, está sempre a lutar para achar a ordem, seja numa ilusão, seja numa autoridade, na experiência de outrem, numa conclusão. Ele busca a ordem; mas essa busca, esse empenho em encontrar a ordem numa ilusão cria conflito, e desse conflito ele foge — para outra ilusão. Como vemos, a mente, o cérebro, está sempre a buscar a ordem, porque, na ordem, encontra segurança. Quanto mais impecável a ordem, maior a segurança, maior a capacidade de funcionar. Busca também a ordem no nacionalismo — uma coisa desastrosa, fomentadora de guerras; busca a ordem no seguir a autoridade, na obediência, criando, desse modo, conflito entre "o que é" e o que "deveria ser". E busca também a ordem na moralidade, na moralidade social, que, por sua vez, produz desordem e contradição. Busca a ordem no saber, e o saber é sempre o passado, de modo que o passado se torna sumamente importante.

Não é isso que quereis — segurança, ordem? Há desordem completa, política e religiosamente, na família, em todos os sentidos. E a mente, o cérebro foge dessa desordem para aquilo a que chama "o ideal", ou para um *guru* que promete "esclarecimento". A ordem, pois, só pode ser achada, só pode vir, natural e espontaneamente, quando se compreende a desordem, quando compreendeis a desordem de vossa vida, e não a maneira de transcender ou de dominar a desordem. Ao compreenderdes a natureza e estrutura da desordem, vem a ordem. A liberdade, pois, é ordem, ordem completa, e essa ordem só pode vir pela compreensão da desordem, e não pelo buscar a ordem. Se buscais a ordem, ela se torna um princípio, uma idéia, uma fórmula; mas, se tratardes de compreender totalmente a desordem de vossa vida, da vida de cada dia, dela não fugindo ou tentando escondê-la ou dominá-la, porém observando-a, com vossa mente,

com todo o coração, virá daí uma ordem maravilhosa, viva, dinâmica...

Desejais fazer perguntas? Antes de fazerdes qualquer pergunta, compreendei que a fareis a vós mesmo, e nós dois iremos achar a resposta. Não ireis fazer uma pergunta e esperar que o orador responda; iremos, juntos, compartilhar a questão. Isso é afeição, é zelo, é amor — compartilhar, em vez de aguardar a resposta da autoridade. Quando quereis a resposta da autoridade — do *guru,* do livro, etc. — não estais buscando a Verdade, mas, sim, a confirmação de vossas conclusões. Mas, se fazeis a pergunta, por mais trivial que seja, *a vós mesmo,* então, no exato momento de a fazerdes, em voz alta, estamos compartilhando a questão. Ela se torna um problema *comum.* O que é comum é transmissível e, portanto, podemos compartilhá-lo, e nesse compartilhar há grande beleza.

INTERROGANTE: Falta-me energia para estar cônscio de meus problemas, e resolvê-los.

KRISHNAMURTI: Como é que se cria energia? É esta a questão, não? E nós a estamos compartilhando. Eis um problema sobremodo complexo. Em primeiro lugar, impende compreender o que é energia. Nós dividimos a energia em inúmeros fragmentos: energia para executarmos nosso trabalho, energia para escrever uma poesia, energia para se ser um verdadeiro cientista. Necessitais energia para compreender, e a compreensão, por sua vez, foi fracionada, dividida em compreensão intelectual, compreensão verbal, etc. Dividistes vossa energia em energia sexual e energia moral. Vossa energia está toda fragmentada.

O homem fragmentou sua energia. Este é um fato observável na vida de cada um. No escritório sois uma coisa, e coisa diferente em casa. Dizeis uma coisa, pensais outra, e fazeis outra. Se sois rico, quereis ser adulado, se sois pobre, tendes medo. E assim por diante — uma constante fragmentação da energia. Quando se fragmenta a energia, há conflito.

Observai isso, senhor, em vós mesmo. Há conflito ao dividirdes vossa vida em vida política e vida profissional, ao vos separardes como cientista, político, cozinheiro, etc. Se fracionais a vida, há inevitavelmente conflito. E o conflito dá cabo de vossa energia. Resistir é desperdício de energia; fugir de "o que é" é desperdício de energia. Quando seguis o *guru* e quereis fazer o que ele manda, há conflito; e há conflito entre o que

sois e o que *deveríeis* ser. E onde há conflito, isso significa divisão e, por conseguinte, luta, dor, medo. Portanto, onde há conflito, há desperdício de energia. E o conflito é inevitável quando há fracionamento da energia. Quando não viveis uma vida totalmente harmoniosa, desperdiçais energia. Ao dizerdes que, para achardes Deus, precisais ser celibatário, e ficais empenhado numa batalha interior, reprimindo, contendo, disciplinando, controlando o desejo, vossos impulsos sexuais, vossa sensualidade — há contradição, contradição entre o que pensais ser o caminho da Realidade, e o que de fato *é*. Nessa contradição há conflito, e esse mesmo conflito é um total desperdício de energia. Cumpre-nos, pois, descobrir uma maneira de viver em que possamos ser castos, incorruptos, sem termos nenhuma espécie de conflito.

Pois bem; todos nós temos sofrido na vida, não apenas dores físicas, mas os mais atrozes tormentos, pungentes angústias, desgostos, desespero. Essa coisa chamada "sofrimento", todos nós já a experimentamos, todos nós a conhecemos. E dela fugis, ou chamando-a *karma,* ou buscando-lhe a causa, ou buscando refúgio em templos, igrejas, orações, reuniões — sabeis de tudo o que fazemos para fugir a essa coisa terrível chamada "sofrimento". Bem; que acontece? Aí está o sofrimento, e dele tratais de fugir, ligando o rádio, buscando os prazeres do sexo, buscando Deus, etc., e nessa fuga ao que *é* há contradição e, por conseguinte, conflito. Neste, há desperdício de energia, ao passo que, se a mente ficasse "a sós" com o sofrimento, em vez de fugir ou de resistir, se ficasse inteiramente a sós com ele, veríeis então que, da percepção que há no "estar só", vem aquela extraordinária energia capaz de transformar o sofrimento em paixão (*não* desejo carnal), em "intensidade", energia que nenhum livro, nenhum *guru,* nenhum instrutor pode dar.

INTERROGANTE: Pode-se achar Deus mediante a observação?

KRISHNAMURTI: Não entendo bem esta pergunta, mas parece-me que o interrogante quer saber se podemos buscar Deus, ou se, pela observação da natureza, do homem, das belezas da Terra, da beleza de uma nuvem, de um rosto, de um riso de criança — se, pela observação dessas maravilhas da vida, se pode achar Deus. É isso que estais perguntando, senhor?

Se buscais Deus, jamais O achareis. Compreendeis? Jamais achareis Deus, se olhais a beleza da Terra, a luz refletida na água, os claros contornos da montanha, com a intenção ou a

esperança de achá-Lo. Jamais achareis Deus, porque ele não pode ser "achado" por meio de coisa alguma, — nem de sacrifícios, nem de devoções, nem de meditação, nem de virtude. Nunca o alcançareis, porque vosso "motivo" é inteiramente falso, e porque quereis achá-lo, não em vosso viver, mas noutra parte.

Em primeiro lugar, cumpre-vos estabelecer relações corretas com os outros homens, quer dizer, precisais saber o que significa amar, ser compassivo, o que significa ser generoso, quando possuís muito ou dividis com outro o pouco que tendes; precisais estabelecer essa ordem maravilhosa em vosso viver diário. E, uma vez estabelecida essa ordem, que é liberdade, cessa toda busca.

Na palavra "busca", muitas coisas se subentendem. Quando "buscais", esperais achar alguma coisa, mas, se a achais, como podeis saber que é a Verdade? Todos quereis achar ou experimentar a Verdade. Só falais em "busca". Escutai isto, por favor: No buscar se subentendem várias coisas. Há a "entidade que busca" e "a coisa buscada". Quando a entidade que busca acha o que ela pensa ser a Verdade, ser Deus, deve ser capaz de reconhecê-lo, não achais?

"Reconhecimento" implica conhecimento prévio. Eu não poderia reconhecer-vos se não vos conhecesse de antes. Por conseguinte, quando digo que a coisa que acho é a Verdade, isso significa que eu já a conhecia; por conseguinte, essa coisa não é a Verdade. Assim, o homem que busca a Verdade vive hipocritamente, porque a sua Verdade é "projeção" de sua memória, de seus desejos, de sua intenção de achar uma coisa diferente de "o que é" — uma fórmula. "Buscar", pois, implica dualidade, a entidade que busca e a coisa buscada, e na dualidade há sempre conflito e, portanto, desperdício de energia. Assim, se buscais Deus, jamais O achareis.

O Deus por vós inventado não é Deus. A coisa feita pela mão, a imagem do templo, não é Deus, e também a coisa "feita" por vosso pensamento não é Deus. E é disso que viveis: da imagem feita pela mão ou pela mente.

Mas, se realmente desejais investigar se existe ou não uma realidade atemporal, fora do campo do pensamento, cumpre-vos, então, compreender a natureza do pensamento. Mas, se meramente perguntais "Posso achar Deus?", podeis achá-Lo, porque o que desejais achar, achareis, mas não será a Verdade, não será o Real.

O importante, pois, é compreenderdes "o que é" — vossa vida — essa vida trivial, fútil e insignificativa que estais vivendo.

Se puserdes em ordem a vossa vida, tereis liberdade completa, total, e a mente será capaz de ver "o que é".

Bombaim, 10 de fevereiro de 1971.

AS DUAS FACES DO PENSAMENTO

(Bombaim – XIV)

A meu ver, só há uma questão fundamental: Como viver neste mundo (apesar de suas complicações) com inteligência, equilíbrio, com grande afeição e beleza; viver uma vida profunda e significativa, sem conflito, com liberdade e alta inteligência? Se pudéssemos responder a esta pergunta, não apenas verbal ou intelectualmente, se pudéssemos fazê-la a nós mesmos e por nós mesmos descobrir uma nova maneira de viver, tal seria, no meu sentir, a coisa mais importante de todas. Se pudéssemos viver numa relação correta com os nossos semelhantes, numa relação harmoniosa, racional, compreensiva — em vez de, meramente, nos tornarmos *sannyasis,* aceitarmos as últimas extravagâncias, praticarmos certas penitências, danças e cantos, * e outras coisas mais que hoje se estão fazendo; se encontrássemos uma maneira de viver com abundância de amor, inteligência e beleza, então talvez fôssemos capazes de descobrir por nós mesmos, sem influência de ninguém, se alguma coisa existe fora do tempo, fora do campo da luta cotidiana.

Bem poderíamos, nesta tarde, dedicar toda esta hora a descobrir como viver — viver com verdadeira compreensão e senso de beleza, e sem nenhum conflito em nossas relações. Daí, então, talvez pudéssemos prosseguir e descobrir, por nós mesmos, o que é meditação e se existe uma coisa que possamos chamar "Verdade", "Realidade". Mas, antes, temos de lançar a base correta — não a base ditada por outrem, por mais sábio ou "experiente" que ele seja. Se pudéssemos lançar essa base, teríamos um mundo

(*) O A. se refere a certos rituais do passado (aludidos em palestra anterior), que se está tentando restabelecer na Índia. (N. do T.)

diferente — não um mundo utópico, ideológico, e sim um mundo são, em que não haveria guerras, em que não haveria divisão entre os que "sabem" e os que "não sabem", entre os que se fazem passar por "iluminados" e os que buscam a "iluminação", entre os que afirmam que há Deus e os que afirmam que não há. Vejamos, pois, se temos possibilidade de alterar fundamentalmente nossa maneira de viver.

Em primeiro lugar, cumpre-nos olhar o campo inteiro da existência, este nosso viver que não inclui apenas o ganho do sustento, mas também os problemas do conflito, da dor física e moral, do crescente sofrimento, da coisa que chamamos amor, da alegria, do medo, do prazer, da ansiedade; e, também, compreender o que significa morrer — viver-morrer: esse todo, e não apenas um fragmento dele. Eis porque é necessário olharmos, observarmos todo o campo de nossa existência, e não simplesmente um canto dele, como, por exemplo, o problema de ganhar a vida: considerarmos, juntos, o fenômeno total da existência, que inclui todas as coisas, sem tratarmos, meramente, de fugir para uma dada ilusão. Na vida que atualmente levamos, estamos divididos em numerosos fragmentos — os bons, os maus os ávidos, os ambiciosos, os que sofrem e os que buscam a compreensão ou a fuga ao sofrimento. Essa fragmentação não existe apenas interiormente, mas também exteriormente. Nós somos todos esses fragmentos, porque nós somos o mundo, e o mundo é nós; a sociedade se compõe de nós e, embora nela aprisionados, dela fazemos parte; nós a construímos e, por conseguinte, cabe-nos compreender, em seu todo, o fenômeno da existência.

Dessarte, em primeiro lugar devemos, cada um de nós, olhar nossa vida — nossa própria vida, e não a vida de um certo santo, nem uma vida descrita em algum livro, nem a vida de vosso *guru* predileto ou a vida que vós mesmo desejais viver; temos de olhar a vida real de cada dia, em que há tanta monotonia e tédio, solidão e medo, agressividade, violência, prazeres sexuais, alegria, aceitação impensada, imitação, obediência; tudo isso constitui a nossa vida diária. Esta é que temos de compreender e, no próprio movimento dessa compreensão, ver se temos possibilidade de nela efetuar uma radical transformação, de pôr fim a todo o sofrimento nela existente, de libertar-nos do medo, de, por nós mesmos, descobrir o que significa amar e, por fim, considerar esta coisa que tantos de nós tememos: a morte. Esse todo é nossa vida.

Assim, cabe-vos olhar, primeiramente, o que realmente *é*, olhá-lo sem medo e sem nenhum sentimento de desespero ou de esperança. Em primeiro lugar, tendes de olhar "o que é". Sois capaz de olhar a vossa vida? Peço-vos o favor de escutar. Olhai vossa própria vida; se o fizerdes, vereis que há nela muita luta, descontentamento, obediência, medo, busca de prazer. Não vedes isto: que vossa vida, como a estais vivendo, se compõe de ansiedade e medo (consciente ou inconsciente), que há nela um extraordinário sentimento de solidão e infinito tédio; e que, na impossibilidade de alterá-la, dela fugis, freqüentando os templos, lendo o *Gita* ou ouvindo comentários sobre o *Gita,* feitos por profissionais, ou aceitando o que dizem os *gurus?* Aí está, pois, a vossa vida. Há possibilidade de alterá-la integralmente, não apenas suas circunstâncias externas, mas também sua estrutura íntima, que criou a estrutura externa? É possível alterar radicalmente vossa natureza psicológica? Senão, nunca tereis energia; mas, se puderdes alterá-la, tereis energia em abundância. Ora, já concluímos ser impossível qualquer alteração, que não temos possibilidade nenhuma de nos transformarmos totalmente. Já nos habituamos a viver com medo, a sofrer, a esconder-nos * de nossas secretas tribulações. Consideramos, pois, a vida, como uma coisa que não se pode transformar e, por essa razão, evitamos esse problema central.

Nesta tarde vamos averiguar se podemos transformar a nossa vida — como quer que sejamos, intelectuais ou emotivos, ou medíocres, com pontos de vista vulgares sobre o todo da vida. Vamos investigar isso *juntos;* vós sabeis o que significa essa palavra, não? Quando estamos investigando juntos, cada um de vós tem de participar na investigação; deveis estar também seriamente disposto a descobrir, por vós mesmo, se podeis transformar-vos. Essa transformação só pode verificar-se quando se está em relação; não podeis isolar-vos para tentardes resolver os vossos problemas. Eles só podem ser resolvidos se vos achais em relação, porque só no estado de relação podem descobrir-se todas as vossas tribulações e aflições, toda a vossa confusão. Vamos, pois, investigar *juntos,* porque se trata de nosso problema, de nossa aflição, e porque se trata desta vida que nos cumpre viver com alegria, fruindo as belezas da natureza, e não num perpétuo estado de sofrimento, confusão e aflição. Cabe-nos,

(*) Isto é, "fugir". (N. do T.)

pois, resolver este problema *juntos,* quer dizer, em relação uns com os outros.

Ao vos observardes interiormente, não descobris dois princípios ativos: o medo e o prazer? Não vedes que o prazer assume formas diferentes — ora é busca de Deus, ora desejo de ser pessoa importante, politicamente ou a outros respeitos? E não vedes também em ação, dentro de vós mesmo, o princípio do medo? Temos, pois, estas duas coisas. De uma, o prazer, queremos *mais,* da outra, o medo, queremos *menos.* Ora, neste momento, sentado neste salão e ouvindo esta palestra, não estais sentindo nenhum medo; podereis senti-lo mais tarde, após vos retirardes. Embora, no fundo, ele sempre exista latentemente, não podeis provocá-lo, a fim de observá-lo. Não podeis dizer: "Vou ficar com medo, para olhar esse estado"; mas podeis, pela compreensão do apego, compreender o que significa "ter medo". Como dissemos, o medo e o prazer constituem nossos principais movimentos — movimentos contraditórios, em nossa vida; e porque, inconscientemente, tendes medo, vos tornais apegado, dependente de alguma pessoa — vossa mulher, vosso marido, ou vosso *guru.* E quando dependeis de outra pessoa psicologicamente, interiormente, e nela buscais consolação, amparo, por causa dessa dependência precisais possuir a pessoa, dominá-la ou submeter-vos ao seu domínio. E, ao observardes que sois dependente, podeis perceber que a fonte dessa dependência é o medo — medo de estar só, medo de errar, de não seguir o caminho certo, medo de ficar sem a consolação, sem a companhia de alguém, de não poder amparar-se em ninguém. Assim, por meio da dependência, podeis, neste momento, aqui neste salão, descobrir que realmente *estais com medo.* Sem precisardes provocar o medo, descobris que, basicamente, tendes medo. Estamos em comunhão? Estar em comunhão, como já dissemos, é compartilhar um problema de interesse *comum.* Nosso problema comum é este. Outrossim, quando dependeis de uma pessoa, não há só medo, mas também, inevitavelmente, ciúme, ansiedade.

Eis, pois, o que a dependência implica. Ora, temos possibilidade de libertar-nos dessa dependência? Porque, em geral, nós gostamos de ser possuídos. Já não notastes isso? Gostamos de pertencer a alguém, de pertencer a um grupo, de comprometer-nos a seguir um certo padrão de ação, para termos o sentimento de estar vivendo virtuosamente. Deste modo, observando bem a dependência, podeis ver, por vós mesmo, que na

base dela está o medo. Somos, assim, levados a perguntar: Temos possibilidade de libertar-nos desse medo, não apenas do medo e da dependência superficiais, existentes nas relações, mas do medo profundamente radicado em nós? Estais fazendo junto comigo esta pergunta? Isto é, podeis vós, como ente humano, libertar-vos completamente do medo? Porque, se um homem teme, faz as coisas mais irracionais que se podem imaginar. Com medo, um homem está como que desequilibrado, num estado de neurose e, portanto, incapacitado de pensar com clareza, de observar com exatidão. Já não notastes que o medo torna a vida sombria, opressiva, uma carga insuportável, uma tortura? E, não sabendo dissolvê-lo, fugis mediante os maiores absurdos.

Há o medo à dor física. Há anos, ou dias, sofrestes dor física, dores lancinantes ou superficiais. A dor que sofrestes há dois anos ou há dois dias deixou, em vosso cérebro, a marca, isto é, a "memória" dela, e não desejais que ela retorne. Que sucede? Tendo sentido a dor física, não desejais que ela se repita. Tendes a idéia de que ela pode voltar, e essa idéia gera medo. Pensais na dor de ontem ou de há dois dias e não desejais tornar a sofrê-la. O pensamento, que é a reação da memória, diz: "Não quero tornar a sentir essa dor." Assim, psicologicamente, a dor continua existente; não podeis esquecê-la. O pensar na dor passada mantém viva essa dor, e quanto mais pensais nela, mais forte se torna a "memória" dela e o medo de tornardes a senti-la.

O pensamento, pois, gera medo. Posso perder meu emprego; esse "posso" está no futuro: penso isso, portanto, sinto medo. Penso na morte, e esse pensamento me faz medo. Assim, como dissemos, o pensamento gera medo, não só medo do passado, mas também medo do futuro. Se não compreenderdes bem este ponto, nunca ficareis livre do medo. Vamos, pois, verificar juntos se podeis libertar-vos totalmente do medo. Sereis, então, um homem livre e largareis todos os vossos *gurus;* sereis capaz de pensar, de ver, de viver, em plena claridade, num estado extático. Dessarte, cabe-vos compreender a fundo esta questão.

Como vimos, o pensamento tanto dá continuidade à dor psicológica como à dor física. Experimentastes ontem um grande prazer sensorial — um prazer sexual ou o prazer de ver uma bela árvore, sua forma, beleza, dignidade, sua pujança, ou um belo pôr do Sol. Esse prazer se registrou em vosso cérebro. Ao admirardes o ocaso — se alguma vez vos dais ao trabalho de olhá-lo —, no momento dessa experiência, não pensais: "Preciso

repeti-la." Só há a experiência; mas, um segundo após, exclamais "Que bela coisa! Quero repeti-la".

Esse desejo de repetição é o começo do prazer. Compreendeis? O desejo da repetição de um incidente que proporcionou deleite, o buscá-la, o exigi-la, é prazer, e este, por sua vez, é pensamento. Isto é, ver o pôr do Sol, depois, pensar nele e desejar a repetição dessa experiência — isso é prazer, não? O mesmo acontece em relação ao prazer sexual: o desejo de repetição, a imagem, o pensar nesse prazer, o ruminá-lo e desejá-lo de novo. Por conseguinte, o pensamento, o pensar, tanto gera o medo como o prazer. Mas se, depois de sentirdes a dor física, a derdes por terminada, dela não fizerdes nenhum registro, ela não terá continuidade — a continuidade produzida pelo pensar a seu respeito.

Vou agora examinar este ponto. Tende a bondade de escutar. Visto que somos entes humanos, e não meros animais, cumpre-nos viver inteligentemente — viver uma vida maravilhosa e de beleza, e não cheios de ansiedades, de sentimentos de "culpa", frustração, medo — medo que se expressa de diferentes maneiras: medo do escuro, medo da morte, medo de perder dinheiro, medo de não podermos tornar-nos pessoas importantes...

Como dissemos, o pensamento nutre, sustenta e dá continuidade ao medo e ao prazer. Ora, perguntamos: Porque é que o pensamento, que tantas maravilhas criou neste mundo — uma admirável tecnologia, miraculosos medicamentos, ciências várias — porque é que esse mesmo pensamento gera e mantém vivos o medo e o prazer? Assim, que é o pensamento, quando deve ele funcionar total e racionalmente, e quando deve estar completamente quieto? O pensamento é a reação da memória, do conhecimento, da experiência, armazenados no cérebro; essa memória, essa reação, é pensamento. A memória, a inteligência, o conhecimento, criaram o foguete que foi à Lua, criaram verdadeiras maravilhas tecnológicas, o avião, tantas coisas extraordinárias e, no entanto, esse mesmo pensamento dá continuidade ao medo, esse mesmo pensamento busca o prazer, e esse mesmo prazer se torna medo. Percebeis a dificuldade? Necessitais do pensamento para "funcionardes" racional, objetiva, logicamente e, ao mesmo tempo, vedes que o pensamento está sempre a causar medo.

Cabe-nos, pois, descobrir por que razão o pensamento interfere (se posso usar o verbo "interferir") sempre que há uma

experiência de prazer ou de dor; por que razão, quando experimentamos qualquer coisa, quando temos dor física ou moral, o pensamento "interfere" e dela se apodera. Porque isso? Estais também fazendo esta pergunta? Vós compreendeis o problema, não? Para ser capaz de falar inglês, preciso de abundantes conhecimentos dessa língua, preciso da memória, etc.; e o pensamento se serve dessa memória das palavras inglesas para comunicar qualquer coisa. O pensamento, pois, está fazendo uso desses conhecimentos, mas faz também uso do conhecimento que gera medo, do conhecimento da dor sentida ontem, do conhecimento do prazer ontem experimentado.

E, assim, perguntamos: Porque é que o pensamento está sempre evitando o medo e apegando-se ao prazer? Essa é uma das questões. E a outra é esta: Porque é que o pensamento interfere sempre que há uma experiência? Compreendeis? Tenho a experiência do pôr do Sol e, nesse momento, nenhum pensamento existe; estou simplesmente a olhar aquela luminosa beleza. Vem, depois, o pensamento: "Quero repetir esta experiência amanhã" — isto é, o conhecimento da experiência de prazer faz-me desejar a sua repetição. Senti dor; a lembrança dessa dor é conhecimento e, de acordo com esse conhecimento, ou nele firmado, digo: "Não a desejo." Entendeis? Isso o pensamento está fazendo a todas as horas, sempre funcionando entre o prazer e a dor. E o pensamento é responsável pela existência de ambos.

Assim, por um lado, o conhecimento é essencial, sem ele não poderíeis voltar para casa, não poderíeis falar vossa língua, nem inventar coisas, nem erguer construções, se sois arquiteto, etc. O conhecimento é essencial, mas também é certo que o conhecimento da dor ontem sofrida gera medo. Cabe-vos, pois, descobrir por vós mesmos o que é que está em ação quando ausente o pensamento.

Se me vindes acompanhando desde o começo, observando tudo o que estamos mostrando, então, vossa mente se tornou sensível, desperta, cônscia do problema inteiro, de modo que podeis vê-lo diretamente e compreendê-lo instantaneamente — *instantaneamente,* e não por meio de análise. Vossa mente, portanto, se tornou inteligente, porque se tornou sensível ao problema que antes evitava. Sois agora sensíveis ao problema do medo e do prazer e, por conseguinte, o estais observando. A mente que está observando o medo e o prazer nada aprendeu antes sobre eles: *está aprendendo agora.*

Vede, senhores, eu desejo de todo o coração transmitir-vos esta coisa, a fim de que, ao sairdes daqui, sejais entes humanos novos, entes humanos vivos e não eternamente dominados pelo medo.

Vede, senhor, se estais aprendendo uma coisa, digamos a língua russa ou italiana, vós não a sabeis, estais aprendendo-a· por conseguinte, dela vos aproximais como de uma coisa nova. Vós não sabeis o italiano ou o russo; só o sabereis depois de acumulardes conhecimentos dessa língua, mas, no começo, nada sabeis. Ora, vós pensais conhecer o medo, pensais conhecer o prazer, mas na realidade nada sabeis a seu respeito. Portanto, estais aprendendo agora; percebeis a diferença? Por conseguinte, a mente que está aprendendo é uma mente inteligente, e não aquela que diz: "Aprendi" ou "Sei o que é o medo". Isto é, a mente que está aprendendo é inteligente; e não é inteligente a mente que diz: "Ensinai-me, vós sois meu *guru*. Eu vos obedecerei, estou disposto a pôr-me de pernas para o ar, a dançar, a fazer o que mandardes, a fim de ir para o céu." Essa é uma mente entorpecida, incapaz de aprender; é uma mente morta, neurótica. Mas a mente que está aprendendo diz: "Eu não sei, vou observar o medo pela primeira vez, vou observar o apego pela primeira vez, vou observar pela primeira vez o que o prazer é realmente." Ora, como vedes, quando estais aprendendo, a mente está desperta. A mente desperta é uma mente inteligente, e essa inteligência é que vos dirá quando se deve e quando não se deve fazer uso do conhecimento.

Vede, senhor, eu quisera que estivésseis aqui, no meu lugar, e eu estivesse aí, no vosso lugar; porque este que vos fala, senhor, não leu livro nenhum sobre esta matéria, nem *Gita,* nem *Upanishads,* nenhum dos livros filosóficos ou psicológicos que tratam da psique humana. Cada um tem de descobrir a Verdade por si próprio. A Verdade não é uma coisa "em segunda mão". Não podeis adquiri-la por intermédio de um *guru,* de um livro. Para conhecê-la, tendes de aprender; compreendeis, senhor: aprender? E a beleza do aprender é o "não saber". Vós não sabeis o que é a Verdade. Não tenhais a pretensão de sabê-lo, não citeis o que outro disse. Na realidade, vós não o sabeis e, por si próprio. A Verdade não é uma coisa "de segunda mão". descobrirdes, precisais de paixão, de "intensidade". Inteligente, pois, é a mente que *está aprendendo,* e não aquela que repete o que *aprendeu,* ou a mente escravizada a um hábito, ou a que diz:

"Tenho medo e não sei o que fazer a esse respeito", e tampouco a mente que diz: "Quero prazer, cada vez mais prazer."

O aprender, pois, traz inteligência e, se agora estais realmente aprendendo, não de mim, tendes então essa extraordinária inteligência que não se adquire de livro nenhum.

Passemos a *aprender* o que é o Amor. Eis uma palavra muito usada e repetida, que tendes rodeado de fórmulas de toda espécie: o amor é divino, o amor é sagrado, o amor não é profano... Com isso pensais tê-lo compreendido. Vós sabeis o que é o amor? Se sois realmente sincero, não hipócrita, direis: "Não sei; só sei o que é o ciúme, o que é o prazer sexual — a que chamamos amor; só sei das agonias por que passamos por causa dessa coisa que chamamos amor." Mas a natureza do amor, a sua beleza, essa, em verdade, desconheceis.

Que é, pois, o amor? A seu respeito não tenhais nenhuma opinião, nenhuma fórmula. Se as tendes, cessastes de aprender. Compreendeis o que é o amor? Investiguemos isso. Se compreendo verbalmente o seu significado, o que compreendo não é, de modo nenhum, amor. Que é o amor? É prazer? É desejo? É um produto do pensamento? É amar a Deus e odiar o homem? É isso o que fazeis — amais a Deus e espesinhais o vosso semelhante. Amais o líder político, ou talvez não o amais, mas amais o vosso patrão, vossa esposa. Amais realmente vossa esposa? Sim? * Que significa isso? Quando amais uma coisa, velais por ela. Senhor, vós amais os vossos filhos, isto é, velais por eles não só enquanto pequeninos, mas também ao se tornarem maiores, cuidando de que recebam educação correta? Se os amais, tereis cuidado em não vos interessardes apenas em que eles obtenham empregos seguros, casem-se e se estabilizem, seguindo o padrão de vossa própria geração.

E o amor não é ciúme, é? Um homem ambicioso e decidido a alcançar a qualquer preço os seus alvos jamais compreenderá o que é o amor, não achais? Pode um homem violento compreender o que é o amor? E o homem, com efeito, é violento, agressivo, ambicioso, competidor. O que chamais amor é apenas prazer. Dizeis que amais vossa família. Sabeis o que significa amar alguém? Pode um homem amar sua esposa e filhos se é ambicioso, se, nos negócios, quer prosperar enganando seus semelhantes?

(*) Palavra dirigida a um ouvinte que respondeu afirmativamente. (N. do T.)

Por conseguinte, para descobrirdes o que é o amor, a ele vos deveis chegar negativamente: não ser ambicioso. Se dizeis: "Se eu não for ambicioso, serei destruído por este mundo" — deixai-vos destruir; porque, afinal de contas, este é um mundo estúpido, monstruoso, imoral. Se realmente desejais descobrir a beleza, a verdadeira natureza do amor, deveis renegar toda a moral cultivada pelo homem. O que tendes cultivado é a ambição, a avidez, a inveja, a competição, o apego a vosso desprezível "eu", a vossa insignificante família. Vossa família sois vós mesmo. Estais identificado com ela e, por conseguinte, amais a vós mesmo, não a vossa família, a vossos filhos. Se de fato amásseis vossos filhos, o mundo seria diferente, não haveria guerras. Assim, para descobrirdes o que é o amor, deveis afastar o que ele não é. Estais disposto a isso? Ora, vós estais disposto a tudo, menos isso; quereis freqüentar vossos templos, vossos *gurus,* ler incessantemente vossos livros sagrados, recitar *mantras,* * iludir a vós mesmo, e falar sobre o amor de Deus e vossa devoção a vosso *guru.* Não quereis fazer a única coisa certa, que é: descobrir o que significa amar, descobrir, por vós mesmo, o que significa não ser agressivo.

Assim, o homem que no coração não tem amor, mas só coisas feitas pelo pensamento, esse homem fará um mundo monstruoso, edificará uma sociedade totalmente imoral. E foi isso que fizestes. Dessarte, para descobrirdes o amor deveis desmanchar tudo o que fizestes, não por meio do tempo, dizendo: "Eu o desmancharei gradativamente." Esse é outro artifício da mente. Dizeis: "Isto é meu *karma.*" Se compreenderdes realmente a agressividade, compreenderdes quanto ela é terrível, quer em pequena, quer em grande escala, vós a abandonareis instantaneamente. Nesse abandono, há grande beleza.

E cumpre-nos também descobrir o que signifca morrer. Já vistes a morte. Já vistes pessoas morrerem e serem transportadas para o túmulo, mas não sabeis o que significa morrer, sabeis? Tendes teorias e crenças acerca da morte, sobre o que acontecerá após a morte ou dizeis "Creio na reencarnação". Todos vós credes na reencarnação, não?

(Vozes: Nós cremos)

Sabeis o que isto significa — reencarnação? Escutai, bem quietos. Adotastes a suposição de que, após a morte, *vós* renascereis;

(*) *Mantras:* fórmulas sagradas do hinduísmo (Dic. "Funk & Wagnals"). (N. do T.)

credes nisso. Que é "vós"? — O dinheiro depositado no banco, a casa, o emprego, lembranças, disputas, ansiedades, dores, medo — tudo isso não é "vós"? Negais que isso seja "vós", dizendo que o "eu" é muito superior a essas coisas? Se dizeis que o "eu" não é vossos móveis, vossa família, vosso emprego, mas uma coisa infinitamente superior, *quem* é que o diz, e como sabeis que existe "uma coisa infinitamente superior"? Quem o diz é o pensamento e, portanto, essa coisa "infinitamente superior", esse "superego", esse *Atman*, está ainda no campo do tempo, no campo do pensamento, e o pensamento é "vós" — vossos móveis, vossa conta no banco, vosso apego à família, à nação, a vossos livros, a vossos desejos impreenchidos. Se realmente acreditásseis — com o coração e não com vossa mente desprezível — que na vida futura reencarnareis, estaríeis vivendo hoje de maneira totalmente diferente, porque, pelo que hoje fazeis, tereis de pagar amanhã, na "vida futura".

Ao morrerdes, perdereis vosso depósito bancário, pois não podeis levá-lo convosco; podereis retê-lo até o último minuto, e a maioria das pessoas quer retê-lo até o último instante — risível, não? Assim, como realmente não sabeis nada sobre a morte, vamos aprender o que ela é — *aprender,* e não apenas repetirdes o que o orador diz, porque, se o repetirdes, vereis que são meras palavras — *nada.*

O organismo físico, decerto, perecerá. O cientista poderá dar-lhe mais uns cinqüenta anos, mas, ao cabo deles, o organismo morrerá, porque está sendo submetido a constante uso e abuso. O organismo vive sujeito a tensões e pressões de toda espécie; dele se abusa com bebidas, drogas, comidas impróprias, incessante luta. Tais excessos cansam o organismo, de onde os colapsos cardíacos, as doenças, etc.

O corpo perecerá, e que mais morrerá com ele? Vossa mobília, vosso saber, vossas esperanças, desesperos e preenchimentos. Que é, pois, a morte? Aprendei-o, por favor. Nós estamos aprendendo juntos. Para descobrirdes o que é a morte, deveis morrer, não? Se sois ambicioso, deveis morrer para vossa ambição, vosso desejo de poder, posição, prestígio; morrer para vossos hábitos, vossas tradições. Compreendeis? Não se pode discutir com a morte, dizer-lhe: "Preciso de mais uns dias, não acabei de escrever o meu livro; quero mais um filho, etc." Nada se pode alegar; portanto, abstende-vos de argumentar, de justificar.

Morrei completamente para toda e qualquer coisa: vossa vaidade, vossas aspirações, as imagens que tendes de vós mes-

mo, de vosso *guru,* de vossa esposa. Se o fizerdes, compreendereis o significado da morte, sabereis o que é uma mente morta para o passado. Só a mente que morre todos os dias tem a possibilidade de transcender o tempo.

Bem, senhores, estivestes ouvindo esta palestra; por conseguinte, aprendestes o que é o medo, o que é o prazer. E, se o aprendestes, já sabeis o que é o amor — aquele estado da mente — e por "mente" entendo o cérebro, o coração, a totalidade — em que não existe divisão, fragmentação de espécie alguma. E, agora, se alcançastes esse estado, se tendes essa mente excelente, esse coração puro, depois de sairdes daqui, nesta tarde, morrei para tudo o que aprendestes hoje, a fim de despertardes, amanhã, mais uma vez completamente novo. Do contrário, se, transportardes para amanhã toda a carga de hoje, dareis continuidade ao medo. Morrei, pois, cada dia, para conhecerdes a beleza da vida, a beleza da Verdade, e não precisardes aprender nada de ninguém, porque *vós* estareis aprendendo.

Bombaim, 14 de fevereiro de 1971.

O SENTIDO DA MEDITAÇÃO

(Bombaim – XV)

Nas últimas palestras estivemos considerando vários problemas e, agora, espero que pelo menos alguns de vós tenham aprendido a observar não só seus problemas íntimos, pessoais, mas também os problemas mundiais. Nesta palestra vamos tratar da meditação. Eis uma palavra que — tal como as palavras "amor", "disciplina" — se acha fortemente "carregada". Aqui, no Oriente, e principalmente neste país, qualquer um compreende *verbalmente* o que é meditação, mas duvido que saibais *realmente* o que é meditação. Fazeis o que vos ensinaram, seguis vários sistemas e, portanto, vossa mente não está livre para observar, para investigar, para considerar a fundo esta importante questão. Já enchestes a mente e o coração com as experiências, as conclusões, as asserções de outras pessoas. Estais sempre pronto a aceitar o que outros oferecem porque vós mesmo nada sabeis, vos vedes incerto, infeliz, confuso; e nunca falta quem vos diga que, se fizerdes "tais" e "tais" coisas — meditar, fechar os olhos, respirar de certa maneira, etc., tereis uma mente tranqüila.

Aceitando tantas coisas, não sois livre para investigar e descobrir, realmente, por vós mesmo, o que é meditação. Meditação não tem absolutamente nada que ver com qualquer sistema ou movimento da vontade. Não há nela observância de qualquer método ou sistema conducente a uma certa conclusão ou estado fixo. Sistema, método implica a incessante repetição de uma certa fórmula, com a esperança de se experimentar o que prometem os *gurus,* os instrutores, os livros. A constante repetição de uma certa prática não só torna a pessoa mecânica, insensível, mas também sua mente se embota.

Estamos sempre a pedir o "como". "Como meditar?" — eis uma das perguntas mais infantis que se podem fazer sobre essa imensa matéria; nada mais infantil do que pedir: "Dizei-me o que devo fazer, como poderei prender na mão a terra, o mar, o vento." Se vos observardes, vereis que é isso o que todos desejais. Quereis experimentar alguma coisa por meio de um método. Método não implica apenas ajustamento, medição dos resultados conseguidos, mas implica também um caminho conducente a um ponto fixo, não é verdade? Esse ponto está "lá", e para o alcançardes basta seguirdes os necessários preceitos. Nada mais ilógico e irracional, porquanto, se observardes o que se passa em vossa própria vida, podeis ver que nada é estável, nada é permanente. Podeis desejar o permanente, uma relação permanente com vossa esposa, vossos filhos, vosso próximo, vossa sociedade.

Não podeis ter permanentemente coisa alguma. Nem vossa conta no banco é permanente. Nenhuma relação é permanente. Tudo flui, tudo se move. Percebendo esse fato, desejamos alguma coisa de permanente a que nos apegarmos. A essa coisa chamamos "Verdade", "Deus" — ou como preferis chamá-la. Assim, se compreenderdes, se virdes realmente este fato que a Verdade, a Realidade, não tem ancoradouro, ver-vos-eis como que navegando por um mar desconhecido, pois, para descobri-la, não podeis seguir nenhum roteiro, traçado por vós mesmo ou por outro: tendes de *descobri-la.*

E, quando tendes um caminho conducente à Realidade, isso implica tempo. Para vos transportardes daqui para ali, precisais de tempo, tendes de viajar muitos dias para transpordes a distância intermediária. E nesse intervalo de tempo, entre "aqui" e "ali", outros fatores intervêm. Por conseguinte, dizeis: "Preciso concentrar-me, pensar só numa coisa e rejeitar todas as outras, subordinar tudo o mais a este único fator." O processo mecânico dos sistemas produz insensibilidade, gera a repressão ou a resistência ao que realmente sois, o querer sobrepor ao que sois o que pensais *devíeis ser;* isso envolve conflito, batalha. Querendo controlar, reprimir, disciplinar a vós mesmo, vos forçais a ficar sentado, imóvel, respirando "corretamente", tudo isso na esperança de, no fim de certo tempo, alcançardes uma coisa a cujo respeito não sabeis absolutamente nada. Por conseguinte, o homem sensato rejeita toda e qualquer idéia de sistema ou método, compreendendo que eles não o levarão a parte alguma. Mas, inculcaram-vos a idéia de que sois capaz de "experimentar"

a Verdade, de alcançar a "iluminação", de descobrir a Realidade. Já não ouvistes vossos *gurus,* as pessoas que vos instruem sobre "como meditar", já não os ouvistes dizer que "experimentaram" a Verdade, a Realidade? Há dias alguém veio dizer-nos: "Experimentei a Realidade, sei o que é a Verdade"; não se pode enunciar maior absurdo.

Escutai, senhor: Quando um homem diz "sei", que é que ele sabe? Ao dizer "sei", isso significa que sei de algo já acabado. Certo? Eu só sei o que já acabou, que está no passado; portanto, estou vivendo no passado. Observai isso, por favor, em vossa própria vida. Se digo "conheço-vos", só conheço a imagem que tenho de vós, e essa imagem é o passado. Portanto, o homem que diz que sabe o que é a Verdade, não o sabe. Ele sabe de algo já morto, acabado.

Já refletistes sobre a palavra "experiência"? Ela significa "atravessar" * (um certo estado). Depois de "atravessardes" qualquer estado, ele está acabado; mas, se não se completa o movimento, ele se registra na mente como "memória", e o que se experimenta é o passado. No justo momento de experimentardes qualquer coisa — cólera, sexo, violência — não há nenhum "experimentador". Já notastes isso? Quando estais muito enraivecido, quando sentis muita inveja, nesse momento está totalmente ausente o "eu", o "vós" — o "experimentador". Este último só chega um instante após e dizeis, então: "Estive enraivecido". Portanto, os que dizem que sabem não sabem. Os que dizem ter experimentado a Realidade jamais a experimentaram, porque "experimentar" não significa apenas "passar por uma coisa", mas também reconhecê-la. De contrário, não há experiência. Se eu já não vos conhecesse, não poderia reconhecer-vos (e "reconhecer-vos" é uma experiência). Assim, a palavra "experiência" implica reconhecimento. Reconhecer implica que já conheceis; e o que já conheceis não pode ser o Real. Portanto, rejeitai completamente todos os sistemas. Acautelai-vos dos que dizem "experimentei" e dos que dizem "sei". Não vos deixeis cair nessa armadilha. Esse é o meio de que eles se servem para explorar-vos.

Disseram-vos que deveis concentrar-vos, que deveis aprender a concentração. Já investigastes o que a concentração implica? Implica ação da vontade, ou seja resistir a qualquer

---

(*) *Go through.* (N. do T.)

outro pensamento e focalizar toda a energia, todo o pensamento numa certa coisa, numa sentença, palavra ou frase, na recitação de *mantras*... repetir, repetir, repetir. Concentração implica resistência. Resistis à infiltração de qualquer outro pensamento, ou controlais os vossos pensamentos, para que não se ponham a divagar. A concentração pois, é vontade, na forma de resistência ou repressão, quando necessitamos de uma mente livre, uma mente viva, cheia de energia. A mente em constante conflito desperdiça energia, e vós necessitais de energia. Precisais de energia para executardes vossas tarefas, para tudo necessitais de energia. Assim, se puderdes desfazer-vos de vossos sistemas favoritos, se puderdes ver como um fato verdadeiro que a concentração é meramente resistência e, por conseguinte, incessante conflito e desperdício de energia, estareis apto a descobrir por vós mesmo os requisitos necessários ao estado de meditação.

Podemos agora investigar juntos — não, "meditar juntos"? Este é um dos expedientes em uso: meditação coletiva: juntar-se uma porção de gente e todos fecharem os olhos para meditar sobre isto ou aquilo. Nós estamos investigando em comum o que é meditação; não estamos "meditando em comum", pois não sabeis o que é meditação, só sabeis o que outros vos disseram. Tende cuidado com o que dizem outros, inclusive este orador, pois vos deixais persuadir muito facilmente. E vos deixais persuadir porque estais muito ansiosos por experimentar algo que pensais ser maravilhoso. Portanto, não vos deixeis influenciar por este orador.

Averiguemos o que significa "a mente em meditação". Já dissemos que tendes de rejeitar todos os sistemas e métodos, todo desejo de experiência, e explicamos o que significa esse desejo, ou seja o "motivo" existente atrás do desejo de experiência. Assim, deveis rejeitar todas essas coisas e também tudo o que anda por aí com o nome de "meditação" — respirar de certa maneira, dançar, tornar-se emotivo, sentimental. Que é, pois, essa coisa chamada "meditação"? Vós ides descobri-lo; não, descobrir "como meditar", porém a natureza e estrutura da mente que se acha totalmente livre, sem funcionar, sem nenhum movimento da vontade, porque vontade significa resistência. Não estais aprendendo nada deste orador. Sois vosso próprio *guru* e vosso próprio discípulo, porque *vós* é que tendes de descobrir isso. Tendes de aprender, em vez de imitardes ou seguirdes autoridades.

Dessarte, o principal é compreenderdes a vós mesmo, porque, sem essa compreensão, não tendes uma base racional para nenhum pensamento, nenhuma estrutura. Se não vos compreendeis, como podeis compreender outra coisa qualquer, e muito menos uma coisa que talvez não exista? O primeiro movimento, pois, é compreenderdes a vós mesmo, ver-vos exatamente como sois e não como gostaríeis de ser. Compreendei-vos. Malevolência, brutalidade, violência, avidez, inveja, torturante solidão e desespero — eis o que sois. E, por não terdes sido capaz de compreender e ultrapassar o que sois, inventastes o "eu superior", o "Atman" — um dos ardis com que vos iludis. Deste modo, tendes conflito entre o que sois e o que pensais ser, ou vosso Atman diz "devíeis" ser. Estais, pois, fazendo um jogo que não vos ajuda a compreender-vos. Para compreenderdes o que sois, tendes de olhar a vós mesmo. Se quero conhecer aquela árvore ou aquele pássaro, tenho de olhá-lo. Cumpre-me olhar a mim mesmo, porque não sei o que sou. Devo aprender sobre o que sou, sem a ajuda de nenhum filósofo ou psicólogo, de nenhum livro, guia ou *guru*.

Averiguemos o que somos. Nós somos o dinheiro depositado no banco, somos invejosos, ambiciosos, corruptos, dizemos uma coisa e fazemos outra, somos hipócritas, mascaramo-nos, dissimulamo-nos; e, de permeio com tudo isso, há o sentimento de tristeza, de dor, de ansiedade, há lágrimas, há os tormentos da solidão. Eis o que somos; e, se não o compreenderdes e ultrapassardes, como podereis compreender algo de sumamente belo? Cabe-vos, pois, compreender o que sois; e surge aqui uma grande dificuldade: porque *o que sois* é um movimento constante, uma contínua mutação; não sois permanentemente ávido, ou permanentemente violento, ou permanentemente "sexual": há mutação, movimento constante — viver. Impende-vos compreender essa coisa viva e, para compreendê-la, tendes de observá-la, em cada minuto, como coisa nova. Percebeis a dificuldade? Para compreender o que sou — uma entidade viva, e não uma coisa morta — tenho de observar-me, e o que observo num minuto, tenho de largá-lo, para tornar a observá-lo no próximo instante. Estou, assim, observando em cada minuto, como coisa nova, uma entidade viva; não levo para o próximo minuto o que aprendi, a fim de, com esse conhecimento, observar aquela coisa sempre nova. Se assim fizerdes, vereis que essa é uma das coisas mais fascinantes, porque, então, a mente retém muito pouco, conservando apenas o conheci-

mento técnico essencial, e nada mais. Desta maneira, ela está apta a observar o movimento do "eu" — essa entidade tão complexa — não só no nível superficial, mas também profundamente.

Não sei se haverá tempo para examinarmos toda esta matéria. Serei breve o mais possível; tende a bondade de escutar. No nível superficial, e estando atento, podeis observar-vos, em cada minuto, de maneira nova. Mas, como ireis observar os segredos de vossa mente, os ocultos "motivos", vossa complexa herança? Tudo isso existe, oculto. Como ireis observá-lo? Observar não é analisar, mas, sim, estar vigilante durante o dia, percebendo todo o movimento, as mensagens indiretas e sugestões dos desejos secretos. Observai com o espírito aberto, para descobrirdes os "motivos", as intenções, a tradição, o fundo hereditário.

Assim, observando todas essas coisas durante o dia, em chegando a noite, ides dormir com a mente completamente quieta. Não tendes, então, sonhos, porque os sonhos são a continuação, em forma simbólica, dos conflitos do dia; pois, compreendendo o movimento diário de vossa vida, vossa avidez, vossas invejas, irritações, etc., estareis esvaziando a mente de todo o passado. Dessarte, deveis aprender sobre vós mesmo constantemente. Aprender é presente ativo. Há, então, disciplina. Vivemos a reprimir, a controlar, a ajustar, a imitar, e a isso chamamos "disciplina"; mas essa é a disciplina do soldado.

Já observastes os soldados, não? Sabeis como eles são e não há necessidade de descrevê-los. E foi a isto que reduzimos a disciplina: exercitamento. Nessa espécie de disciplina que tendes, praticada por vosso *guru* e por todos os outros, não há liberdade nenhuma. Há decomposição, deterioração, ao passo que, no aprender sobre nós mesmos a todas as horas, e não "após ter aprendido", cria-se a ordem própria desse aprender. Se estou aprendendo acerca do processo do viver, esse mesmo aprender traz sua ordem própria e, portanto, sua peculiar virtude. A virtude que se cultiva não é virtude. Há, pois, necessidade de conhecerdes a vós mesmo, necessidade dessa ordem que é disciplina, e não deve haver nenhuma ação volitiva. Vamos examinar um pouco este ponto.

Que é a vontade? Quando dizeis "quero, não quero; devo, não devo" — não representa isso a asserção de uma decisão, de um desejo? Na ação da vontade há escolha — não quero fazer isto, quero fazer aquilo. Estais compreendendo? Compreendei-o, por favor, porque, se não aprenderdes tudo isso sobre vós mes-

mo, tereis uma vida de aflição. A essa aflição podeis fugir, lutando. E só estas duas coisas conheceis: resistir, fugir. Resistência significa luta. E, quanto à fuga, há toda uma cadeia de fugas: os templos, os *gurus,* as drogas, o beber, o sexo... E em tudo isso está implicada a vontade. Pode a pessoa viver, cada dia, sem o movimento e a ação da vontade, quer dizer, viver uma vida em que não haja escolha de espécie alguma?

Havendo escolha, há contradição. Só há escolha quando estais confuso, não? Quando não sei o que faça, estou confuso; dessa confusão vem a escolha e, da escolha, a ação volitiva. Porque estais confuso? A maioria das pessoas está; porquê? Isso acontece porque não aceitais o que realmente *é.* Quereis mudá-lo noutra coisa. E, no momento em que o fazeis, há conflito e, por causa desse conflito, confusão. A ação da vontade, pois, é produto da confusão.

A meditação é um movimento em que não existe nenhuma ação da vontade. Se viestes acompanhando ou estais acompanhando o que se está dizendo, tendes agora uma questão: Que é que interessa ao cérebro? O cérebro resulta do passado. O cérebro (suas células) é o resultado de secular evolução. Ele reuniu uma enorme massa de conhecimentos, a fim de subsistir. E, vendo tornar-se cada vez mais difícil a subsistência física — dada a "explosão demográfica", as divisões religiosas e nacionais: hinduístas, cristãos, muçulmanos, alemães, etc. — ele recorre à fé. O cérebro, em sua necessidade de segurança, de proteção, de subsistência, tenta uma coisa após outra: o nacionalismo, a família, o depósito bancário... E, não conseguindo achar essa segurança, espera alcançá-la em alguma crença, em algum Deus, alguma ilusão — ilusão que se torna sumamente importante. É isso o que estais fazendo: vosso nacionalismo é uma ilusão, vossos deuses são uma ilusão: vós os inventastes. Vossos *gurus,* vossos sistemas de moralidade — nisso não há segurança nenhuma.

O cérebro, pois, exige, necessita completa segurança, para funcionar racional e sãmente, e descobre que não há segurança alguma no pensamento. Antes, ele buscava a segurança no pensamento. O pensamento, o único instrumento que possuís, é o passado, reação do passado. O pensamento não é livre, é tão velho como aqueles morros, porque o pensamento é reação da memória. Assim, nem na crença que tendes em vossos deuses, nem nos vossos sistemas políticos, vossas organizações religiosas, vossos ídolos e templos e *gurus,* encontra-se segurança, porque

todas essas coisas são invenções do pensamento. Compreendeis? Compreendei esta verdade, não apenas as palavras e seus significados, as descrições ou explicações.

Então, que acontece? As células cerebrais só estão interessadas em sua subsistência, e em nada mais, nem deuses, nem ilusões; só na subsistência física. Direis que isso não é espiritual — o mero subsistir fisicamente. Ora, é justamente quando o cérebro só está interessado na subsistência física, é então que ele está totalmente vazio, completamente quieto. Compreendeis?

Senhores, a consciência é coisa herdada; sabeis o que isso significa? A consciência é o resultado do tempo, a consciência é seu próprio conteúdo, ou seja tempo, sofrimento, confusão, aflição; e a inteligência não tem nada de herdado. Se percebeis, se vossa mente percebe a importância desse interesse total em subsistir, e em nada mais, surge a inteligência. E esta organizará a sociedade de maneira inteiramente diferente: sua moralidade será então — ordem.

Estamos perguntando o que é uma mente em completo silêncio, porque, só estando totalmente quieta, a mente (ou o cérebro) é capaz de percepção. Se desejo escutar o que dizeis, devo estar completamente quieto, não? Quando me dizeis "Eu te amo", devo ouvir-vos com o coração, onde não há nenhum movimento de contradição. Do mesmo modo, para escutar, observar, a mente deve achar-se absolutamente quieta. Vede simplesmente esta verdade, sem perguntardes como aquietar a mente. Se perguntardes como tranqüilizá-la, ver-vos-eis de novo em vossa antiga armadilha. E há *gurus*, aos milhares, prontos a dizer-vos como manter quieta a mente. Mas vede a verdade de que para perceberdes a árvore, a nuvem toda iluminada do Sol poente, os reflexos sobre a água, para perceberdes essa beleza, vossa mente deve estar totalmente tranqüila. Se alguém vos ameaça ou vosso patrão vos fala, vós escutais com muita atenção, não? O que ele diz poderá desagradar-vos, causar-vos ressentimento, mas tendes de escutá-lo em silêncio, porque disso depende vossa vida, vosso sustento, vosso dinheiro. Assim, nesse momento, vos mantendes silencioso. Do mesmo modo, percebei a verdade de que para verdes ou escutardes qualquer coisa, tanto sensorial como não verbal, vossa mente deve estar quieta. Esta é uma verdade, uma coisa sã; mas o homem que tem crenças, que está todo embebido de tradição, que se diz hinduísta, budista, esse homem jamais perceberá o verdadeiro. A quietação da mente é, com efeito, uma coisa muito simples; e só nesse estado de

quietude pode perceber-se a beleza da Terra, a beleza da árvore, a beleza de uma ave ou de um rosto. E, sem a beleza, jamais achareis a Verdade, jamais vereis a Verdade.

Sabeis o que significa beleza? Não me refiro à beleza da arquitetura, das formas no espaço, da pintura, nem à beleza de um rosto ou de um *sari,* mas, sim, à beleza que surge quando já não há nenhum movimento do "eu", nenhum movimento volitivo, nenhum movimento do tempo. Só na total ausência do "eu", da vontade, ela se encontra. Há, então, paixão, e, nessa paixão, uma grande beleza. Assim, à mente que medita só interessa a meditação, e não o meditador. O meditador é o observador, o censor, o pensador, o experimentador. E, quando há experimentador, este está sempre a "estender a mão", ávido de ganho, de experiências; mas o que está fora do tempo não pode ser experimentado. "Lá", não existe experiência nenhuma; só existe aquilo que é indenominável.

Vede, senhores, quando a mente está quieta, o corpo está quieto, e não vice versa. Forçais o corpo a quietar-se, fazeis uma infinidade de coisas para alcançardes aquela extraordinária beleza do silêncio. Não façais nada disso; observai, tão-só. Em tais práticas, como sabeis, podem adquirir-se certas faculdades: clarividência, capacidade de ler os pensamentos de outrem... Sabeis a que faculdades nos referimos: vós as chamais *siddhis,* não? Ora, essas coisas são como velas acesas ao Sol. Quando não há Sol, há escuridão e, por isso, se torna tão importante a luz da vela; mas, havendo Sol, luz, beleza, claridade, então todas essas faculdades, ou *siddhis,* são como a luz de uma vela: não têm valor algum. Vós necessitais de uma mente sã, lógica, racional, e não de uma mente entorpecida. Se tendes luz, não precisais de mais nada, não há necessidade de criarem-se esses centros chamados *chakras, kundalinis,* etc. Se uma pessoa tem a mente embotada, poderá ficar sentada séculos seguidos a concentrar-se em seus *chakras* e *kundalinis,* que nunca alcançará aquele estado em que não existe o tempo, aquele estado de beleza, verdade, e amor.

Por conseguinte, rejeitai as velas que os *gurus* e os livros vos oferecem. Não repitais nunca uma palavra que vós mesmo não tenhais compreendido, que vós mesmo não tenhais provado e achado verdadeira.

Bombaim, 17 de fevereiro de 1971.